



**MEU AMIGO
CHE**

RICARDO ROJÓ



 **DEBOLSO**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



Formatação/criação ePub: Reliquia

Sumário

Epígrafe

PRIMEIRA PARTE

1. Uma Revolução nas Nuvens
2. O Turbilhão no Caribe
3. A Forja de um Revolucionário

SEGUNDA PARTE

4. Vésperas de Invasão
5. O Desafio Cubano
6. Um Socialismo Latino-americano

TERCEIRA PARTE

7. Guerrilhas na Argentina
8. O Mistério Ardente
9. Paixão e Morte na Bolívia

*"Hay que endurecerse, pero
sin perder la ternura jamás"*
CHE GUEVARA, 1967

PRIMEIRA PARTE

Descobrimo a América Latina

1. Uma Revolução nas Nuvens

No inverno de 1953, um jovem fugiu espetacularmente de um quartel de polícia, em Buenos Aires. Fora preso dez dias antes, quando a polícia política tratava de avaliar a importância de um movimento oposicionista e, sobretudo, saber se este movimento mantinha contatos estreitos com oficiais das forças armadas.

Encarcerado e submetido a interrogatórios contínuos, o prisioneiro chegou à conclusão de que devia fugir de qualquer maneira na mesma tarde em que um rastilho de explosões de dinamite interrompeu um discurso do Presidente Perón, que falava a uma multidão de trabalhadores reunidos diante do palácio do governo, na Praça de Maio. Embora não havendo provas terminantes de que tivera participação nos atentados, era prisioneiro de um aparato policial que devia mostrar sua eficácia, precisamente prendendo suspeitos. Depois de pensar uma ou duas vezes, na madrugada de 4 de maio de 1953 ele escapou, enquanto seu carcereiro o acreditava ocupado em aliviar o intestino. Saiu lentamente, sem nenhuma cumplicidade externa, conseguiu asilo diplomático na Embaixada da Guatemala, onde, finalmente, pôde considerar-se a salvo.

O homem sobre quem escrevo era eu mesmo. No entanto, mudou tanto a perspectiva dos fatos contemporâneos daquela fuga, mudou tanto minha própria consciência do processo histórico que me foi dado viver, que posso ver aquele homem que buscava a liberdade e se arriscava a ser caçado pelas ruas como fera encurralada, sem que me custe nenhum esforço pensar que era outro.

No entanto, era eu. Advogado, 29 anos, filho de pais com propriedades rurais e amigos políticos na oposição, minha atividade se concentrara numa comissão que o maior partido oposicionista, a União Cívica Radical, formara para defender presos políticos e sindicais. O chefe desta comissão, formada por quatro membros, era

Arturo Frondizi, naquela época meu amigo e, sem dúvida, o líder de uma geração de jovens políticos que, com ele, tomariam o governo poucos anos mais tarde. Em 1953, Frondizi era uma personalidade ascendente dentro de um partido marcado por uma circunstância que se tornara inseparável de sua própria existência: a oposição ao governo do general Juan Perón.

Nosso partido, o radicalismo, tinha atrás de si uma história completa de serviços ao país. Levantara mais de uma vez as bandeiras nacionalistas na política econômica e na política internacional. Levava adiante a legislação social e contara com o apoio de centenas de milhares de trabalhadores. Mas, em 1953, este partido não encontrava a forma de provar que estes princípios de ação política, pelos quais lutara tantas vezes, estavam sendo traídos ou abandonados pelo governo de Perón, ao qual se opunha.

Existia uma contradição insuperável entre a necessidade de levar a cabo uma política oposicionista e a semiconsciência de que esta oposição não podia censurar o governo por não fazer aquilo que, justamente, estava fazendo. Para minha geração, esta contradição explicou-se muito tarde, ou não se explicou nunca. Éramos jovens, de alma limpa, e terminamos por condenar no governo peronista uma série de características que o tempo nos iria demonstrar não serem muito sérias. Não sabíamos na época e, embora estivéssemos convencidos de que nosso lugar era a esquerda, rechaçávamos a ideia de que a classe operária peronista e a esquerda ideal em que pensávamos, tivessem algo em comum.

Provavelmente neste conflito, que afetou toda uma geração, deve ser procurado o impulso que nos levou, naquela época, a deixar a Argentina. Tínhamos outros motivos, além dos pessoais: estávamos também convencidos de que existia uma empresa comum aos latino-americanos, e que esta empresa não podia cumprir-se partindo da Argentina,ilhada naquele momento pelo seu governo, eilhada, de maneira geral, como conseqüência de sua vinculação exclusiva com a Europa.

Havia uma procura de conhecimentos reais. Havia uma boa margem destinada às aventuras. Dois componentes que se misturavam de modo desigual, segundo os momentos, segundo os

indivíduos, mas que permaneciam combinados naquela geração de universitários a que pertencia Ernesto Guevara.

Conhecimentos e aventuras. Falamos de ambos mais de uma vez, Guevara e eu, depois de nos conhecermos na casa de um argentino exilado num subúrbio residencial de La Paz, na Bolívia.

Desde o dia de minha fuga e pedido de asilo na Embaixada do regime esquerdista da Guatemala, haviam transcorrido quatro semanas, quando o governo argentino decidiu que eu poderia deixar o país. O embaixador de Arbenz era um nacionalista com objetivos claros: denunciava a agressão que se preparava contra seu país, dava o nome dos responsáveis, e para isso não vacilava em utilizar-se das colunas da imprensa peronista. Teoria e prática da revolução latino-americana apresentavam-se juntas no Embaixador Ismael González Arévalo, que certa manhã me levou de carro ao Aeroporto de Ezeiza e me pôs no avião que iria deixar-me, são e salvo, do outro lado dos Andes.

Naquela ocasião governava no Chile um amigo de Perón, o General Carlos Ibañez, que aliava a uma fama infundada de militar intransigente o equívoco de que parte da esquerda chilena o apoiara e outra o combatera. Reproduziam-se em Ibañez, em escala reduzida, acertos e erros, avanços e retrocessos, que o governo de Perón registrava em maior dimensão.

Também a esquerda chilena refletia seus mitos e manias, suas esperanças e frustrações, sobre este governo prejudicado por suas contradições mas, sobretudo, pelas contradições da sociedade cujos problemas queria resolver.

Para um jovem que deixa a Argentina pela primeira vez, aproximar-se dos contrafortes da Cordilheira produz vertigem, não somente pela sua altura. As feições citrinas do povo chileno, enxuto de carnes, altivo e humilde, apresentavam-se para mim como a primeira imagem concreta da raça americana, esse misterioso e explosivo produto humano que é diferente e o mesmo nas várias latitudes do continente.

Foi precisamente no Chile, ao regressar de uma visita aos socavões da mina El Teniente, que escutei o informativo de uma rádio da cidade de Rancagua que os terroristas argentinos, com os

quais eu estava sendo processado em Buenos Aires, haviam feito escola: em Santiago de Cuba, disfarçados no Carnaval, um grupo de estudantes universitários havia assaltado um quartel militar. Foi uma notícia breve e fugaz, da qual podia se chegar à conclusão — e seguramente assim o fez o ouvinte do informativo — de que violentas convulsões políticas ocorreriam muito em breve em Cuba.

Oito dias depois do assalto ao quartel Moncada cheguei a La Paz, Bolívia, onde a revolução nacionalista celebrava ruidosamente um ato preparado com cuidado, a sanção da lei de reforma agrária, que convertia o governo boliviano no segundo do continente que se atrevia a tão profunda medida.

A Capital da Bolívia é a mais alta do mundo, e há um lugar, o Paso del Condor, a quase cinco mil metros acima do nível do mar, que é o passo montanhoso mais alto do globo. A altura e o clima do altiplano, inabitável e ao mesmo tempo o lugar onde se encontram as principais cidades, formam o caráter do povo boliviano. O reflexo desse trágico contraponto do homem com a natureza é fácil de notar na vida política da Bolívia, onde a presidência da República é freqüentemente a antessala da morte violenta, e homens matam e morrem num desespero tremendo, como se quisessem terminar tudo quanto antes.

Em 1953, ao contrário, a Bolívia estava no momento mais alto do entusiasmo popular, e um governo nacionalista levava a cabo, em pouco mais de um ano, duas reformas fundamentais: nacionalizara as maiores minas de estanho do mundo e reformara o regime de propriedade da terra. Destas medidas esperava-se uma transformação profunda da estrutura econômica do país, que estava como que petrificada por um sistema latifundista que trabalhava a terra sob um regime feudal ou semifeudal. A produtividade era muito baixa e três milhões de bolivianos levavam uma existência inexplicavelmente miserável para um povo que descendia diretamente dos Incas, e que, como eles, usava com orgulho o lema "não roube, não minta, não seja preguiçoso".

A sorte da propriedade da terra tomara conta da consciência popular como a própria sorte de todo o povo boliviano. A cultura aimará eminentemente agrícola, cuidou da mais eficiente exploração

do solo e a considerou domínio comum. Os aimarás foram comunistas primitivos embora tenham conservado a propriedade privada com relação aos bens móveis. A civilização incaica ou quíchua, que se seguiu àquela, aperfeiçoou a organização agrícola que encontrou, criando instituições novas, como o *ayllú*, mediante o qual o conjunto de descendentes de um mesmo antepassado cultivava coletivamente o terreno comunitário. Esta instituição estava tão enraizada que, em 1953, subsistia em diversas regiões do país.

Os conquistadores espanhóis, posteriormente, arrasaram com o regime das comunas, que numa primeira etapa haviam prometido respeitar, e deste modo os nativos foram transformados em servos despojados de suas heranças seculares. O libertador Simón Bolívar, no século dezenove, consolidou a independência do país outorgando aos indígenas a posse dos terrenos que ocupavam. Bolívar realizava um ato de justiça e, ao mesmo tempo, evitava que se reproduzissem os fermentos das guerras sociais que por um momento paralisaram a guerra de Independência na mesma Venezuela. Esta simples experiência de que a estabilidade social e a produção maior se fundem, de maneira duradoura, na exploração e propriedade comum da terra, foi desconhecida pelos governantes bolivianos durante a segunda metade do século dezenove. Um déspota, Melgarejo, declarou que as terras das comunidades indígenas pertenciam ao Estado, e se apoderou delas para imediatamente voltar a vendê-las, a preços ridiculamente baixos, na sua corte de favoritos. A conseqüência foi uma imensa anarquização do trabalho agrícola, que se veio agravando sem cessar, até que, em 1953, o governo nacionalista promulgou uma lei reformadora. Esta lei determinava que todos os cidadãos maiores de dezoito anos, que se dedicassem ou desejassem dedicar-se à agricultura, seriam imediatamente dotados de terras. Era, sem dúvida, uma lei revolucionária, embora estivesse evidente que, por serem praticamente inexistentes, na Bolívia, os proprietários rurais estrangeiros, o governo, uma vez que havia esmagado a oposição interna, podia naturalmente promulgar esta lei sem temer represálias internacionais. A resistência dos setores internos fora poderosa. Um ano antes, durante a Semana Santa de 1952, uma força heterogênea, composta na sua maior

parte de mineiros e camponeses, soldados desertores e corpos completos da polícia, havia lutado, sob a direção do Movimento Nacionalista Revolucionário, o MNR, e derrotara o velho exército profissional.

A destruição do Exército, o estabelecimento de um governo onde estavam fortemente representados os trabalhadores e camponeses, e a sanção e aplicação de duas leis de tal importância — nacionalização das minas e reforma agrária — apresentavam-se como uma seqüência inevitável, tomada dos textos ortodoxos dos revolucionários. Era a este fenômeno original que iríamos ver, como um espetáculo a que se juntava outro motivo de admiração.

Depois de tantos séculos de submissão, um povo indígena levantava a cabeça e lutava com armas na mão para recuperar a dignidade e o patrimônio perdidos. Era esse o espetáculo. Os protagonistas se moviam sem parar, pelas ruas inclinadas de La Paz, a cidade cercada de montanhas. Pelas ruelas estreitas e tortuosas, entre casas coloniais e numa atmosfera onde era difícil separar o cheiro das frituras do cheiro da pólvora, subiam e desciam as *cholas*, levando seus filhos nas costas. Enquanto caminhavam, iam fiando suas lãs de lhama ou de vicunha, tingidas de cores vivas. Estas mesmas mulheres carregaram os fuzis dos homens, combateram nas ruas, deram tiros.

Eu as via de uma janela do Hotel Áustria, aos fundos do Palácio Quemado, sede do governo, e uma rua onde ficava o edifício dos Correios. Era o melhor lugar possível, porque, naqueles dias, todas as manifestações desembocavam obrigatoriamente na sede governamental.

Formavam-se colunas, que tinham muitas características comuns com as que formam os povos armados. Uma alegria ruidosa que contrastava com o respeito que podia irradiar das armas automáticas; uma alegria expansiva que se comunicava aos desconhecidos, que se derramava pelas ruas e que continuava mesmo depois de desaparecido o motivo que a justificava oficialmente. As delegações entravam e saíam do Palácio, perdiam-se os chefes na distância, mas o povo dançava nas ruas. De vez em quando, os rondantes confirmavam que as reuniões eram de amigos

e, ao amanhecer, escutava-se com freqüência uma descarga de metralhadora cujo objetivo era impossível adivinhar.

Viviam em La Paz alguns argentinos que eu não conhecia.

Oficiais da força aérea, chegados dois anos antes, desterrados após o fracasso de um complô, e que agora construía uma rodovia pavimentada entre Santa Cruz e Cochabamba. Também alguns aventureiros, que lavavam cuidadosamente as pepitas de ouro, encontradas a céu aberto, nos garimpos do rio Tipuani. E um deputado da oposição, Isaías Nougués, chefe de um partido provincial na Argentina, que se sustentava magnanimamente com os lucros obtidos de uma plantação de açúcar da propriedade de sua família.

Foi na casa de Nougués, sem dúvida o argentino mais rico e bem relacionado entre todos os que havia em La Paz, que vim a conhecer, numa noite, Ernesto Guevara.

Guevara tinha naquela época 25 anos, era médico e uma curiosidade dominante o movia: a arqueologia. Pela sua condição de médico e pelas tendências de sua especialização, Guevara realizava ao mesmo tempo uma investigação profunda sobre as causas da enfermidade que, quanto mais avançava, mais o afastaria do exercício da medicina e mais o comprometeria com a política.

A casa de Nougués ficava em Calacoto, subúrbio residencial onde se instalavam as personalidades que a nova política ia projetando. Comíamos *locro*, um guisado com espigas de milho e pedaços de carne, onde o robusto apetite do dono da casa encontrava a melhor maneira de agasalhar e alimentar seus amigos compatriotas. Na primeira vez em que o vi, Guevara não me impressionou de modo especial. Falava pouco, preferia escutar a conversa dos demais, e, de repente, com seu sorriso tranqüilo, descarregava sobre o interlocutor uma frase esmagadora. Na noite em que nos conhecemos, voltamos a pé para La Paz e nos fizemos amigos, embora o que tivéssemos realmente em comum fosse apenas nossa condição de universitários moços e pobres. Eu não me interessava por arqueologia, ele não se interessava por política, pelo menos no sentido que esta atividade significava na época para mim e, mais tarde, significaria para ele.

Saindo de Calacoto, a noite era impressionante. Ali os cerros vizinhos, escavados pelo tempo, tomaram a forma curiosa da tubulagem de um órgão. Estas silhuetas estranhas estão recortadas como numa catedral gigantesca e dão à noite uma solenidade trágica. Caminhamos dez quilômetros falando de nossos projetos, lembrando experiências anteriores. Guevara mencionou a viagem que fizera pouco antes, quando tentara chegar à Ilha da Páscoa, 3.600 quilômetros da costa, no Oceano Pacífico, com o propósito de trabalhar no leprosário de Rapa-Nui.

Fora uma viagem, uma "viagem a sério", segundo a expressão de Guevara. Assim a diferenciava de outra anterior que fizera, quando percorrera, numa pequena motocicleta, doze províncias argentinas, motivo de sua glória passageira no esporte, citado nas páginas de El Gráfica, uma revista para os fanáticos da mecânica.

A viagem "a sério" fora começada também de motocicleta.

Com o médico Alberto Granados, Guevara, ainda estudante do último ano de medicina, fora parar em Temuco, no Chile, de onde se propunha a atingir Valparaíso e fazer a travessia até a Ilha da Páscoa. Mas seu objetivo acabara em frustração: não havia viagens regulares para a ilha, não havia necessidade de médico no leprosário, e Guevara não sabia direito quais as causas. Mas o certo é que continuaram viagem, dormiram uma noite na mina de Chuquicamata e visitaram, já no Peru, Machu-Picchu, o que para o arqueólogo Guevara fora uma verdadeira festa. Guevara me contou que tivera na época um forte ataque de asma — foi a primeira vez que tive notícia da sua doença. Aquela viagem "a sério" continuara depois com uma acidentada navegação pelo rio Amazonas, até Iquitos, de onde saíram com destino ao leprosário de San Pablo. Guevara guardava deste lugar grandes recordações. — Por quê? perguntei.

— Porque entre os homens sós e desesperados surgem facilmente as formas mais altas de solidariedade e de lealdade humanas. Aqueles leprosos que receberam a visita fraternal dos jovens médicos, retribuíram-na com uma afeição sem esperanças e com o trabalho de seus braços. Construíram uma balsa para que cruzassem o Rio Amazonas, a que batizaram de Mambo-Tango, a

maneira alegórica de unir a América temperada com a América tropical através de sua música popular.

Guevara experimentava o prazer da conversa afetuosa, íntima, de amigos. Assim como se retraía e se tornava cáustico quando a reunião era numerosa e não conhecia bem os presentes, também se tornava um conversador fluente e sedutor, no diálogo.

A aventura continuou na balsa, até um insignificante porto da Colômbia, chamado Letícia, onde Guevara e seu amigo Granados trabalharam como treinadores de uma equipe local de futebol.

Seguiram de avião até Bogotá e dali até Caracas, onde se separaram. Guevara prosseguiu viagem, após três semanas na Venezuela, a bordo de um transporte de cavalos de corrida, chegando a Miami.

Ali passou uma curta temporada e, finalmente, voltou a Buenos Aires, onde se formou como médico, alcançando aprovação em doze matérias em seis meses e numa tese doutoral sobre alergia.

Era médico, então, embora, vendo-o, ninguém o dissesse, Como me pareceu na primeira noite em que o acompanhei ao lugar onde vivia, um quarto miserável, alugado num casarão em ruínas, na rua Yanacocha. Guevara conseguia viver nos lugares mais sinistros e conservar ao mesmo tempo um humor que se canalizava em sarcasmo e em ironia.

Compartilhava seu quarto com *Calica Ferrer*, um estudante da cidade de Córdoba, na Argentina, que estava de acordo com ele nas exigências básicas do bom companheiro de viagem. Para Guevara, o companheiro de viagem devia estar disposto a caminhar incansavelmente, a desprezar qualquer preocupação pela forma de vestir e suportar sem angústia a absoluta ausência de dinheiro. Se tinha resposta positiva nestes aspectos, o resto era de importância secundária, e aceitava que a paixão que sentia pela arqueologia pudesse, justificadamente, ser tomada como extravagância. *Calica Ferrer* naquele momento correspondia a estas exigências, embora pareça que, depois, acabou se cansando, como se verá mais adiante.

Naquele quarto da rua Yanacocha, alguns pregos patéticos nas paredes nuas seguravam as roupas de Guevara e uma sacola de

mão, maltratada e escurecida pelo uso.

Na verdade, Guevara não vivia naquele trecho de um bairro popular de La Paz. Sua vida transcorria nos cafés agitados da avenida 16 de Julho, no mercado Camacho, onde comprávamos as grandes frutas tropicais que nos serviam de almoço.

Vivia também no bar do Sucre Palace Hotel, o mais suntuoso da cidade, onde Guevara entrava com absoluta despreocupação com o seu jeito de camponês. Das mesas do terraço podíamos ver o desfile incessante do povo boliviano em revolução: as *cholas*, com os filhos nas costas; índios velhos, consumidos pelo sol e pela coca, vendendo peles de animais; camponeses, em grupos, tropeçando, por não estarem acostumados a caminhar sobre calçamentos; e alguns homens que, em roupas domingueiras, acabavam de fazer negócio em algum ministério, sendo, na maioria dos casos, dirigentes mineiros que realizavam entendimentos em nome de seus companheiros.

O interminável desfile da revolução detinha-se nas esquinas, onde grandes cartazes explicavam o sentido das medidas econômicas. Estavam escritos na prosa combativa dos agitadores, porque sem dúvida aquele regime nacionalista contava, nas suas fileiras, com a mais formidável legião de agitadores já registrada na história da Bolívia. O "explorador" e o "agiota" mereciam as palavras mais duras e as piores ameaças: eram os inimigos do homem da rua que, uma vez descobertos, recebiam, desde os muros de sua cidade, dia após dia, uma dose de educação política.

Um daqueles cartazes do Movimento Nacionalista Revolucionário proibia, sob pena de destituição dos cargos e expulsão do partido, que seus membros comparecessem a night-clubs e lugares de diversão noturna. A sensualidade do poder, do poder recém-conquistado com armas na mão, rondava os revolucionários.

Aquela forma de doutrinação popular não podia dissimular sua tremenda ingenuidade: recomendava bons costumes àqueles que não podiam fazer outra coisa senão deitar-se cedo, mas não afetava a nova classe que se estava formando à sombra das bandeiras da revolução.

Certa noite, na casa de Nougués, comemos até tarde. Era Uma dessas comidas para "reserva", segundo expressão de Guevara, que podia passar três dias sem se alimentar ou permanecer indiferente junto a uma mesa sortida durante dez horas. Agora que penso nisso, esta capacidade de alimentar-se foi uma característica de Guevara que sempre me impressionou. Comia, como selvagem, quantidades difíceis de medir, gastava um mínimo de tempo e sempre com uma sensualidade inocultável. Passava, logo depois, a um período ascético, não por livre vontade, mas como resultado de sua falta de dinheiro e da ausência ocasional de convites.

Havíamos comido e bebido e alguém se ofereceu para nos levar de volta a La Paz. Ao passar por uma pequena povoação, chamada Obrajes, nem o homem que dirigia o carro nem nós notamos que nos mandavam parar. Uma descarga de fuzis, que passou raspando aos pneus, nos trouxe de volta à realidade. Ali estavam, sob o frio de uma noite serena e clara, três índios esfarrapados, um fuzil ainda soltando fumaça, perguntando-nos quem éramos.

— Homens de paz — respondeu Guevara, baixando o vidro da janela ao seu lado.

— De onde vêm? — perguntaram com desconfiança.

— De uma refeição — prosseguiu Guevara, que, fazendo uma pausa e baixando o tom de voz, acrescentou: — ... pois estávamos vazios. Deixaram-nos continuar depois de verificar, seriamente, alguns documentos cujo conteúdo com toda certeza não podiam decifrar. Meditávamos sobre o feito dramático do povo em armas quando, numa curva do caminho, um anúncio em néon e o som da música vinda do interior nos puseram diante de El Gallo de Oro, o cabaré da moda da burocracia governamental. O carro diminuiu a marcha ao passar em frente, já que não valia a pena repetir a experiência de momentos antes. Mas do El Gallo de Oro ninguém atirou nos pneus, ninguém pensou que a sorte da revolução estava em jogo. Nisso pensavam apenas os índios transidos de frio, de Obrajes. Guevara piscou o olho e com voz taciturna, disse: — O MNR se diverte...

O MNR, para falar a verdade, não se divertia apenas. Mas a escassez de quadros revolucionários, a multiplicação de tarefas por

conta de um pequeno grupo de dirigentes, a aparição de oportunistas e favoritos, saltavam aos olhos com tanta força que só a imensa euforia do povo podia ignorar os perigos que ameaçavam a revolução.

Uma vez quisemos ter uma impressão pessoal e direta da cúpula revolucionária. Guevara achava que o melhor era visitar o ministro de Assuntos Campesinos e pedimos uma entrevista. O ministro era um advogado, Nuflo Chavez, aparentando, aproximadamente, a nossa idade, uma frente ampla e inteligente e, além disso, fora perseguido por haver defendido presos sindicais e políticos durante o anterior regime. Apesar dos bons presságios, a entrevista foi convencional e fria. O clima desfavorável formou-se contra nossa vontade. O Ministério de Assuntos Campesinos funcionava num típico edifício burocrático, mal iluminado e sujo, esta última característica devido aos milhares de pessoas que diariamente levavam até lá seus problemas.

Havia longas filas de silenciosos índios *quíchuas* e *aymarás*.

Rostos queimados pelo sol e pelo vento, alongados, impenetráveis.

Usavam sandálias, calças de tecido rústico e jaquetas de cortes exóticos. Muitos deles tinham a cabeça coberta por gorros tecidos com lãs coloridas. Era a longa fila da reforma agrária, os indígenas que esperavam a adjudicação das terras que a recente lei lhes prometia. A fila penetrava pelo edifício adentro, estendia-se como uma serpente por uma calçada lóbrega e, ao fundo, em pé sobre um caixote, um *cholo* introduzia nas costas de cada índio um imenso pulverizador de borracha. Era uma tarefa metódica, que deixava cada um coberto de uma leve camada de pó. Os índios continuavam esperando, só que agora cheios de farinha, branqueados com a mesma severidade pétrea de antes, operação que nos parecia tremendamente humilhante, Guevara se entristeceu e lançou uma de suas frases mordazes, coisa comum para ele quando a condição humana o comovia profundamente. Disse: — O MNR faz a revolução do DDT.

Com este preâmbulo, a entrevista com o ministro não conseguiu sair de um nível cortês, que possivelmente tanto aborrecia ao

ministro revolucionário como aos seus visitantes. Até que Guevara lhe perguntou por que realizava aquela tarefa de um modo que feria a sensibilidade dos que chegavam de fora. O ministro admitiu que a questão era infeliz, mas acrescentou que os índios não conheciam o uso do sabão e não podiam ser instruídos em suas vantagens de um dia para outro, de maneira que os revolucionários não tinham outro remédio senão atacar as conseqüências desta ignorância com os métodos que acabávamos de ver.

Deixamos o ministro sem conseguir esquecer o conflito que nos causara o espetáculo de centenas de índios cobertos de insetos, e o paciente burocrata que os matava numa operação que nos fazia lembrar os currais das fazendas nas vizinhanças de Buenos Aires. Na rua, diante da estátua de Bolívar, Guevara fez o comovido resumo da experiência: — A questão é combater as causas, e não conformar-se em suprimir os efeitos. Esta revolução vai fracassar se não conseguir sacudir o isolamento espiritual dos índios, se não lhes tocar no que têm de mais profundo, comovendo-os até os ossos, devolvendo-lhes a estatura de seres humanos. Se não for assim, adianta alguma coisa? Naquele tempo, Guevara, de modo algum, era marxista, nem tinha sequer manifestado claramente sua preocupação política.

Sentia um desprezo considerável pela política miúda da Argentina e se divertia em espicaçar nosso amigo Nougés, que revolia, com perseverança de exilado, as causas de seu desacordo com Perón.

Quando Nougés exagerava o relato de suas desventuras e a exaltação de seus sacrifícios pessoais em prol da liberdade, Guevara descansava a enorme colher de que se servia para comer o apetitoso *locro* de nosso amigo, e perguntava: — Está bem, está bem. E por que é que você não fala, agora, um pouco sobre os engenhos de açúcar?

A observação e a análise pessoal, antes das leituras teóricas, deram-lhe nova perspectiva: a importância dos feitos econômicos na história dos povos e dos indivíduos. As viagens pela América Latina apresentaram-lhe o panorama social que os feitos econômicos haviam criado.

Mas em 1953, Guevara estava cheio de curiosidades científicas, começando pela arqueologia. Foi assim que me anunciou, um dia, que iria ver a Puerta del Sol, uma relíquia da cultura *aimará*, que mantém intacta a imagem de uma civilização deslumbrante.

Guevara não contava comigo para essas coisas, acho até que não contava com nenhum de seus companheiros daquela época. Mas nas suas reuniões nos cafés havia conhecido um notável fotógrafo alemão, Gustav Thörlichen, e com ele realizou a travessia. O alemão viajava num jeep de guerra, de rodas altas que lhe permitiam escapar ao barro das péssimas estradas. Preparava um livro de fotografias sobre as ruínas milenárias de Tiahuanaco, e Guevara, que já conhecia Machu-Picchu e acumulava uma excepcional erudição sobre o tema, transformou-se no companheiro e guia ideal.

Talvez para contrapesar a escapada arqueológica, propus que fôssemos às grandes minas Século XX e Catávia, na região de Oruro. Nestas minas começara a luta entre a classe trabalhadora e o exército, e num campo, batizado com o nome simples de Maria Barzola, a dinamite dos mineiros havia enfrentado as metralhadoras dos soldados. Tínhamos amigos entre os colaboradores do Ministro de Minas, Juan Lechín, e eles nos conseguiram salvo-condutos para penetrar no distrito mineiro.

Naqueles dias Lechín havia dito: "A revolução boliviana é mais profunda que a da Guatemala e da China".

Aqueles mineiros, dizimados pela silicose antes de completar trinta anos, mereciam que a frase de Lechín correspondesse a uma realidade. Mas conseguiria ele cumpri-la?

Guevara tinha dúvidas. No dia em que lhe explicaram que o governo havia indenizado com dinheiro os mineiros, ao nacionalizar as minas, dando a esta um aspecto de mera troca de patrões, fez algumas profundas reflexões. Para ele, era um erro grave confundir os processos de um estado nacional em armas com os de uma empresa comercial que muda de donos. Os bolivianos explicavam que a medida continha uma dose de demagogia e uma dose muito maior de estímulo ao baixo consumo, já que os mineiros haviam invertido imediatamente suas indenizações em alimentos e roupas.

Mas Guevara insistia que o ato de recuperação das minas fora empanado por esta disposição, pois entorpecia os sentidos justamente no momento histórico em que era mais necessário elevar a moral. Era intransigente neste seu juízo e sua conclusão foi que, mediante uma pequena recompensa, os mineiros diminuía as reservas materiais e morais de uma revolução que precisaria delas em grande escala.

Nenhum de nossos amigos bolivianos conseguiu convencê-lo do contrário.

No dia em que deixamos a Bolívia, em direção ao Peru, partimos de caminhão. Eram caminhões sem amortecedores, duros, que levavam os índios e seus produtos aos mercados das ruas; levavam e traziam, misturados aos sacos de sal e açúcar, com bolsas de batatas e de coca, e algum cartucho de dinamite.

Nosso plano era entrar em território peruano por terra, devendo contornar o Lago Titicaca até Copacabana, cidade de turismo e de viagens a vela, unida a La Paz por uma rodovia de 140 quilômetros.

Guevara encarregou-se de comprar as três passagens — *Calica* Ferrer ainda pertencia ao grupo e manteve uma conversa bastante instrutiva com o vendedor de passagens. Estava por trás de um guichê imundo, a pele brilhante e um lenço cuidadosamente enrolado em torno do pescoço, para não manchar a camisa. Surpreendeu-se quando deu com três homens brancos.

— Viajam pela Panagra, certo?

— Como para Panagra? — retrucou Guevara. — Vamos a Copacabana de caminhão.

— Sim, de caminhão, mas classe Panagra, não é?

Ficamos olhando um para o outro, sem entender. Numa parede descascada, um velho cartaz da Panagra nos mostrava as praias de Miami.

O *cholo* explicou então que Classe Panagra era o compartimento do chofer, lugar onde se amontoavam quatro ou cinco passageiros privilegiados, e que pagavam um pouco mais pelo privilégio. Era, como obviamente nos insinuava o *cholo*, o único lugar possível para três rapazes brancos que não podiam misturar-se com os índios.

Guevara compreendeu logo e cortou secamente a discussão: — Não, nada de Panagra. Vamos atrás, vamos com todos.

A viagem foi um exercício indispensável para o conhecimento da América indígena. Penetramos num mundo hostil e ficamos prisioneiros de estátuas e pessoas que pareciam estátuas. Silêncio.

Solavancos e silêncio. Descobrimos que era inútil mostrar simpatia por aqueles olhos escrutadores, metálicos, com aqueles lábios que se cerravam imperiosamente e não respondiam a nossas perguntas. De vez em quando, uma boca se abria e deixava sair um bafo pestilento de coca mascada, um bafo que parecia impossível de se ter fermentado nas entranhas de um ser humano.

Não estabelecemos a menor comunicação com os indígenas que viajavam conosco, mas os guardas da fronteira com o Peru estavam persuadidos de que os havíamos transtornado com a ideia da revolução agrária. A 11 de setembro de 1953, quando pisamos o território do Peru, a polícia aduaneira de Yunguyo, a primeira povoação ao sair da Bolívia, descobriu que nosso equipamento se compunha quase que exclusivamente de livros e folhetos editados pelos revolucionários bolivianos. Os materiais de propaganda que o ministro Chavez nos entregara na entrevista, passavam agora a ocupar um lugar especial na inspeção dos policiais peruanos. Disse um deles: — Vocês são agitadores?

Guevara respondeu: — Ia ser difícil. Não falamos uma palavra de *aymará* ou *quíchua* e não conseguimos arrancar uma só palavra desses sujeitos durante toda a viagem.

Perdemos algum tempo até convencer os guardas de que nossas intenções eram inofensivas e que não nos propúnhamos a contaminar os indígenas do Peru com os bacilos da revolução agrária. Os policiais rudes da fronteira procediam de acordo com uma avaliação correta do problema e nos brindavam com uma lição histórica. A lição de que as fronteiras políticas não bastam para dividir massas humanas com os mesmos problemas, e de que uma revolta agrária ocorrida entre as massas indígenas de um país não se detém diante dos limites fixados, à distância, por homens brancos das cidades. Na fronteira peruana, em 1953, soprava o vento das

revoltas indígenas e os guardas aduaneiros suspeitaram que trazíamos mais combustível em nossos pobres alforjes.

Recebemos os salvo-condutos e continuamos até Juliaca, para seguir em direção a Cuzco. Guevara queria confirmar uma hipótese que havia esboçado durante uma estada anterior em Machu-Picchu e, com soberano desdém por nossa ignorância arqueológica, tratou de repeti-la para nós, em meio a um discreto ceticismo. Atravessamos o vale de Urubamba e percorremos as ruínas de Sacsahuamán, uma cidadela murada diante da qual Guevara se rendeu: decidiu imediatamente ficar nesse lugar, enquanto eu prosseguia para Lima, a capital.

O Peru estava governado por um general cerradamente reacionário, Manuel Odría. Havia chegado ao poder valendo-se de todos os meios, mantendo-se nele por igual processo. Um massacre na cidade de Arequipa havia-o salpicado com o sangue de centenas de pessoas e esta situação o tornara cada dia mais implacável. Na embaixada da Colômbia estava asilado há quatro anos o chefe da APRA, Víctor Raul Haya de La Torre e o número de policiais nas ruas de Lima parecia excessivamente alto. A oposição não se podia manifestar, inúmeras demonstrações dos partidos políticos haviam sido dissolvidas a cacetadas e o movimento estudantil encontrava-se em dificuldades, com vários dirigentes presos, outros exilados e alguns submetidos a torturas.

Com este quadro pela frente, a situação não me parecia das melhores. Meu passaporte era, na verdade, um salvo-conduto de asilado na embaixada da Guatemala, e, no Peru, desconfiava-se de todos os asilados em embaixadas. Minha entrada no país fora através da Bolívia, e no Peru desconfiava-se de todos os que vinham de países com revoluções agrárias. Minha autorização para entrar no Peru, devido ao incidente fronteiro, continha a exigência de que eu deveria me apresentar à Polícia de Lima assim que chegasse.

E a polícia, como se sabe, tem sempre razões profissionais para desconfiar.

Acompanhado de alguns jornalistas norte-americanos, representantes do Chicago Tribune, cruzei os Andes, esta massa de pedra nua e coberta de neve, em cujas encostas se travou a guerra

da independência. As povoações miseráveis eram cada vez mais numerosas à medida que nos aproximávamos da capital, as ruelas dos subúrbios enchiam-se de gente, a roupa vistosa dos índios deslumbrando tanto quanto a luz.

Lima pode dar — o que acontece freqüentemente — uma imagem errada do país. O poder da Espanha e da civilização que ela transplantou para a América estiveram simbolizados durante três séculos na pomposa arquitetura da Catedral, do Palácio Torre-Tagle e da Universidade de San Marcos, a mais antiga da América e uma sementeira de movimentos estudantis. Mas a riqueza de Lima está desligada do resto do país, povoado, naquela época, por uns nove milhões de habitantes, metade dos quais descendentes diretos dos primitivos povoadores índios, e uma percentagem muito alta formada por mestiços de índios e europeus.

Não havia piedade, naturalmente, para essa multidão de índios, e os feitos econômicos trituravam silenciosamente milhões de seres humanos, condenados ao trabalho escravo do campo e das minas. Um milhão de camponeses, presos à terra de dois mil latifúndios, era a base da riqueza e a ostentação de uma minoria comicamente aristocrática, aliada aos banqueiros, importadores e investidores estrangeiros.

Era uma realidade penosa, esmagadora, daquela ditadura policial sustentada por uma minoria de ricos com o fim de manter inalterada sua posição econômica. Decidi continuar a viagem, sem esperar Guevara, que me havia dado uma senha para encontrá-lo em Lima, mas que não havia chegado ao lugar do encontro, a casa de uma enfermeira que ele conhecera num hospital de Buenos Aires. O destino voltou a nos reunir. Na fila formada pelos passageiros do ônibus para Tumbes, na fronteira com o Equador, havia um sujeito que fumava um cigarro, olhando distraído os passantes.

Era Guevara. Abraçamo-nos e, depois de comprar bilhetes para o dia seguinte, fomos nos despedir de Lima. Na Embaixada da Colômbia havia uma festa: o asilado Haya de La Torre recebia seus amigos. Na rua, tanques e caminhões com tropas aumentavam a interdição diplomática provocada pela dilatada presença do refugiado famoso. Guevara moveu a cabeça e disse: — Por que

todos têm tanto medo dele? É igual a todo mundo... Partimos de ônibus, pela estrada litorânea, cruzando Trujillo, Piúra, Talara, no deserto árido e varrido pelos ventos do norte, onde o petróleo subterrâneo jorra da terra sem cessar. Em Tumbes, uma lagoa que marca a fronteira do Peru com o Equador, o clima era de guerra. Os exércitos dos dois países mostravam-se, reciprocamente, suas últimas novidades em matéria de armamentos. A obsessão militar se alimentava também de uma disputa de fronteiras, que, por momentos, parecia manter-se acesa a fim de justificar a aquisição de mais armamentos e a expansão dos quadros do exército.

— Com esses camaradas, muito cuidado — comentava Guevara olhando com desconfiança para os fuzis — pois que, como não sabem atirar, se lhes escapa uma bala, no duro que eles acertam na gente. . .

A 26 de setembro de 1953, os policiais fronteiriços do Equador anotaram a passagem de Ernesto Guevara, *Calica* Ferrer e eu por Huaquillas, uma aldeia indígena, de onde prosseguimos para Porto Bolívar e dali para Guaiaquil.

Quem nunca esteve em Guaiaquil jamais poderá afirmar que conhece a região tropical. Situada sobre o rio Guaias, 64 quilômetros acima da desembocadura deste no oceano, a cidade está a menos de um pé acima do nível do mar. Em todas as direções, rodeiam a cidade os mangues, águas estagnadas onde proliferam as enfermidades clássicas — o impaludismo, o parasitismo intestinal e a febre amarela.

Quando chegamos, a cidade tinha menos de 400 mil habitantes, penosamente instalados em casas de madeira apodrecida e infestada pela traça. Descobrimos, com horror, que aquele casario mal iluminado podia converter-se em cinzas em poucos minutos, e os bombeiros percorriam constantemente as ruas, oferecendo o espetáculo diário da dramática luta contra o fogo.

Estávamos na chamada "estação seca", modo literário de diferenciar os meses em que chovia pelo menos uma hora cada meio dia, dos outros meses em que uma cortina de água submergia num lodaçal as ruas e avenidas.

O grupo aumentou com mais três estudantes argentinos, os três estudantes de Direito: Oscar Valdovinos, Gualo Garcia e Andro Herrero. Haviam chegado a Guaiquil poucos dias antes e tinham lido a notícia, perdida num jornal, que anunciava a chegada à cidade de um asilado argentino com mais três amigos. Encontramo-nos na Universidade, dissemos nossas senhas e descobrimos, ao mesmo tempo, que o estado geral das nossas finanças pessoais era calamitoso. Em consequência, no mesmo momento em que nos conhecemos, decidimos todos morar juntos, numa só peça de uma casa de madeira bem próxima ao porto.

Era um quarto com dois leitos. O uso da cama se fazia de acordo com uma rigorosa ordem de chegada e, de madrugada, havia sempre quatro corpos estendidos no chão, envoltos apenas por um lençol. No chão o sono às vezes era interrompido pela passagem de uma ratazana fugitiva, ou de bichos um pouco menores no tamanho, embora mais repugnantes. Dormíamos de esgotamento, quando a sonolência vencida nossa última resistência aos mosquitos, que se reproduziam aos milhões sobre as águas insalubres do Guaias.

Pelas manhãs, bem cedo, quando o sol era menos forte, íamos ver as manobras de carga dos grandes barcos de frutas, o movimento dos lanchões e os rebocadores com produtos do trópico, as jangadas que navegavam desde o norte. Lá, por volta do meio-dia, às vezes levantava-se um clamor humano. A princípio ficávamos surpreendidos, mas depois nos acostumamos a ver as massas desgrenhadas que convergiam pelas ruas em direção ao rio, entoando estribilhos políticos e dando vivas ao nome de um ex-alcaide da cidade, Carlos Guevara Moreno, talvez um dos demagogos mais eficazes que conheci.

A multidão rugia nas ruas, corria, apartava-se, desafiava os poderosos, mas terminava em desalento e por fim se evaporava, tudo isso com a mesma rapidez da chuva sob o sol do meio-dia.

Passaram a ser para nós, mais dominados pela política do que pela ciência, com a incorporação do novo grupo, um motivo de estudo. Eram massas dispostas a tudo, que nada tinham a perder e que, muitas vezes, perdiam a vida nos choques com a polícia. Mas

faltava-lhes uma direção revolucionária, sua energia servia apenas para exaltar os demagogos crioulos que, uma vez no poder, se encarregavam de traí-las.

Vendo-as, refletindo sobre elas, o tempo foi passando e nosso dinheiro, que era pouco, se acabou. Tivemos uma reunião de emergência no fim da qual decidiu-se sair o quanto antes daquele quente caldeirão tropical. Para que continuássemos a viagem era necessário vender imediatamente as poucas roupas que ainda nos restavam. Com o fundo comum obtido, Guevara e *Calica* Ferrer poderiam seguir para a Venezuela, meta original de sua viagem. Eu e três novos companheiros continuaríamos até Guatemala, onde, concordávamos, desenrolava-se um processo revolucionário de enorme interesse e garantida projeção histórica.

Nos países pobres, a roupa usada é vendida nas ruas. Mas nossa roupa dificilmente poderia ser vendida nas ruas de Guaiquil, porque a que nos restava destinava-se aos climas frios. Valdevinos partiu para Quito, a capital, 2.800 metros acima do nível do mar, com o fim de converter em alguns magros dólares meu único luxo, um casaco de vicunha comprado em La Paz, e os trajes gastos e descoloridos que nos acompanharam até então.

Guevara ficou com um mínimo: uma calça deformada pelo uso, uma camisa que já fora branca, e um paletó esporte com os bolsos rasgados de levar os mais diversos objetos, desde o inalador contra a asma, até as enormes bananas que freqüentemente constituíam seu único alimento.

Estávamos quase nus, mas poderíamos seguir em direção ao norte, abandonar as águas fétidas do Guaias, as ratazanas domésticas, o cheiro de madeira e frutas podres. Tentamos, nesses dias, junto ao cônsul da Colômbia, estender o nosso visto de turistas até Bogotá. Mas a situação na Colômbia era extremamente grave. Poucos meses antes o general Rojas Pinilla derrubara o regime ultraconservador de Laureano Gómez e, no vale de Tolima, as guerrilhas campesinas ganharam a tiros o respeito do exército profissional. Assegurava-se que 25 mil guerrilheiros negociavam sua rendição ao exército, em troca do reconhecimento da ocupação de suas terras. Mas o cônsul não desejava que algo acontecesse a seis

estrangeiros que se propunham a atravessar os vales e montanhas em pé de guerra, Impôs-nos, como condição, que comprássemos uma passagem aérea até Bogotá, onde estivesse também registrada a data da partida. Era uma condição inacessível para nossa mísera economia. Tivemos de renunciar à estada na Colômbia e recorri a meu último trunfo.

Meu trunfo, na verdade, era uma carta. Escrita pelo líder socialista chileno Salvador Allende, a um advogado socialista de Guaiaquil, pedia-lhe que me ajudasse na medida do possível. Ainda não a havia utilizado, mas não restava outro caminho. Juntamente com Guevara fui vê-lo, porque, em vista do pedido que iria fazer, seria melhor que constatasse com seus próprios olhos a nossa pobreza. Recebeu-nos fraternalmente, mas descobrimos uma certa perplexidade quando tomou conhecimento de que os viajantes desembarcados em Guaiaquil à força não eram apenas dois, mas seis. Falou duas vezes ao telefone em nossa presença e acabou anunciando que dispúnhamos de seis passagens na Flota Blanca, a linha cargueira da United Fruit Co.

Havia uma outra condição: seria impossível levar seis passageiros de graça no mesmo barco, de maneira que a partida efetuar-se-ia em três vezes, à razão de dois por viagem.

Nesses momentos decidiram-se alguns projetos que mudariam a história da América Latina. Numa discussão amistosa, sem que Guevara oferecesse demasiada resistência, sem dúvida contagiado por nosso entusiasmo, ele renunciou à ideia de radicar-se na Venezuela, onde pretendia reunir-se ao médico Granados no leprosário de San Pablo. *Calica Ferrer*, que esperava ganhar dinheiro em negócios de construção, separou-se então do nosso grupo.

— Como é que você vai para a Venezuela — disse a Guevara naquela noite — se a Venezuela é um país que só serve para se ganhar dólares?

Guevara insistiu que tinha um compromisso de amizade com Granados, e queria cumpri-lo.

— Meu velho, a questão está na Guatemala, continuei eu. Ali há uma revolução importante e é preciso vê-la.

— Está bem, concordou Guevara, mas com a condição de caminharmos juntos.

E com um tom ameaçador, marcado pelo seu espírito brincalhão, acrescentou: — Não vamos nos enredar com o oficialismo da Guatemala, está certo? Falo isso porque vocês reformistas têm um fraco pela burocracia.

A ideia de que nós todos nos voltaríamos a reunir no Panamá, para chegar juntos à Guatemala, nos deixou de bom humor aquela noite. Guevara completou a noite ganhando uma aposta que fizera conosco. Assegurou que a cueca que usava, a única havia dois meses, estava tão impregnada da terra dos caminhos que ficaria de pé sozinha, sem apoio. Não acreditamos. Guevara tirou as calças e diante de nossos olhos apareceu uma prenda íntima que lembrava a calça de trabalho de um operário, tão dura estava, de uma cor inverossímil. Tirou-a também e tivemos que nos resignar: Guevara ganhara a aposta, suas cuecas ficavam "de pé" e o dono prometia, em meio às nossas gargalhadas, que, com o tempo, ele as faria marcar passo.

A 9 de outubro de 1953, Valdovinos e eu, os primeiros do grupo, aprontamo-nos para partir. No último minuto, Andro Herrero anunciou que regressava para a Argentina, cansado da aventura e saudoso de sua família e seus amigos. Alguns dias depois seguiriam Guevara e Gualo Garcia. Éramos amigos íntimos, conhecíamos-nos profundamente e a camaradagem da estrada e das malas pesadas nos unira para sempre.

Mais tarde, pareceria mentira, mas Ernesto Guevara entrou no turbilhão da América Central graças a uma passagem de navio oferecida cortesmente pela United Fruit Co.

2. O Turbilhão no Caribe

A partir de 17 de junho de 1952, data da proclamação da reforma agrária, a Guatemala constituía o maior laboratório da revolução latino-americana, com uma força de exemplo maior do que a revolução boliviana. Esta significação surgia de uma série de circunstâncias que diferenciavam os dois processos e tinham seu ponto mais decisivo no fato de que, na Bolívia, a terra distribuída pertencia a latifundiários nativos e, na Guatemala, a corporações norte-americanas, de reconhecido poder político.

Entre 1821, quando declarou sua independência, e 1944, momento em que se inaugurou o processo revolucionário nacionalista, apenas dois governos haviam sido eleitos constitucionalmente. O assalto contínuo ao poder e o apoio recíproco da classe proprietária e do capital estrangeiro foram a nota típica da história da Guatemala. Servidão, obscurantismo e miséria, os frutos nefastos desta colaboração. Na época da revolução agrária, oito em cada dez habitantes da Guatemala andavam descalços e sete em cada dez eram analfabetos. O feudalismo nativo, associado ao dos americanos, lamentava-se hipocritamente das conseqüências desta situação, falsamente atribuída ao fato de que metade da população da Guatemala era indígena, na maioria descendente dos maias, cuja civilização nunca foi discutida. Deste modo, o sistema que espoliava a uma nação inteira, a convencia, através da propaganda, de que as causas de sua enfermidade estavam em seus próprios habitantes. Mediante a degradação do sentimento nacional e o estímulo da resignação e do fatalismo, a aliança entre os magnatas locais e os milionários estrangeiros propunha-se a sugar indefinidamente a riqueza do país.

Em 1944, uma conspiração de jovens oficiais do exército e de intelectuais tomou conta do governo, com um confuso projeto de reformas. As intenções de mudar nasciam, antes que de um ambicioso plano de futuro, da comprovação de que a Guatemala

arrastava uma existência indigna como nação e que havia malbaratado sua herança como povo. Os maias escreviam, pintavam, esculpam a pedra e construía com cerâmica. Os códices, os templos e as peças arqueológicas espalhadas em todas as direções do país provavam que a civilização maia fora uma realidade. A colonização espanhola e a colonização capitalista haviam aniquilado os melhores produtos dessa civilização, haviam mergulhado na indigência material e na ignorância a população indígena, mas esta conservava importantes elementos de coesão social e histórica. De maneira que, para os militares e os jovens intelectuais, em 1944 abriu-se uma etapa que se propunha a resgatar, com rapidez, a metade da população da Guatemala, para integrá-la num Estado nacional.

O reconhecimento dos indígenas como cidadãos, com os mesmos direitos dos brancos descendentes de europeus, foi o objetivo da maioria das medidas governamentais. Aboliram-se sucessivamente os pilares do velho regime, em especial a servidão e as prestações pessoais dos índios, e neste ponto puseram-se de acordo os que apenas recusavam, por motivos morais, esta forma de escravidão e os que, além disso, estavam convencidos de que a baixa produção agrária do país era devida aos métodos latifundiários em uso. O eixo da questão, no entanto, estava no fato de que qualquer modificação do status quo social prejudicava os privilégios econômicos dos 1.059 donos de terra que possuíam mais da metade das maiores terras, e o maior proprietário de terras era a United Fruit Co., o célebre monopólio fruteiro norte-americano. Em 1953, quando o governo da Guatemala expropriou 161 mil hectares da United Fruit, a companhia entendeu que a reivindicação dos índios terminaria com a perda de suas posses, e pôs em movimento seu gigantesco e bem lubrificado sistema de pressões e ameaças. Nessa altura, interveio o Departamento de Estado norte-americano com o fim de defender a companhia, e o fez com veemência, possivelmente porque duas das figuras mais proeminentes do governo norte-americano, Dulles e Moors Cabot, pertenciam também à cúpula da United Fruit.

Até então a revolução seguira uma linha quase reta. Para cumprir a meta que seu presidente, Juan José Arévalo, havia fixado — "*Socialistas, porque vivemos no século XX, mas não socialistas materialistas. O homem não é primordialmente estômago e acreditamos que, acima de tudo, aspira à dignidade,*" — os revolucionários precisavam aprofundar as reformas econômicas. Poderiam acreditar, de boa fé, que o estômago não era o principal, mas comprovavam dia a dia que, para os grandes interesses econômicos, o estômago é o principal. Nesta lenta evolução de quase nove anos, durante os quais muitos dos revolucionários ficaram pelo caminho, aprenderam na prática muitas coisas que os livros não explicavam, ou explicavam de diferentes maneiras. E houve muitas outras que não conseguiram compreender senão quando já era tarde e haviam perdido o poder. Uma delas, é que os militares profissionais levam, para desencorajar uma revolução, bem menos tempo que o que levam as massas índias para entusiasmar-se com ela. Este desencontro no ritmo do processo revolucionário pode pôr tudo a perder e, de fato, foi o que acabou derrubando a experiência da Guatemala.

Mas, em novembro de 1953, quando Valdovinos e eu chegamos ao Porto de San José, a atmosfera da Guatemala estava carregada de um entusiasmo emocionante. Só ao fim de alguns dias pôde sentir-se a eletricidade que carregava as conversas dos cafés e dos ajuntamentos, o temor com que os comerciantes se referiam ao desentendimento entre o governo e La Frutera.

Havíamos decidido continuar viagem, após vinte dias no Panamá, onde esperamos inutilmente Guevara e *Gualo* Garcia. O Panamá fervia de calor e de convulsões anti-norte-americanas. Era uma temperatura que se alimentava de paixões políticas, e paixões políticas que se reacendiam ao calor úmido do Canal. Mas a ideia de que ali, tanto o clima quanto a situação política não podiam ser modificados, tornava obcecante o contato com ambos, e após três semanas, ajudados pela solidariedade dos estudantes, resolvemos partir. Eu viajava com passaporte argentino que registrava seu caráter de exceção, pois oficialmente só poderia usá-lo para uma única viagem à Guatemala, o país que me concedera asilo político.

Este passaporte, na realidade um salvo-conduto, predeterminava minha rota e colocava-me naturalmente à disposição das autoridades da Guatemala, uma vez que chegara a meu destino. De modo que, no dia seguinte, após chegar à capital, fui comunicar minha presença ao ministério de Relações Exteriores. O chanceler era Raul Osegueda, um pedagogo educado na Argentina, assim como Arévalo, e que, ao contrário deste, se havia ligado intimamente com a boêmia estudantil e a vida noturna. Osegueda ganhara sua vida na Argentina como músico de orquestras populares, tocava guitarra nos salões de baile e conservava uma lembrança nostálgica e afetuosa desses anos.

O chanceler Osegueda foi nosso protetor, e quem pagou a conta de uma modesta pensão perto da Quinta Avenida. Foi também Osegueda quem nos abriu as portas do mundo oficial e político da Guatemala.

Este universo político era muito animado, mas bastava olhá-lo detidamente para chegar à conclusão de que o regime se movia sobre um tremedal de ambições pessoais disfarçadas de tendências ideológicas. Acolhemos esta impressão como um fenômeno curioso e original, porque, como todos os partidos proclamavam sua condição revolucionária, era aqui onde se revelava, como possível, a existência de uma democracia pluripartidarista que ao mesmo tempo realizava a revolução. Para quem vinha da Argentina, governada por um presidente forte apoiado num partido maciço e pouco dado às pequenas intrigas das camarilhas, o contraste com a Guatemala era notável. O fenômeno estava diante de nossos olhos, impossível desconhecê-lo. Só o tempo diria se o sistema era bom ou não para apoiar um processo revolucionário.

Tivemos notícias naqueles dias de que haviam chegado à Guatemala dois irmãos argentinos que realizavam a travessia entre os Estados Unidos e Buenos Aires num Ford 1946. O mais velho, Walter Beveraggi Allende, era professor de Economia Política na Universidade de Boston e fora protagonista de um escândalo internacional até que, finalmente, o presidente Perón retirou-lhe a cidadania argentina, num episódio sem precedentes no país e raro na América Latina. Atravessava as fronteiras com um affidavit

expedido pelo Departamento de Estado, fazendo justiça à sua condição de professor universitário norte-americano. O mais moço, Domingo Beveraggi Allende, fugira do Uruguai sem documentos e acompanhava seu irmão com uma carteira de identidade uruguaia, onde constava que era cidadão argentino.

Estes personagens tinham que acabar se encontrando conosco em algum lugar do mundo. Esse lugar foi a Guatemala. Naqueles dias, meu companheiro Valdovinos, que se casara após um rápido romance com uma jovem aristocrática panamenha, determinou-se a abandonar a aventura e juntar-se à esposa que o esperava no Panamá.

Munido de meu salvo-conduto, incorporei-me aos irmãos viajantes, sendo que nós três formávamos o mais suspeito conjunto de documentos de identidade em circulação, naquela época, na América Central. Apresentados de uma só vez, por exemplo, alarmariam a qualquer cônsul e, na verdade, foi o que aconteceu com o cônsul de El Salvador, um funcionário recalcitrante que nos olhava de cima para baixo e movia a cabeça para os lados, até que o chanceler Osegueda convenceu o embaixador salvadorenho de que nossa passagem por seu país era de finalidade "cultural".

Minha intenção era encontrar de novo Guevara e *Gualo Garcia*, que supunha enredados em algum problema administrativo com as autoridades do Panamá. Por momentos, cheguei a temer que nem sequer houvessem conseguido embarcar no cargueiro da Flota Blanca que deveria tirá-los do Equador.

Como os irmãos do Ford 1946 continuavam a viagem para o sul, uni-me a eles, e começamos uma penosa excursão através das Banana Republics, conforme as denomina a imprensa norte-americana. Começara a estação das chuvas e a única estrada pela qual se podia avançar estava, em alguns trechos, impedida. Todo o tráfego de veículos se fazia demoradamente e muitos motoristas de caminhão preferiam, simplesmente, suspender suas viagens até que as chuvas terminassem. Atravessamos El Salvador e, a 16 de dezembro, através do posto fronteiro de El Amatillo, entramos em Honduras, que atravessamos sem nos deter para ingressar na Nicarágua, por Madriz, onde a guarda nacional de Somoto registrou

nossa passagem a 18 de dezembro de 1953. Seguimos para Manágua e de lá para Rivas, uma pequena cidade colonial na qual todas as pessoas a quem perguntamos estavam de acordo em que não devíamos continuar na marcha para o sul, porque a água das chuvas estava arrastando trechos da estrada e a viagem era praticamente impossível.

Mas os amigos do Ford já estavam outra vez dirigindo e as palavras sensatas dos moradores perderam-se na distância.

A uns 15 quilômetros de Rivas, quando a água formava uma cortina impenetrável e a visibilidade era escassa, começamos a duvidar de que, com aquele tempo, pretendêssemos chegar algum dia a Pedra Branca, o lugar por onde se entra na Costa Rica.

Seguíamos com inexplicável tensão nervosa, observando a estrada que abria passagem pela selva mais espessa da América Central. Logo distinguimos duas silhuetas chapinhando no barro. Não havia dúvida: dois homens caminhavam com dificuldade ao lado da estrada, em direção contrária à nossa. Pensamos em perguntar-lhes o estado do caminho, já que vinham de percorrer a parte que deveríamos enfrentar, quando se fez um claro, o suficiente para ver-lhes os rostos. Eram Ernesto Guevara e *Gualo* Garcia, mochilas nas costas, molhados até os ossos, a água e o suor escorrendo-lhes pelo rosto.

— Pare! gritei, e creio que o grito foi ouvido tanto pelo amigo do Ford, que parou o carro, quanto pelos caminhantes, que também se detiveram.

Abraçamo-nos e os amigos do Ford foram apresentados com muito pouco protocolo, dadas as circunstâncias, a Guevara e *Gualo* Garcia. A informação que nos deram acerca da estrada era horripilante. A água levara terraplenas e pontes. Nas últimas seis horas o único veículo que haviam encontrado fora o nosso. Sinal de que o caminho já havia sido declarado impraticável e que as informações pelo rádio dissuadiam os motoristas de caminhão de seus planos de viagem.

Decidiu-se que o grupo voltaria para Rivas. Guevara e eu estávamos contentes, não parávamos de contar as experiências

vividas desde nossa separação em Guaiaquil, intercalando-as com os planos de regresso à Guatemala.

Soube assim que, após o Panamá, aonde os levaram a Flota Blanca, continuaram viagem até Costa Rica, em caminhões de transporte pesado e, em alguns trechos, a pé. Tiveram um acidente, quando um caminhão que os transportava capotou, saindo fora da estrada. Guevara fora jogado da instável altura em que se encontrava, sobre caixas de frutas tropicais, e, ao cair, batera de cabeça contra o solo. Mesmo agora, passados mais de dez dias, Guevara tinha os músculos e os tendões do antebraço esquerdo ressentidos do baque e se movimentava com dificuldade.

Mas já estávamos chegando a Rivas. Entardecia. Perto da praça principal daquela antiga cidade, numa tenda com alguns homens fumando calmamente e algumas jovens preparando o jantar, nos detivemos. Foi uma tarde inesquecível, com muito mate e saudade da pátria distante, que os amigos do Ford converteram em canções, acompanhando-se de uma guitarra. Por volta das sete horas, comemos arroz com frango frito, vindo diretamente do caldeirão onde era preparado. Guevara comia devagar, com aquela filosofia de comer "para a reserva" que me explicara na Bolívia.

Guevara e seu companheiro haviam passado cinco dias sem uma só refeição completa e a ocasião estava impregnada desse ingênuo otimismo surgido com o inesperado do encontro e a certeza de que na Guatemala tudo iria sair bem.

Logo nos demos conta de que o nosso aspecto e a música e as canções folclóricas argentinas estavam fazendo de nós um espetáculo imprevisto e curioso. Havia um grupo que nos acompanhava em silêncio e bandos de crianças interromperam seus jogos para nos ver de perto e ouvir melhor as canções.

— Sabem o que pensei quando vi vocês? perguntou Guevara, respondendo ele mesmo a seguir: — Pensei comigo: Estes ianques são uns filhos da puta. Têm carro, no meio desta maldita chuva, e nós vamos a pé.

Era verdade. O Ford tinha chapa dos Estados Unidos e uma placa especial que dizia Boston University. Por um instante, Guevara pensou que os felizardos do carro eram norte-americanos .

Foi em Rivas, ponto do mapa que passou para a história alguns anos depois, quando ali foi assassinado o ditador Anastasio Tacho Somoza, que os amigos do Ford resolveram renunciar à aventura automobilística. Esta determinação apresentava um novo problema, já que o carro estava registrado nos Estados Unidos e não podia ser vendido sem os devidos documentos de importação.

Calculando a quantia que poderia significar a venda do Ford, de comum acordo dirigimo-nos a San José de Costa Rica, com o objetivo de que meu amigo o chanceler Osegueda nos permitisse depois vender legalmente o carro na Guatemala.

Recebemos o novo ano de 1954 em San José de Costa Rica, a capital mais hispânica e tradicionalista da América Central. San José convertera-se no quartel-general de uma organização que contava entre seus membros o próprio presidente, José Pepe Figueres.

Esta organização, chamada Legião do Caribe, desempenhava o papel de uma internacional democrática e congregava algumas das figuras de tendência liberal mais famosas da região. Formara-se durante a presidência de Carlos Prío Socarrás em Cuba, quando residiam em Havana o venezuelano Rómulo Betancourt e o dominicano Juan Bosch. Posteriormente, manifestara sua força para impor no governo de Costa Rica o candidato de Figueres, Otilio Ulate e, mais tarde, o próprio Figueres. A partir de 1952, quando Fulgêncio Batista tomou o poder em Cuba, os líderes da Legião abandonaram seu asilo em Cuba e refugiaram-se em San José.

Para dizer a verdade, a eficácia militar da Legião do Caribe não era muita. No entanto, e apesar dos fracassos, as sucessivas expedições de Gayo Confites y Luperón contra o ditador Trujillo de Santo Domingo, criaram uma embrionária organização militar no Caribe, ensinaram a algumas centenas de jovens o manejo de armas modernas e, sobretudo, com suas aventuras, contribuíram para desenvolver o entusiasmo romântico dos estudantes de toda a América Central. Outro elemento que a Legião desenvolveu até suas últimas conseqüências foi a fraternidade de seus membros como cidadãos de uma nação maior que as marcadas pelos estreitos limites políticos. Era um conceito baseado na ideia boliviana da grande nação latino-americana, embora, de fato, restringisse ao

Caribe seu campo de ação. Cubanos e hondurenhos, em número igual ao de dominicanos, organizaram as expedições contra Trujillo, que se armaram em Cuba com a proteção do governo e partiram, em alguns casos, da Guatemala, com o visto das autoridades.

As nacionalidades foram esquecidas no recrutamento da Legião, assim como no século anterior se haviam fundido numa só, para lutar contra o domínio espanhol.

Os líderes da Legião viviam agora na aprazível San José, num bairro residencial, onde ocupavam a mesma casa os venezuelanos Rómulo Betancourt e Raul Leoni e o dominicano Juan Bosch. O fato de que, anos mais tarde, os três houvessem chegado à presidência de seus países, ajudará a compreender o intenso movimento de homens e ideias que convergia e fervilhava naquela casa de San José.

Assim é que Betancourt não se surpreendeu quando Ernesto Guevara e eu nos apresentamos um dia em sua casa, dizendo que desejávamos falar com ele sobre política latino-americana. Em Betancourt a habilidade dialética denunciava uma educação marxista, embora a mesma destreza na discussão revelasse também uma irresistível vocação para o mando. Naquela época era impossível determinar o preço que Betancourt estava disposto a pagar para realizar a sua ambição, e o certo é que impressionava por sua informação e sua inteligência expositiva. Estabelecemos boa camaradagem, que Betancourt aprofundou com um convite para almoço.

Comida era a melhor notícia que podíamos ter naqueles anos.

E a comida que Betancourt nos oferecia, num pequeno restaurante italiano de San José, podia ser comparada com uma boa notícia na linguagem gastronômica de qualquer época ou lugar. O restaurante pertencia a uma italiana, madura mas atraente, que enquanto servia a mesa trocava olhares significativos com Juan Bosch. Este, um mulato de olhar profundo, com elegância natural e nada sofisticada, no momento realizava sua carreira de escritor de ficção, com incursões pela história.

Guevara sentiu uma atração imediata por Bosch e antipatia equivalente por Betancourt. Com Bosch, falava de literatura latino-

americana, dos próprios escritos do dominicano, e de Cuba, à qual acabava de dedicar um livro exaltado, ainda por publicar. A veia profunda e sensível de Guevara, leitor incansável e musicólogo culto, abria-se sem reservas nos almoços com Bosch.

Mas havia uma barreira invisível entre Guevara e Betancourt.

Creio que os separava, em primeiro lugar, uma percepção inconsciente e, em seguida, o confronto das ideias. Betancourt propunha uma dupla imagem dos Estados Unidos: uma de cara amável, da qual se podia esperar compreensão e ajuda, outra odiosa, a do imperialismo, a que prometia combater. Guevara replicava que esta divisão sugeria uma falsa opção que, como todas as opções falsas, beneficiava apenas ao mais poderoso. Nunca puderam ir mais adiante no tratamento do tema das relações dos Estados Unidos com a América Latina, embora Guevara escutasse respeitosamente as explicações de Betancourt.

Num pequeno café de San José, conversando de mesa em mesa, nasceu a ligação com outros exilados políticos, jovens como nós, recém-chegados. Formavam um grupo desordenado e buliçoso, discutiam política e mulheres com verdadeira paixão e tinham, como nós, problemas econômicos para viver num país onde conheciam poucas pessoas importantes.

Eram os cubanos do 26 de julho de 1953. Conhecemo-los em San José em janeiro de 1954. Contavam histórias impressionantes, o massacre que se seguiu ao fracasso do ataque ao quartel de Moncada e o terrorismo das cidades, que começava a ensangüentar as ruas de Cuba. Tanto para Guevara como para mim, aqueles rapazes entusiastas pairavam num terreno fantástico. Falavam de fuzilamentos sumários, atentados com dinamite, exercícios militares no interior das universidades, seqüestres e descargas de metralhadoras com uma naturalidade que nos atordoava. Logo se despediam, iam vender pelas casas tamancos de banho que fabricavam com suas próprias mãos, ou descontar os cheques que as famílias ou os camaradas lhes enviavam de Cuba ou dos Estados Unidos. Foi de seus lábios que Guevara teve a primeira informação concreta sobre a existência de Fidel Castro.

Mas, em San José, só conseguiam provocar em Guevara uma incredulidade brincalhona e mais de uma vez encerrava o relato patético dos cubanos com uma frase: — Ouçam. .. Por que não contam agora um filme de cowboy? Deixamos Costa Rica, em direção a San Salvador, de ônibus. Os amigos do Ford, que haviam conhecido anteriormente o presidente Figueres, conseguiram os papéis para negociar o carro, pouco mais tarde, e deixamo-los enquanto esperavam concluir a transação.

Ao entrar em San Salvador, o ônibus que nos levava recolheu passageiros na segunda cidade da República, Santa Ana. Lembrei-me que o amável embaixador salvadorenho na Guatemala me aconselhara a visitar um certo coronel Vides, caso me detivesse algum dia em Santa Ana. Acontece que era o homem mais poderoso da cidade e um dos mais poderosos do país, de maneira que rapidamente nos pusemos em contato com ele. Ao conhecer o motivo de nossa visita, esforçou-se por torná-la mais agradável. Fomos seus convidados para visitar uma formidável plantação cafeeira, chamada Dos Cruces, vastas terras sabiamente cultivadas, com instalações completas para o processamento do vegetal. O coronel tinha uma filha de excepcional beleza que se ofereceu para nos mostrar a fazenda. Foi então que, de passagem, enquanto observávamos a eficiência da exploração, descobrimos dois ou três detalhes sugestivos. A fazenda estava rodeada por uma cerca de arame farpado, de dois metros de altura, mais ou menos, e era percorrida por alguns indivíduos de uniforme militar, embora sem as divisas ou cores do exército salvadorenho. Portavam imponentes revólveres de calibre 48 e, naquele momento, pareciam extremamente pacíficos. A bela filha do coronel respondeu à nossa curiosidade. Era a "polícia interna" da plantação, encarregada de restaurar a ordem quando "aquela gente" — e mostrava algumas mulheres e crianças esperando os homens em barracões imundos — se rebelasse.

A explicação singela da jovem nos deixou mudos. De noite, o pai nos explicou que a força policial interna era necessária, dada a pouca obediência e amor ao trabalho que freqüentemente revelava a população campesina. E, num esforço para ser ainda mais explícito,

informou-nos que seu posto de Coronel não fora conquistado na academia militar, mas sim na repressão ao movimento campesino, vinte e cinco anos antes.

Foi essa, embora pareça óbvio dizê-lo, a última noite que passamos na fazenda Dos Cruces, junto ao amável coronel que fuzilava seus peões e à bela filha que nos tranqüilizava, assegurando-nos que "papai é uma boa pessoa".

Quando chegamos à Guatemala, o contraste entrava pelos olhos. Em meados de janeiro de 1954, quando penetramos com Guevara na Guatemala, a temperatura política subia perigosamente e, para quem tinha o olfato educado por experiências anteriores, algo estava prestes a estourar.

No dia 29 de janeiro, o presidente Arbenz denunciou que estavam maquinando uma invasão armada contra seu país, que as forças preparavam-se no território de El Salvador, República Dominicana, Nicarágua e Venezuela, e que o motor da conspiração estava "num governo do Norte". Esta declaração, naturalmente, implicava o rompimento de fato entre o governo da Guatemala e dos Estados Unidos, porque, na América Latina, ninguém menciona "um governo do Norte", embora seja o país mais austral do hemisfério, sem estar se referindo ao governo de Washington. No dia seguinte, com velocidade sugestiva, o Departamento de Estado respondeu à chancelaria da Guatemala dizendo que a denúncia era falsa e fazia parte de "um esforço comunista para desbaratar a Décima Conferência Interamericana", convocada em Caracas para os primeiros dias de março daquele ano.

Alojamo-nos com Guevara na mesma pensão onde meu amigo o chanceler Osegueda tivera a generosidade de pagar-nos a conta anterior. Nesse lugar, apresentou-se um dia, contra todas as expectativas, o embaixador argentino na Guatemala, Nicasio Sánchez Toranzo. Minha presença no país fora revelada pela Chancelaria local, dada a minha condição de exilado. Mas Sánchez Toranzo não nos viera visitar como inimigo, mas exatamente o contrário, e com uma oferta de amizade no bolso: erva-mate, o melhor presente que eu e Guevara poderíamos ter recebido naquele momento — e em qualquer outro, — fora da Argentina. Sánchez

Toranzo era um diplomata peronista que, além disso, tinha um irmão general, conhecido como um dos militares mais achegados ao presidente Perón.

As visitas de Sánchez Toranzo nos traziam a preciosa erva-mate, que ele recebia por avião de Buenos Aires, e outro presente sem preço, jornais argentinos, que podíamos ler com Guevara uma semana após a publicação. Sánchez Toranzo contemplava com simpatia o desenvolvimento da revolução na Guatemala, embora não ocultasse sua preocupação com as represálias norte-americanas que se haviam desencadeado. Era um tema que incluía a análise das relações entre Perón e o governo da Guatemala, onde a posição dos anti-peronistas, como Guevara e eu, tornava-se desconcertante.

Perón apoiara o governo da Guatemala o quanto pudera e assim continuaria a fazer, como ficaria demonstrado na conferência de Caracas. O episódio das relações entre Perón e a Guatemala nos abalava, para ser franco, tanto a Guevara quanto a mim.

Em torno do mesmo tema, o ex-presidente Juan José Arévalo nos explicou algo que ignorávamos. Enquanto estávamos na Guatemala morrera um parente próximo de Arévalo. O ex-presidente era embaixador no Chile e voltara imediatamente ao seu país. Através de Osegueda tivera notícias de que estávamos ali e um dia convidou-nos para almoçar, junto ao lago Amatitlán, local de grande beleza a vinte quilômetros da capital.

Guevara e eu perguntamos amigavelmente os motivos que o haviam levado a condecorar Perón com a Ordem do Quetzal, a mais alta distinção que a Guatemala podia outorgar a um estrangeiro.

Arévalo nos contou que, pouco depois que seu governo sancionara o Código do Trabalho, em maio de 1947, as companhias de navegação norte-americanas haviam comunicado que deixariam de servir os portos da Guatemala. O país não possuía frota própria e esta decisão significava um bloqueio em regra. Arévalo entabulou então uma negociação secreta com Perón. O agente desta negociação foi o economista hondurenho Juan Núñez Aguilar, que fora companheiro de Perón no Colégio Militar da Argentina. Núñez Aguilar visitou seu antigo companheiro de Academia, expôs o problema da Guatemala e, no mesmo momento, o presidente

chamou o diretor da frota mercante e ordenou que, em seguida, os barcos de bandeira argentina fizessem escala na Guatemala. Arévalo nos confessou que Perón fizera ainda mais: os primeiros navios argentinos que tocaram em pontos da Guatemala levavam armas das fábricas militares de Buenos Aires. Após estas revelações, que explicavam as honras diplomáticas conferidas pela Guatemala a Perón, pelo menos dois anti-peronistas ficaram profundamente confusos.

Os cafés da Guatemala eram então um ferredouro de notícias falsas, boatos tendenciosos e agentes dos serviços de inteligência dos Estados Unidos. Destes, muitos operavam com inteira desenvoltura, sabia-se em que lugares tinham seu quartel-general e onde e como se podia traficar com eles informações de interesse, pagas em dólares. Um coronel norte-americano, Carl Studer, sempre aparecia no final das conversas e, embora muitos afirmassem tê-lo visto, parecia mais razoável dizer que este militar trabalhava a Guatemala de seu posto em Manágua, valendo-se de uma importante rede de espiões.

Num café voltamos a encontrar alguns dos cubanos que havíamos conhecido com Guevara em Costa Rica. Viviam, como nós, as angústias da revolução ameaçada, enquanto preparavam a sua.

Segundo diziam, a questão de Cuba começara a se resolver, uma vez que o chefe do 26 de julho, Fidel Castro, deixara o presídio da Ilha de Pinos e todos puderam se reunir com ele no México. Os cubanos da Guatemala, na realidade, consideravam-se na antessala de sua mudança para o México, de onde então operariam sobre o seu próprio país.

Nossa situação era diferente. Guevara expôs um dia a necessidade de se trabalhar pela revolução da Guatemala organicamente, a partir do sítio em que a tarefa fosse mais eficaz. Para um médico, o problema era, aparentemente, o mais fácil de solucionar.

Mas quando visitamos o Ministro da Saúde Pública, com uma carta de apresentação de Osegueda, descobrimos que a questão era mais complexa do que esperávamos. Guevara fora se oferecer como médico e sugeriu que tinha interesse em trabalhar na região de

Petén. Realizava-se ali um interessante programa de assistência à população indígena e, além disso, era onde se encontrava uma das mais grandiosas manifestações da cultura maia, o templo de Tikal, de setenta metros de altura. A curiosidade arqueológica de Guevara representava uma parte de seu interesse.

A conversa transcorreu tranqüila e Guevara já podia considerar como seu o emprego que solicitava. Até que o Ministro disse, claramente: — Suponho que você tem o carnê? — Que carnê? perguntou Guevara.

— Ora, homem, que carnê? O da filiação ao PGT. . .

— Não, disse Guevara com surpresa mal dissimulada. Sou um revolucionário e não acho que as filiações desse tipo adiantem coisa alguma...

— Sinto muito — concluiu o Ministro, levantando-se e, assim, indicando que a reunião chegara ao fim: — mas isso é indispensável.

— Olhe, companheiro — foi a despedida de Guevara — no dia em que eu resolver me filiar a alguma coisa, vai ser por convicção, não por imposição, compreende?

Talvez o Ministro tenha compreendido, mas o certo é que Guevara nunca foi médico em Petén. Tudo porque não preencheria um formulário de filiação ao Partido Guatemalteco do Trabalho, nome do Partido Comunista. O chefe dos comunistas levava seu partido a tamanho grau de sectarismo que, por fim, nem mesmo ele conseguiu suportar e converteu-se em anticomunista alguns anos mais tarde. E com o mesmo sectarismo.

A colônia de asilados latino-americanos na Guatemala contava com um dinâmico e bem situado grupo de peruanos da APRA.

Estes peruanos haviam sido distribuídos nos organismos de planificação econômica e agrária, matérias nas quais muitos deles se destacavam como peritos. As reuniões amistosas com os peruanos colocaram Guevara em contato com Hilda Gadea, uma jovem de traços exóticos, que sintetizavam o sangue dos avós índios e dos avós chineses, em proporções difíceis de calcular. Hilda Gadea era empregada do INFOP, instituto criado pela revolução com o fim de fomentar a produção, tanto agrária quanto industrial. A ligação de Guevara com Hilda Gadea culminou com uma filha e um casamento

no México, mas, no início de 1954, ela era apenas uma abnegada companheira dos exilados, pela qual Guevara não tardaria em se apaixonar.

Em fevereiro, o clima popular antinorte-americano aumentou ainda mais. Dois jornalistas dos Estados Unidos foram expulsos do país em represália pela campanha sistemática que realizavam contra o governo, ao qual acusavam de se ter tornado prisioneiro do comunismo. A Igreja Católica, por sua parte, fora advertida de que sua oposição não seria tolerada e um sacerdote teve de partir compulsoriamente.

Nesses dias participamos de uma excursão organizada pela presidência da República. O objetivo da viagem era conhecer as obras de saneamento que estavam terminando em Quezaltenango, onde o governo revolucionário havia concluído modernas instalações de água potável e um hospital. A sorte nos reuniu com um casal de universitários norte-americanos, Robert Alexander e esposa.

Alexander era professor de Economia na Universidade de Rutgers e tanto ele como a mulher perguntavam e anotavam as respostas com essa paixão pela ordem que diferencia os universitários norte-americanos dos de outras partes do mundo. Esta preocupação em registrar tudo que acontecia divertiu Guevara, que, por longo tempo, contemplou Alexander e suas anotações.

No banco dianteiro de uma cross-country sentamo-nos, eu e Guevara, e um burocrata de alta hierarquia. Ao subir, descobrimos no chão uma metralhadora. Guevara indagou o motivo de sua presença. O burocrata respondeu com soberbia: — Para que não sejamos colhidos como vocês, argentinos, sem uma arma na mão. Aqui vão ter de lutar até o último homem.

Vocês vão ver. . .

No campo de batalha que era o Caribe, durante aqueles anos, a verdade é que nós, argentinos, sentíamo-nos inibidos e inferiorizados ante este tipo de demonstração. Alguns meses mais tarde perguntaria a Guevara a respeito da conduta daquele burocrata, mas naquele momento a impressão era a de um lutador disposto até a sacrificar a própria vida.

Quando voltamos do passeio a Quezaltenango, Guevara podia duvidar de tudo que vira, menos duma coisa: o professor norte-americano, que não parara um minuto de tomar notas, era um espião. Eu tinha minhas dúvidas.

— É muito gringo, muito gringo — foi sua resposta. O que é que você acha que eles vêm fazer aqui? São investigadores ou espiões do FBI?

Era difícil ser justo quando, ao sair à rua, a gente podia apontar com o dedo os agitadores a soldo da espionagem norte-americana. Reuniam-se nos cafés, perguntavam em voz baixa sobre a organização política e, sobretudo, o nível de confiança que o exército continuava depositando no governo revolucionário .

O problema do exército foi o ponto crítico do processo, embora os revolucionários não o entendessem como tal. Guevara estava convencido de que, neste aspecto, o atraso da Guatemala era muito mais perigoso que o da Bolívia. Ali pudéramos verificar que havia uma organização militar de mineiros e camponeses que, qualquer que fosse em definitivo seu grau de consolidação, se apoiava na realidade de que os trabalhadores haviam derrotado militarmente o exército profissional. Na Guatemala, o exército profissional levava dez anos consecutivos de participação no governo, mas as medidas revolucionárias haviam entrado num terreno cada vez mais arriscado. Iriam os militares permitir a continuação da política revolucionária, agora que os Estados Unidos haviam declarado oficialmente sua oposição? Guevara duvidava e, um dia, formulamos esta pergunta aos líderes da juventude revolucionária.

— Vocês têm uma enorme confiança nos jovens oficiais, não é mesmo? — perguntou Guevara.

— Sim — foi a resposta — porque foram discípulos do coronel Arbenz na Academia Militar...

— E vocês acreditam — insistiu Guevara — que os modos de vida, a formação militar, tudo que diferencia este grupo, socialmente falando, vá resistir à pressão ianque, se esta se tornar brutal?

Os jovens revolucionários afirmavam que sim. Mas Guevara recomendava-lhes que armassem milícias camponesas, como as que havíamos visto na Bolívia. Melhores ainda, se possível. Milícias que,

chegada a ocasião, pudessem não só vigiar o exército, mas também substituí-lo e assumir totalmente a defesa da soberania nacional.

Os temores de Guevara tiveram confirmação dramática poucos meses mais tarde, embora eu não estivesse presente para acompanhá-lo. No fim de fevereiro de 1954 deixei a Guatemala, seguindo viagem rumo ao México e aos Estados Unidos, onde passaria cerca de um ano. Abraçamo-nos.

— Me espere no México — conseguiu gritar-me, quando o ônibus se pôs em movimento na direção da fronteira. Na Guatemala, o drama chegava ao seu último ato.

3. A Forja de um Revolucionário

— Por que não, hein?

Guevara fez a pergunta com um sorriso de desafio, enquanto dava voltas atrás de uma modesta mesa de pinho e simulava tirar fotografias com grande afetação. Tinha na mão uma câmara barata de profissional e, um minuto antes, após as saudações de costume, havia começado a me explicar picarescamente como estava ganhando a vida tirando fotografias nas praças e avenidas. O problema "técnico" era que as únicas pessoas, no México, que podiam pagar por fotos de rua eram turistas, mas estes, na maioria, eram norte-americanos e é difícil conceber um turista norte-americano sem sua câmara fotográfica.

— O mercado potencial — brincava Guevara — é enorme, mas o mercado real dá para a gente morrer de fome.

Em abril de 1955, após passar um ano nos Estados Unidos, tomei o avião para o México com o fim de cumprir a promessa que havia feito a alguns amigos de ali reunir-me a eles. Sabia que Guevara estava vivo, que no último momento deixara a Guatemala e queria vê-lo, conhecer sua versão pessoal e direta da queda do governo de Arbenz.

Guevara morava num modesto apartamento na rua Nápoles, 40. Vivia com a mulher, Hilda Gadea, e a filha de ambos, naquela época com poucos meses de idade. Havia um terceiro inquilino, um pequeno guatemalteco que se reunira a Guevara quando os dois fugiram da Guatemala, no trem que os levara a Tapachula, escala preliminar à chegada à capital. O pequeno guatemalteco, que todos conheciam pelo apelido de *El Patejo*, era o sócio de Guevara no magro negócio fotográfico, do qual participava ainda uma terceira pessoa, o mexicano em cujo laboratório se revelavam as chapas tiradas na rua, dia após dia.

Nesse ano, ou mais provavelmente, nos dias em que estivera asilado na embaixada argentina na Guatemala, Guevara escolhera o

caminho político, um caminho que passava pela revolução. Estava mais magro e, apesar do ofício de fotógrafo de praça pública, conservava o inconfundível aspecto de estudante universitário em férias. O México era uma grande cidade e até uma personalidade tão anti-convencional como a sua tinha de enquadrar-se em algumas normas aceitas pela coletividade.

— Lembra-se daquele sujeito da presidência, o que levava a metralhadora no carro? — perguntou Guevara ao iniciar o relato do que lhe havia sucedido na Guatemala depois de minha partida.

— Como é que eu ia me esquecer dele — ele que nos humilhara com a exibição da metralhadora e a promessa de lutar até a morte? — Lembra-se, não é? — continuava Guevara. — Pois bem, foi um dos primeiros a fugir, e dava uma gargalhada, onde se sentia a maior desilusão do mundo e o desprezo que sempre sentira pelos fanfarrões.

Guevara vira ferver o caldeirão da Guatemala, especialmente depois da Décima Conferência de Chanceleres, reunida em março de 1954, em Caracas.

Sabia-se na capital, com profusão de detalhes, que em Tegucigalpa, nas Honduras, recrutava-se um exército mercenário, cujos membros identificavam-se em público mediante um crucifixo atravessado por um punhal. Esta força irregular compunha-se de nicaraguenses, hondurenhos e dominicanos, contratados em seus respectivos países, e um certo número de cubanos e colombianos que fizera a guerra na Coréia e no momento estava sem emprego.

Este conjunto de apenas 600 homens, somado a uns 200 guatemaltecos, não representava uma séria ameaça militar. Mas podia atuar sobre a frente interna e, se esta não estivesse apoiada em bases muito seguras, a derrubada se precipitaria sem necessidade de as forças chegarem a se enfrentar realmente.

Uma semana antes da invasão, aviões com pilotos norte-americanos deixaram cair milhares de panfletos convidando o povo a aderir ao "exército libertador" que se encontrava acantonado na fronteira. O coronel Castillo Armas atroava o espaço com ameaças radicais e o governo viu suas relações com a Igreja Católica piorar

ainda mais, enquanto a Igreja, por sua parte, exagerava sua preocupação diante do aspecto esquerdista do regime.

A invasão começou no dia 18 de junho de 1954 em quatro lugares fronteiriços com Honduras. Mas era tão evidente que o contingente invasor não poderia combater um exército de 7 mil homens, que ninguém esperava que se travasse uma batalha verdadeira. Nos primeiros dias, a força invasora avançou 15 quilômetros sem encontrar resistência, mas por um momento parecia que o exército da Guatemala apoiaria seu governo, e nesse dia deu-se um choque que dispersou, virtualmente, as tropas irregulares de Castillo Armas.

Guevara compreendera imediatamente que a batalha deveria ter lugar na capital, onde a desorientação das forças revolucionárias poderia culminar com o desmoronamento da resistência.

Desenvolveu então uma atividade desesperada para convencer as organizações da juventude revolucionária de que deveriam assumir o controle imediato da capital. A hipótese de Guevara propunha, em primeiro lugar, dominar a cidade ferreamente e manter isolada a força invasora, cuja capacidade de ataque, do ponto de vista militar, era insignificante. Esta operação dupla condenava a sorte da aventura de Castillo Armas, mas violentava a condição de militar profissional de Arbenz. Entregar armas às organizações cívicas, tanto aos numerosos partidos que proclamavam sua fidelidade revolucionária como aos grupos sindicais e camponeses, era uma resolução imprescindível.

Entre os dias 18 e 26 de julho, isto é, desde o início da invasão até o momento em que o coronel Arbenz renunciou, a capital transformou-se num grande palco onde se desnudaram muitos fervores falsos e saíram à luz inconfessáveis covardias. À medida que o governo não detinha a ridícula tropa mercenária, o moral do exército baixava. Agentes civis da direita guatemalteca, mesmo antes de Arbenz abandonar o poder, começaram a preparar o expurgo sangrento que se seguiria à sua queda.

Nessa altura dos acontecimentos, o embaixador argentino, nosso amigo da erva-mate e dos jornais de Buenos Aires, foi dar na pensão de Guevara, certa madrugada.

— Guevara, você tem de vir comigo agora mesmo — disse-lhe.
— Por quê? Se não há nada comigo, ninguém me conhece ...

— Isso é o que você pensa — continuou o embaixador. Fui avisado de que há um argentino na lista de agitadores a serem executados. O argentino é você.

Guevara tentou recusar o asilo oferecido pelo diplomata, mas este acabou convencendo-o com uma observação simples: — Você não pode fazer sozinho aquilo que o governo não está disposto a fazer.

Foi assim que Ernesto Guevara teve sua vida salva, ficando cerca de um mês na embaixada peronista da Guatemala. O governo argentino negara seu voto à condenação do governo de Arbenz, e, quando este caiu, obteve autorização para tirar do país os asilados em sua embaixada, a bordo de aviões militares. Guevara fora convidado a regressar à Argentina num daqueles vôos, mas negou-se.

Pediu um salvo-conduto que o levasse até o México.

E agora estávamos no México. Clic, clic, e Guevara acionava de brincadeira a câmara. Depois ficava sério, lembrava-se com *El Patejo* do que se desencadeara na Guatemala com a queda de Arbenz, a depuração política e o assassinato, a vingança dos latifundiários, a liquidação dos programas campesinos e o reinado eterno da United Fruit.

No dia 1.º de maio de 1955, de manhã, Guevara passou no meu hotel.

— A revolução mexicana está morta, estava morta há algum tempo e não tínhamos dado conta. Vamos ver o desfile dos trabalhadores organizados. Parece um enterro — me disse.

O desfile se realizava por El Zócalo. Vastas colunas de sindicalistas, de calças azuis, carregavam enormes cartazes que, além de identificar a organização a que pertenciam, confirmavam sua adesão à política do governo. Por alguns momentos, tinha-se a sensação de estar assistindo a uma parada de trabalhadores num país socialista da Europa. A coluna completava-se com enfermeiras e pessoal dos corpos sociais, com sobreviventes das lutas agrárias e dos grandes movimentos históricos do povo mexicano. O conjunto

parecia coagulado atrás dos ideais revolucionários, mas Guevara olhava-os desanimado e, meio triste, comentou: — Estão unidos pelo orçamento, a nomeação de governo. Vamos embora, meu velho.

Guevara e eu terminamos aquela tarde de 1.º de maio junto ao Monumento dos Meninos Mártires, que lembra o sacrifício dos cadetes de Chapultepec enfrentando até à morte o exército norte-americano do General Pershing.

No dia seguinte, uma notícia comoveu Guevara. Seus amigos cubanos, muitos dos quais conhecêramos juntos, na Costa Rica e na Guatemala, anunciavam que Batista encontrava-se em dificuldades internas e internacionais, e uma anistia parecia iminente. No dia 3 de maio, a versão tomou corpo e, num apartamento do edifício Imperial, onde vivia um número impreciso de exilados cubanos, escutamos as rádios de Cuba que informavam sobre a sanção que o Senado havia dado a uma lei de anistia.

Nos Apartamientos Imperial vivia uma impressionante colônia cubana. Dispersos em andares diferentes, podiam ser vistos os fundadores do 26 de julho, ou intelectuais da oposição, como Raul Roa, que na época nutria uma sólida inimizade pelos comunistas.

Esta colônia, ou sua maior parte, vivia pendente da lei de anistia, porque representava a liberdade de Fidel Castro e dos veteranos do assalto ao quartel de Moncada. E no México os cubanos já começavam a se encontrar para esperá-lo.

Guevara passara da incredulidade a um entusiasmo crescente pelos cubanos. O que maior influência teve nesta mudança foi talvez o fato de que Guevara perdera na Guatemala, de uma vez para sempre, confiança nos meios pacíficos para conquistar o poder ou retê-lo. Além disso, em contato com eles, descobrira que uma parte importante das aventuras que relatavam era verdadeira, e, como prova, contavam em suas fileiras com um imponente número de mortos, feridos e prisioneiros .

A vinculação de Guevara com os exilados cubanos não tivera origem premeditada. Contribuíram para isso tanto a idade como a condição universitária de muitos e o caráter aberto dos cubanos, que combinava perfeitamente com um homem tão sem preconceitos

como ele. A ideia de Guevara girava em torno da necessidade de realizar coisas importantes sem perder o senso de humor. Era por isso que ficava deprimido com os "doutores" latino-americanos, seus modos solenes, sua dificuldade em agir, e sentia uma enorme atração pelos barulhentos cubanos.

Ocorreu a Guevara que eu podia fazer uma escala em Cuba, quando regressasse aos Estados Unidos, e que esta visita terminaria por me convencer da existência de uma base revolucionária ativa na ilha. Roa também achou interessante a ideia de que eu viajasse para Havana, quando a comuniquei alguns dias mais tarde, na fazenda que o poeta venezuelano Andrés Bley Blanco possuía em Cuernavaca. Reunia-se nesta fazenda uma esmagadora maioria de venezuelanos, entre os quais ganhava terreno a tese da conquista do poder pelas armas. Gonzalo Barrios, mais tarde Ministro do Interior, posto em que se propôs a esmagar guerrilhas, sustentava naquela época, pelo contrário, partindo de posições minoritárias, a necessidade da "guerra do povo". Eram reuniões amigas e abertas, onde se ressaltava o fino espírito do dono da casa, um dos maiores poetas da América Latina, morto tragicamente pouco depois. Guevara se identificava naquela companhia, e a paixão política que a todos envolvia criava de fato uma cálida fraternidade .

Mas quando cheguei em Havana, no dia 7 de maio de 1955, o otimismo da colônia cubana do México pareceu-me excessivo.

A anistia, pelo menos, estava suspensa. Ou Batista se negava a assiná-la, ou o preço que pedia à oposição era inaceitável para esta. Eu levava uma carta para um certo doutor Marti, a quem me recomendara Roa, pedindo-lhe que me mostrasse o que havia de mais importante em Cuba na ocasião. Evidentemente, os motivos de interesse para Roa e Marti eram diferentes, pois este último me levou por várias noites seguidas aos cabarés da cidade, no seu carro último modelo. Nas manhãs, andava sozinho pelas ruas próximas à de Belascoain, onde se acha o Hotel San Luis, ao qual fora ter por sugestão dos cubanos amigos de Guevara. O dono, segundo diziam, simpatizava com eles, embora parecesse devorado por um ódio total a Batista. Escutavam-se, às vezes, rajadas de metralhadora, em pleno dia, que o hoteleiro explicava imediatamente como

procedentes do recinto universitário. Em geral, as descargas vinham do interior da Universidade, à passagem dos perseguidores da polícia.

Mas o tal de Marti, que também dirigia um jornal, El Mundo, mostrava-se cético acerca de futuras mudanças políticas na ilha.

— Olha só, olha só — dizia, enquanto apontava alguns miseráveis dormindo sob os portais, ao meio-dia, debaixo de um sol de fogo. Esses aí vão querer mudar o quê? Estão tranquilos e, à sua maneira, são felizes. Nunca vai acontecer nada em Cuba.

O que eu senti foi que, pelo menos, nada importante aconteceria nos poucos dias de minha estada em Havana. A lei de anistia estava encalhada na mesa de Batista. Abrira-se um compasso de espera. Voltei para Nova York com a imagem dupla e contraditória do luxo da cidade noturna e a miséria que se arrastava na claridade do dia.

Em junho de 1955, ao deixar a fábrica metalúrgica do Down Town onde trabalhava, os vendedores de jornais gritavam que Buenos Aires fora bombardeada e que havia centenas de mortos. A notícia me causou choque tão profundo que, por instantes, tive a impressão de que o sangue abandonara meu corpo. Infelizmente a notícia era verdadeira. Tratava-se de um putsch contra Perón, fracassado, mas que, sem dúvida, também ferira mortalmente o seu governo. Objetivamente eu era um inimigo político de Perón, estava foragido de sua polícia, que instituíra um prêmio pela minha cabeça, após a minha fuga, mas não via nenhum motivo para alegrar-me com esse bombardeio. Nos dias seguintes, recebi cartas da família, que contavam a história do ponto de vista deles, segundo o qual era mais importante que Perón caísse e eu pudesse voltar para Buenos Aires do que o juízo histórico sobre o que havia ocorrido.

Sobre os mesmos fatos escreveu-me o amigo Arturo Frondizi, com quem mantinha correspondência permanente desde o começo de meu desterro. Mais de uma carta de Frondizi, cheia de reflexões acerca do futuro argentino, havia lido junto com Guevara, para discuti-la e utilizá-la como documento de análise. Guevara não tinha dificuldade em aceitar o que eu então dizia sobre a personalidade

intelectual de Frondizi. Mas terminava invariavelmente resmungando que Frondizi faria melhor que os outros, mas não faria diferente.

Em setembro, diziam-me os amigos da Argentina, as forças armadas derrubariam o governo peronista. E realmente, em setembro, caiu Perón. Nós, argentinos residentes em Nova York, nos tornamos populares nestes meses, especialmente nos círculos universitários. A natureza do regime que se instalou na Argentina continuou imperfeita e vaga durante várias semanas, embora não negasse a orientação direitista do processo iniciado pelo movimento armado.

Frondizi telegrafou-me informando que um avião da marinha de Guerra voaria para o México a fim de recolher os argentinos espalhados pela América Central e devolvê-los a Buenos Aires. Havia um lugar para mim nesse avião, de maneira que fiz meus cálculos sobre a anunciada chegada do aparelho e fui para o México. No dia em que desci no aeroporto, os jornaleiros noticiavam a queda do general Lonardi, que derrubara Perón, e do regresso deste ao governo. Eu já havia liquidado minha situação pessoal em Nova York e a ideia de que o avião não chegaria para me levar era, no mínimo, inquietante.

Fui diretamente à casa de Guevara. Ele, como é natural, acompanhava atentamente a marcha dos acontecimentos na Argentina e me tornou clara a parte da história que os jornaleiros pregavam de maneira tão obscura. Nessa noite fui eu quem tentou convencer Guevara a voltar para a Argentina. Cheguei a prometer formalmente uma passagem no avião naval no qual eu deveria partir — passagem esta que, no momento, nem mesmo eu possuía, mas que consegui alguns dias depois, sem dificuldades, com o capitão de navio Bassi, comandante do aparelho.

— Não, não vou não. Para quê? — foi a resposta de Guevara.

— Aqui há um assunto muito sério, a empresa dos cubanos, que cresce a cada dia. E lá há o quê? Um governo militar, no momento, tentando rebaixar o papel da classe operária na direção política do país. Digamos que esse governo desapareça — ontem um deles já se foi — e que venha teu amigo Frondizi, ou que você mesmo chegue a ministro. Que é que vocês podem fazer? Um governo cheio

de boas intenções, poucas reformas de base e, no dia que quiserem realizar essas reformas, RASSSSS!!! — Guevara fez o gesto de uma navalha cortando o pescoço.

O avião argentino levou três semanas para chegar ao México, justamente porque as lutas intestinas do regime militar baseavam-se nas estritas possibilidades armadas de cada grupo, e um avião é sempre um avião.

Nessa ocasião recomendei Guevara ao maior editor do México, o argentino Arnaldo Orfila Reynal, que dirigia o Fundo de Cultura Econômica. Guevara abandonara a fotografia, embora *El Patejo* continuasse no ramo, e se iniciara como vendedor de livros a crédito. Seu interesse era duplo, pois, além de ganhar um pouco mais, permitia-lhe dispor de um certo número de obras caras cuja leitura sistemática havia resolvido tempos antes. Os clássicos do marxismo, a coleção de obras de Lênin, textos relativos à estratégia militar da guerra civil espanhola, passavam diante de seus olhos ávidos durante a noite e, de manhã, voltavam para dentro da pasta de couro com a qual percorria escritórios e casas particulares.

Mas o encontro com o editor não foi positivo, certamente devido à orgulhosa barreira que Guevara levantava quando tinha de pedir algo a alguém poderoso — e Orfila Reynal era sumamente importante no México. O encanto e sedução pessoal que Guevara exibia nas reuniões entre amigos evaporava-se, na hora de pedir, e o seu semblante se tornava concentrado e grave. Não era, sem dúvida, o tipo ideal para vender livros a crédito.

Fidel Castro estava no México com seu irmão Raul. Nos dias anteriores a meu novo encontro com Guevara, Fidel Castro realizara uma excursão por várias cidades dos Estados Unidos e eu mesmo escutara seus partidários num ato celebrado em Nova York, em cujo final duas moças muito bonitas recolhiam dinheiro numa metralhadora feita de papel pintado e madeira.

Na segunda semana de novembro de 1955, Guevara levou-me para conhecer Fidel Castro. Morava em outro apartamento do mesmo edifício Imperial, para onde se mudara o estado-maior da revolta cubana. Encontrei Nico López, a quem conhecera na Guatemala, e que no ano seguinte encontraria a morte na expedição

do Granma. Era uma coletividade de pessoas loquazes, acostumadas a falar em voz alta e, em vista do número insuficiente de cadeiras, discutiam sentados no chão. Pairava no ar a fumaça impenetrável de enormes charutos acesos e o seu aroma se misturava com o cheio de suor dos corpos jovens que se amontoavam em todos os quartos. O tumulto era tão ensurdecedor que Guevara me pegou pelo braço e disse: — Vem, vamos para a cozinha. É o único lugar onde se pode falar. Na cozinha estava Fidel Castro esquentando uma monumental panela de macarrão. O inverno mexicano era rigoroso e o clima de conspiração permanente, no qual viviam os exilados cubanos, exigia improvisações o tempo todo. Castro vigiava o macarrão quando começou a me explicar, a pedido de Guevara, a síntese militar do projeto.

— Temos o navio, temos as armas, temos os homens e estamos a prepará-los. No ano que vem iremos a Cuba. Vamos morrer ou ser livres. Mas no momento temos a polícia mexicana e os espões mandados por Batista atrás de nós. Diz uma coisa: a tua situação aqui, com a polícia, está em ordem?

Expliquei que vivera dois anos com salvo-conduto muito suspeito, mas que no momento poderia conseguir um novo passaporte argentino sem nenhum problema. Além disso, as autoridades mexicanas tinham conhecimento de que estava prestes a aterrissar um avião da marinha de guerra argentina com o propósito de recolher todos os que desejassem voltar para Buenos Aires.

— Perfeito, assim é melhor. Temos a impressão de que estão preparando uma provocação contra nós com o fim de nos pôr na cadeia por uma temporada. Quanto à expedição, uma vez que nossa força se interne em território cubano, começará o trabalho nas cidades. Muito bem, o trabalho já está sendo feito, é feito por nossos companheiros. Mas a partir da hora em que pusermos o pé em Cuba, cada bomba que explodir em Havana desatará milhões de línguas e todas falarão de nós, dos que lutam com armas na mão. Você entende?

A porta da cozinha abria-se uma vez ou outra. Entravam homens com mensagens, outro acabara de ouvir pela rádio de

Havana opiniões desfavoráveis ao proselitismo que Castro vinha de realizar nos Estados Unidos.

Castro respondia a cada pergunta e voltava a fechar a porta da cozinha com o pé. Pedi mais detalhes sobre a operação que planejava e fui chegando à conclusão de que, na verdade, ainda não tinham navio que os levasse a Cuba, embora já tivessem reunido dinheiro suficiente para comprá-lo. Nem pareciam encontrar-se numa etapa verdadeira de preparação militar sistemática, embora já estivessem dispostos a começá-la muito breve. Minhas perguntas sobre o assunto determinaram uma troca de olhares de inteligência e uma referência ao "professor de inglês". Na época eu não compreendi, mas muito depois Guevara lembrou-me esse encontro e contou que o "professor de inglês" não era outro senão o coronel Bayo, um cubano que fizera a carreira militar na Espanha e que preparou tecnicamente as forças de Castro.

O projeto que Castro relatava com paixão parecia, para ser sincero, pouco consistente e com uma margem desfavorável bastante desproporcional. Talvez tivessem êxito, mas da maneira como apresentava o assunto, parecia duvidoso. Com o passar dos anos, cheguei à conclusão de que o êxito da expedição dos 82 homens do Granma teve início, precisamente, no fato de que não podiam ter êxito. Contrariaram as leis da navegação, do abastecimento, do material militar e da guerra. Era um desafio tão desmesurado como, em escala muito maior, seria a luta armada dos vietcongues contra o exército dos Estados Unidos. Porém ao colocar duas técnicas completamente diferentes face a face, sua própria desigualdade tornou possível que a mais débil, do ângulo do mais forte, continuasse ativa, indefinidamente. O exército cubano não podia levar a sério a ameaça militar da pequena força armada de 26 de julho.

Do mesmo modo que o Exército da Guatemala não levou em conta, militarmente, o bando invasor de Castillo Armas. No entanto, os dois exércitos perderam a batalha porque, em definitivo, a solução do conflito foi política e não militar.

Mas naquele momento, quando Fidel Castro explicou, pela milésima vez nos últimos meses, a direção de seu plano armado,

tinha uns longes de fábula. Foi o que lhe disse: — Em Buenos Aires, sabe onde é que pusemos os sujeitos com ideias como as tuas? Em Vieytes!

Guevara riu, enquanto informava aos outros que Vieytes é a denominação popular do mais antigo hospício da Argentina.

Tentei até o último momento que Guevara voltasse para Buenos Aires no avião naval. Discutimos o assunto caminhando pela cidade do México, de uma ponta a outra, o modo favorito de Guevara lidar com assuntos importantes. Caminhador infatigável, no campo e na cidade, esta rotina perfurava as solas de seus sapatos onde apareciam as horríveis marcas de uso, cada vez que cruzava as pernas. Ele não ligava a menor importância e esta sua despreocupação também dera lugar a situações ligeiramente engraçadas, como na vez que solicitamos uma entrevista com o grande poeta espanhol exilado León Felipe.

O poeta era um dos 50 mil exilados que viviam então no México, entre os quais os espanhóis formavam o contingente maior.

Guevara descobrira a obra poética de León Felipe num dos livros que vendia para viver, e quando soube que ele residia na mesma cidade, perguntou-me se o acompanharia até um clube de republicanos espanhóis onde ele poderia ser encontrado. Uma tarde aparecemos no clube e alguém nos mostrou León Felipe. Convidou-nos a sentar e ele e Guevara o fizeram numa poltrona dupla, enquanto eu fiquei numa simples, diante deles. Enquanto corriam as apresentações, quase ao mesmo tempo Guevara e o poeta espanhol cruzaram a perna direita sobre o joelho esquerdo. Sorri discretamente: ao fazê-lo, ambos deixaram à vista, por um momento, as solas dos sapatos, ambas mostrando a profunda ferida deixada pelo uso.

Em 1964, quando era um dos homens mais poderosos de Cuba, Guevara lembrou o velho poeta e enviou-lhe uma carta de bela memória: "Talvez tenha interesse em saber", escreveu ele, "que um dos dois ou três livros que tenho em minha cabeceira é *El Ciervo*; poucas vezes o li, porque em Cuba dormir, ou simplesmente descansar, é um pecado de lesa diligência. Outro dia assisti a um ato de grande significado para mim. A sala estava atulhada de

trabalhadores entusiastas e havia um clima de homem novo no ambiente.

Aflorou-me uma gota do poeta fracassado que levo dentro de mim e recorri a você, para polemizar à distância. É a minha homenagem; peço que assim o interprete. Se sentir-se tentado pelo desafio, vale o convite."

Mas o México, paraíso dos exilados, muitas vezes amigo dos recém-chegados, a longo prazo era terrivelmente duro, pela virtual proibição de trabalhar que pesava sobre os estrangeiros. Nessa cidade, com seus agoniantes ataques de asma que o derrubavam durante horas, Ernesto Guevara queimou seus navios e jogou todas as suas cartas numa aventura de cujo êxito não estava convencido, como ele mesmo o reconheceu depois do triunfo. Sua esposa, nossa companheira de Guatemala, Hilda, reforçava o insignificante orçamento familiar com um emprego mal pago de escritório. E a filha, também chamada Hilda, como a mãe, começava a ser criada numa atmosfera carregada de esperanças e de fracassos dos exilados.

O clima era demasiado melancólico para que Guevara pudesse adaptar-se à existência de um exilado regular. Castro e seus amigos também não pareciam apropriados para um longo exílio, e se ainda tinham alguma dúvida, a caravana dos vencidos refugiados espanhóis tinha que levá-los a voltar.

Guevara forjou sua personalidade definitiva no México, pois suas preocupações científicas passaram a um plano secundário, sua formação ideológica alcançou um alto nível teórico e, graças ao "professor de inglês", teve uma educação militar eficiente.

Da maneira em que a personalidade de Guevara foi integrada, o único campo de ação que tinha diante de si estava no Caribe.

A ação política, que podia desenvolver-se na Argentina com a queda de Perón, fizera-o retroceder a um estilo que nunca fora o seu e que agora o era ainda menos. O formigueiro de minúsculos partidos e facções que disputava o poder na Guatemala era semelhante ao que a oposição disputava em Cuba. Guevara sentia repugnância pelos métodos da democracia liberal e, justamente, o que a Argentina poderia oferecer-lhe em 1955 era, nem mais nem

menos, enterrar-se num formigueiro como o da Guatemala e o de Cuba. O desprezo de Guevara pelos métodos partidários tinha, sem dúvida, uma raiz moral, mas Fidel Castro chegara ao mesmo desprezo por outro caminho, ao fim de uma intensa e curta experiência. Como resultado desta mesma atitude, forjada por problemáticas pessoais e nacionais diferentes, Guevara e Castro tiraram tudo que não servia para a luta armada e se dedicaram à tarefa de edificar seu pequeno exército.

Pouco antes de começarem os exercícios militares com o coronel Bayo, e como fazíamos desde o primeiro encontro na Bolívia, organizamos uma excursão. Fomos de ônibus até El Bajío, um dos lugares mais pobres do México, onde os camponeses arrancam penosamente os frutos da terra seca do planalto, cuja aspereza repele a vida. Era domingo e, numa pequena igreja do campo vizinho em Querétaro, os camponeses entravam em silêncio. Ernesto Guevara e eu entramos atrás deles. Cumpriam um ritual de servilismo, herdado de quem ninguém sabia, se dos colonizadores espanhóis ou dos imperadores aztecas. Traziam nas mãos ou em cestas tecidas suas oferendas ao cura, espigas de milho, ovos e galinhas. Tiravam os enormes sombreros e, ao ajoelhar-se, levantavam ligeiramente as calças brancas, deixando descobertas bastas sandálias. Era uma cena plasticamente bela e historicamente desalentadora: estes humildes camponeses indígenas transmitiam a impressão de que o tempo parara em El Bajío. E nós estávamos decididos a fazer com que o tempo corresse depressa.

— Eu diria — comentou Guevara, sacudindo a cabeça como se quisesse afastar aquela cena feudal — que a famosa revolução mexicana não deu dentro. . ." Fez uma pausa e concluiu ironicamente — ". .por mais que a gente queira dizer".

Quando nos detivemos em Querétaro, pelo contrário, a imobilidade do lugar era refutada por uma rajada da história. Ali os insurgentes mexicanos executaram o imperador Maximiliano da Áustria, no século passado, acabando com o domínio europeu.

— Estes índios — murmurou Guevara no local histórico — são bons para a luta. O negócio é ter tempo para explicar-lhes como fazer e quem é o inimigo. Você não acha?

Em dezembro de 1955 separei-me de Guevara no México. Tinha um otimismo febril com a empresa de Castro e sentia por seus camaradas cubanos uma amizade sincera. Interessava-se politicamente pela aventura, mas também pelo nível humano: vivia com os cubanos a irmandade de uma grande família e com suas qualidades pessoais havia conquistado a estima de todos.

Deu-me uma carta para sua mãe, Célia, e poucos dias mais tarde, já em Buenos Aires, entreguei-a em mãos. Foi quando começou minha amizade com esta mulher leal e extraordinária, que se prolongou por quase dez anos, até sua morte em 1965.

SEGUNDA PARTE

Governando Cuba

4. Vésperas de Invasão

A temperatura de uma caldeira a ponto de reventar, no instante exato em que os segundos parecem horas e a explosão iminente. Era essa a sensação física exata de quem deixasse o avião, no aeroporto Rancho Boyeros, de Havana, em janeiro de 1961. Em apenas duas semanas, o Presidente Eisenhower rompera relações com Cuba e o governo cubano abrira um parêntese na sua polêmica diplomática com Washington. Cuba depositara uma inusitada confiança no novo Presidente, John Kennedy, que ocuparia o lugar de Eisenhower no dia 20 de janeiro. Mesmo que o pretendesse, a capital não poderia mudar da noite para o dia seu aspecto militar e, no caminho que liga o aeroporto à cidade, cruzava-se com caminhões de guerra e soldados em trajes de combate. Também não se pode afirmar que a cidade quisesse mudar de aspecto.

Meu primeiro impulso, chegando ao Hotel Nacional, foi chamar Guevara em seu gabinete de presidente do Banco Nacional de Cuba. Mas também sabia que Guevara só chegava ao escritório às últimas horas, após terminar sua atividade mais intensa, que poderia ter lugar em qualquer parte da ilha.

Preferi sair à rua, abrasada pelo sol do meio-dia. As grandes ruas sem árvores do bairro de Vedado despediam fogo e a luz feria os olhos. Perto do hotel, numa avenida, desfilava um destacamento da milícia feminina, com suas metralhadoras curtas, botas de pára-quedistas, blusas abertas e boinas caídas sobre o lado direito do rosto.

A imagem do país em guerra podia ser captada em qualquer lugar. Havia barracas de campanha perto do cais e, segundo o motorista do carro que tomei para percorrer a cidade, a Via Blanca estava minada no setor norte. Perto de Guanabo, cidade a 25 quilômetros de Havana, o motorista fora desviado da rota por milicianos que perfuravam o pavimento com aparelhos pneumáticos, para depositar cargas de dinamite. O motorista não perdera o bom

humor e, enquanto se desviava das lindas moças que atravessavam distraídas as ruas, lembrava com confiança as palavras de Castro no dia anterior. Para o chefe da revolução, as relações de Cuba com os Estados Unidos "poderiam começar de novo" com Kennedy. Era uma frase otimista, baseada no crédito de confiança que o mundo inteiro abria para o novo presidente, a contrafigura exata do valetudinário general que, alguns dias antes, rompera as relações oficiais com Cuba.

Percebia-se uma visível contradição entre o tom tranqüilizador de Castro, que agira como um bálsamo em muitas pessoas de nervos esgotados, e a faina militar que parecia aumentar em vez de diminuir. Havia, naquela época, em Cuba, uma gradação de perigos a combater, embora o maior fosse uma invasão pelo mar com apoio norte-americano. Os menores eram as redes de sabotagem interna, cuja ação fora intensificada. Ao trazer-me de volta para o hotel, o motorista apontou-me as marcas de balas na parede. Nas noites serenas de Havana, quando a população descansava do clima calcinante do dia, os disparos podiam ser ouvidos nitidamente.

Podiam vir da zona do Capitólio, lugar preferido para atacar as milícias populares pelas costas, ou do bairro dos grandes hotéis, a fim de alarmar os hóspedes.

Eu tinha comigo o número do telefone direto de Guevara.

Fora dado algumas semanas antes, em Bonn, pelo jornalista argentino Jorge Masetti, que desempenhava missões jornalísticas em estreita colaboração com Guevara.

Disquei e esperei que atendessem. Não foi uma secretária e sim o próprio Guevara quem atendeu: — Quem é? — perguntou com certa impaciência.

— O Franco-atirador em visita oficial a El Chanco — respondi.

Pôs-se a rir. Eu acabara de tirar do esquecimento dois apelidos com que nos havíamos batizado reciprocamente em nossas andanças pela América Latina. Quando nos conhecemos, Guevara era um curioso do mundo e eu um homem de partido. Comecei então a chamá-lo de El Franco-atirador. Mas no México, quando se considerou perfeitamente compenetrado de seu compromisso com a revolução cubana e latino-americana, devolveu-me carinhosamente

o apelido. Para ele, sem dúvida, sua associação revolucionária valia mais, era uma decisão definitiva. El Chanco fora o apelido de Guevara durante a adolescência, dado por seus amigos do time de rugby do San Isidro Club, uma equipe aristocrática que se exprimia por pilhérias com frequência pesadas, como convém a vigorosos desportistas. Guevara aceitara o apelido sem protestar, tendo, por sua vez, qualificado comicamente pelo menos seis de seus companheiros e, por fim, convertera-o num pseudônimo para assinar as crônicas sobre os encontros de rugby. Fez ainda mais: adotou-o como um nome a ser usado por amigos, de maneira que, quando estabelecemos uma boa relação, na Bolívia, disse-me: — Olha, Gordo, meus amigos me chamam de El Chanco e acrescentou, à guisa de explicação: — dizem que faço barulho quando como.

El Chanco agora era El Che, o argentino mais famoso depois de Perón.

Queria que nos encontrássemos em seguida, pois tinha um programa noturno cheio de trabalho, mas gostaria que eu visse suas audiências, examinasse em atividade um alto organismo da revolução, observasse por dentro a maquinaria que traçava as grandes linhas da política econômica de Cuba.

O escritório de Guevara ficava num dos andares superiores de enorme edifício ainda não terminado, construído pelo regime de Batista para sede do Ministério da Guerra. Ocupava uma série de grandes escritórios sucessivos com seus secretários e ajudantes e, num deles, mobiliado pela metade, descansava a guarda pessoal de veteranos que sempre o acompanhava. Estes homens, barbudos e com uniformes de combate, não destoavam dentro da atmosfera bélica de Havana, mas sem dúvida assustaram mais de um funcionário internacional ou banqueiro europeu, quando abriam a porta que levava ao seu chefe.

Lá estava ele. Com suas botas de pára-quedista, uma ampla camisa de colarinho virado e os braços abertos. Parecia mais gordo, mas explicou-me mais tarde que o rosto se edematizava devido ao emprego crônico de cortisona.

— Não é gordura, não, aqui não há tempo para isso — comentou.

Guevara e eu tivéramos vários contatos, mas o certo é que não nos víamos desde dezembro de 1955, quando acabara de ligar seu destino ao dos revolucionários cubanos e se dispunha a cumprir sua preparação militar sob a supervisão do coronel Bayo, um profissional refugiado no México após a guerra da Espanha.

Depois disso, Guevara travara uma guerra de dois anos e já estava outros dois anos no governo de Cuba. Tinha no corpo, pelo menos, três marcas de balas, voltara a se casar, desta vez com uma jovem cubana que conhecera durante a guerra.

— Tua história, disse para ele — excita a imaginação de todos os jovens do mundo. E os velhos funcionários do governo alemão não me acreditam quando conto que passamos muitas noites dormindo em campo aberto, alimentando-nos apenas de bananas. O que é que faço para que me acreditem? — perguntei num tom falsamente preocupado.

— Acha que se eu te der uma declaração por escrito e posarmos juntos para uma fotografia, vão te acreditar? — respondeu, por sua vez, no mesmo tom grave e brincalhão.

Era exatamente o mesmo Guevara que eu deixara cinco anos antes. A única diferença estava no vigor de sua personalidade, na qual não se descobria nenhuma fissura, nenhuma greta ou espaço em branco. Este processo de transfiguração começara a se manifestar agudamente nos últimos tempos, no México. Despontava o espírito metódico e enérgico, capaz de trabalhar sem descanso quando encontrasse a empresa que merecesse a dedicação de todas essas virtudes. Aparentava complacência com a desordem, mas esta desordem foi desaparecendo na medida exata em que a ordem das ideias se instalava em sua cabeça. As ideias ordenaram-se de fora para dentro, primeiro percebeu a barbárie, a exploração e a miséria da América Latina, depois estudou a fundo as causas.

Por esta investigação apaixonante, Guevara abandonou tudo que antes o atraía. Caíram-lhe das mãos os grossos volumes de Freud, as teorias de Spengler sobre a superioridade do homem branco.

O universo cultural do europeu foi abandonado por ele em tudo aquilo que não servia à liberação do latino-americano mestiço, índio,

negro ou branco. No dia em que sua inteligência e a realidade circundante entraram em contato, ficaram perfeitamente aparafusadas como duas peças da mesma máquina. Sua capacidade de trabalho, criativa e silenciosa, tomou o rumo definitivo e, por fim, houve paz na consciência exaltada de Guevara. Era um homem cabal no dia que os revolucionários cubanos ofereceram-lhe participação no poder.

— Há um mês que eu te esperava, meu caro. Pensei que ia te encontrar aqui quando voltei de minha viagem pela Ásia. Por onde é que você andou metido?

Contei que, após renunciar a meu cargo diplomático na embaixada argentina em Bonn, fizera uma escala de três semanas em Nova York e que lá estava quando houve o rompimento de relações.

Guevara quis saber a minha impressão sobre a opinião pública norte-americana quanto ao rompimento. Disse-lhe que o homem da rua parecia sinceramente convencido de que podia esperar de Cuba as piores calamidades, incluindo um ataque armado, talvez uma agressão soviética disfarçada, ou algo assim. Guevara escutava em silêncio, um enorme charuto entre os lábios. Fez uma ligeira anotação quando lhe falei de dois encontros que tivera em Nova York, um com Joseph Newman, especialista em assuntos latino-americanos do New York Herald Tribune, e outro com Manuel Ray, ex-ministro do governo castrista, que pretendia diferenciar-se do resto da oposição no exílio porque defendia as conquistas sociais da revolução.

Eu havia acompanhado Newman por várias províncias argentinas, pouco antes de Frondizi ocupar a presidência, em 1958.

Frondizi me pedira que mostrasse tudo que ele quisesse ver e viajamos juntos durante alguns dias. Durante minha estada em Nova York lembrei-me de Newman e procurei-o em seu jornal. Ao saber que eu seguiria para Cuba, interrogou-me exaustivamente sobre um tema acerca do qual eu não podia oferecer mais que conjecturas à distância. Interessava-se em conhecer o grau de consentimento interno do regime castrista e se era possível um levante entre a população, caso uma força expedicionária repetisse a façanha de

Fidel e invadisse a ilha. O próprio Newman realizara, tempos antes, uma viagem pelo interior de Cuba e não acreditava na possibilidade desse levante. Mas dava a sensação de estar realizando um verdadeiro inquérito entre latino-americanos, destinado a alguém em algum alto posto em Washington. Com o passar dos anos vim a saber que Newman era o informante de Arthur Schlesinger Jr. e que sua opinião negativa a respeito da invasão de Cuba foi transmitida por ele a Kennedy, sem que, no entanto, isso alterasse a decisão final de atacar.

Guevara semicerrou os olhos, maneira sua de exprimir a curiosidade e disse: — E você, gordo, respondeu o quê, ao gringo Newman?

— Disse que eu não havia estado em Cuba, mas que ele estivera na Argentina em 1945, quando o embaixador Braden e o Departamento de Estado bloquearam Perón. "Você acha, Newman, que os argentinos teriam cooperado com uma invasão norte-americana naquele momento? E Newman fez que não com a cabeça."

Transmiti também a Guevara minha impressão de Manuel Ray, engenheiro de aspecto bonachão, em cuja opinião os Estados Unidos não se opunham a Castro por medidas econômicas e sociais e sim por sua adesão política à União Soviética. Partindo desta crença, Ray sustentava que era possível continuar a revolução afastando Fidel do caminho.

— Ora, Ray! — exclamou Guevara, pondo-se de pé. — Nunca sei direito se é um anjinho ou um filho da puta, ou uma mistura dos dois, em quantidades variáveis.

Guevara estava convencido de que, apesar da mudança de governo nos Estados Unidos, continuavam os preparativos de invasão. Em Havana possuíam informação detalhada sobre estes preparativos, especialmente aqueles realizados em fazendas na Guatemala. O problema era, portanto, saber até onde Kennedy podia ou queria fazer pesar a autoridade presidencial para paralisar e dispersar estas forças. Guevara achava que Cuba deveria tentar mudar a determinação norte-americana de lançar a invasão, mas que esta mudança era historicamente impossível .

— Seria o mesmo que reconhecer que Betancourt tinha razão, compreende? Que há um Estados Unidos bom e um Estados Unidos mau, e que a sorte da América Latina depende de qual deles esteja no poder. Os interesses econômicos têm alguma influência, mas a nação será um bloco de concreto, enquanto a classe trabalhadora não adquirir consciência de classe e os negros não organizarem a sua rebelião. Mas isto está longe, entendeu?

Todo o governo cubano vivia aquela dupla expectativa: ou que as relações com os Estados Unidos de Kennedy se modificassem e até se tornassem aceitáveis, ou que, pelo contrário, a ilha fosse invadida.

Mas, naqueles dias, os cubanos haviam decidido reiterar sua disposição de entrar em entendimentos. Estavam transferindo para os trabalhos do campo unidades inteiras de milicianos, com bastante publicidade, de modo que esses atos não perdessem seu sentido político.

No dia 23 de janeiro, Guevara convidou-me a ir com ele a Cabañas, pequeno povoado situado a oeste da capital, a uns setenta quilômetros. Pegou-me no Hotel Nacional de manhã bem cedo, pois era a única hora em que se podia viajar sem sofrer totalmente o calor do trópico. Com ele veio Manresa, seu secretário de confiança, um homem simples, de cortesia sem exageros, que era o arquétipo dos homens que Guevara procurava ter ao seu redor. Manresa fora soldado do exército de Batista, mas esta situação nunca modificou a determinação de Guevara de tê-lo ao corrente de muitos assuntos do governo. Era um desses leais, cuja alma honrada transparecia nos próprios olhos.

Em Cabañas, o povo inteiro estava na praça principal, coberta também de milicianos que voltavam aos trabalhos civis.

A multidão de camponeses entoava estribilhos revolucionários, agitava os sombreros de palha trançada e dava alento aos milicianos, camponeses também, que após aprender o manejo de armas voltavam para reunir-se nos sulcos de cana.

Guevara foi sumamente cauteloso no discurso pronunciado pouco antes do meio-dia. Kennedy, disse ele, não insinuara ainda

qual seria sua política com relação a Cuba, e, no momento, convinha reincorporar os homens no trabalho produtivo.

— Se a nova administração nos ameaça, devemos estar todos prontos para regressar às trincheiras.

A multidão parecia bastante ambivalente, os rostos se distendiam tranqüilamente quando o orador acalentava a hipótese de melhores relações com os Estados Unidos, contraíam-se numa expressão voluntariosa quando mencionou a volta às trincheiras. Os cubanos não queriam guerra, mas também não a temiam.

Pegamos o costume de nos reunirmos todas as noites, por volta das 12 horas, quando Guevara recebia em seu Gabinete, até às 5 da manhã. Num quarto contíguo, onde freqüentemente sua mulher, Aleida, atendia visitantes, havia também um saco de erva mate e os utensílios para prepará-la. Era um antigo costume do Rio da Prata que conservara e os amigos íntimos sabiam que não existia para El Che obséquio maior. A informação correra e não havia delegação universitária, política ou trabalhadora, procedente da Argentina, Uruguai ou Paraguai, que não trouxesse sua modesta oferta de erva-mate.

O mate passava de mão em mão, enquanto amanhecia lá fora.

Os argentinos em Cuba celebravam o ritual dos gaúchos no quarto de Che. Ali conheci finalmente Alberto Granados, o bioquímico que viajou com Guevara pela primeira vez quando deixaram a Argentina, e Che ainda era estudante de medicina. Granados trabalhava em Cuba na especialidade e a devoção que sentia por Guevara era correspondida pela ternura que este último sentia por ele.

A ideia de que Guevara foi um homem com poucos afetos, difícil de amizade e alheio às obrigações que esta implica, por se concentrar na política e na revolução, é falsa. Com Granados, com Masetti, comigo, com Gustavo Roca, com os que foram seus amigos em épocas diferentes, mas sobretudo com os que o conheceram intimamente antes que fosse célebre e poderoso, era Guevara um amigo exemplar, cálido, interessado nos problemas dos outros, a ponto de dissimular por completo a magnitude que sua própria figura adquirira.

No fim de janeiro, um discurso de Kennedy sobre a infiltração do comunismo nas revoluções nacionalistas da América Latina foi interpretado como uma declaração do novo presidente para Cuba.

As declarações foram mal recebidas. Além disso, coincidiu com o recrudescimento das atividades de sabotadores, procedentes, em vários casos provados, de território norte-americano. Estes sabotadores concentravam-se numa região montanhosa não muito alta, embora bastante protegida por vegetação, de fácil acesso pelo ar: a serra do Escambray.

Em Escambray, província de Las Villas, bem no centro da ilha, um grupo de anticastristas encontrara refúgio em cavernas escondidas pela selva. A imprensa norte-americana falava de um verdadeiro exército, com milhares de homens municiados esperando o momento de agir. Guevara tinha uma noção bem mais realista. Para ele, o bando de insurgentes não passava de duzentos indivíduos, número que apesar disso justificava a preocupação do governo cubano. À noite, aviões camuflados jogavam sacos de regular tamanho com fuzis Garand, armas automáticas Browning, caixas de granadas e bazucas, que, em muitos casos, passavam diretamente para os arsenais do governo.

A presença de grupos anticastristas não chegava a ameaçar a estabilidade do governo, mas, assim como acontecera em 1957 e em 1958, justificava a agitação nas cidades e a sabotagem. Houve vários fuzilamentos. Empregados da usina elétrica de Havana, que haviam dinamitado parte das instalações, foram passados pelas armas. Também um número de norte-americanos respondia a processo, todos capturados quando tentavam penetrar território cubano. Sua situação, extremamente difícil de explicar pelos Estados Unidos, alimentava também a convicção dos chefes cubanos de que os organismos de espionagem norte-americana levavam adiante seu projeto de invasão, a despeito de qualquer ideia contrária de Kennedy.

O governo cubano tomou então a determinação de limpar de inimigos as montanhas de Escambray, mediante uma vasta operação na qual participariam cerca de quinze mil milicianos. Era uma tarefa extremamente perigosa, não devido à força do inimigo, mas à

inexperiência dos milicianos, que até aquele momento haviam participado de exercícios militares mas não conheciam, em sua maioria, um combate verdadeiro.

De qualquer modo, recebi com entusiasmo o convite de Guevara para juntar-me a uma das unidades combatentes. No local aonde Guevara me sugeriu que fosse, a cidade de Santa Clara, travara ele mesmo uma das batalhas mais cruentas da guerra contra Batista. Fez mais de mil prisioneiros, apoderou-se de um trem militar completo e capturou a cidade. Santa Clara é o eixo da planície central da ilha, importante centro ferroviário para onde convergem as comunicações e onde, além disso, vivem mais de cento e cinquenta mil pessoas.

Guevara lembrava com emoção um soldado daquela batalha, combatente anônimo da revolução. Achara-o dormitando num encontro anterior e o soldado explicara que não tinha arma para combater. Haviam-na tirado dele devido a sua própria imprudência, quando disparara acidentalmente. Dissera-lhe Guevara: — Vá arrumar outro fuzil na primeira fila da luta. Vá desarmado e volte com ele, se é capaz.

Em Santa Clara, num hospital de sangue improvisado, Guevara foi chamado ao leito de um moribundo.

— Lembra, comandante? O senhor me mandou buscar uma arma, e eu a consegui!

Essa história de heroísmo sempre o comovia.

Em Santa Clara, quando cheguei para juntar-me às milícias, a lembrança de Guevara ainda estava fresca. O edifício da central elétrica e o da Universidade conservavam cicatrizes de disparos em seus muros, e bem perto do lugar em que se oficiou a primeira missa católica na América estava o ramal ferroviário onde os homens de Che capturaram o trem blindado do Exército.

As milícias eram formadas especialmente por camponeses.

Homens simples e francos, como todos os camponeses que havíamos conhecido em nossas correrias pela América, embora mais comunicativos. Riam com facilidade e brincavam com as armas automáticas, cujas peças brilhavam ao sol do meio-dia. Muitos eram negros, como o jovem professor voluntário que, naqueles dias, fora

enforcado por anticastristas das serras. Tratava-se de um crime brutal e impolítico, ao fim de uma paródia de julgamento no qual foi condenado como "comunista". Os milicianos negros sentiam que deviam vingar a esse irmão de sangue que encontrara a morte enquanto cumpria sua missão de educar outros camponeses como eles. Não havia ódio, mas o grau de consciência que Guevara considerava ótimo para que a revolução se tornasse invulnerável. Estes homens haviam compreendido que, para eles, a liberação estava na boca dos fuzis e que, enquanto os conservasse, a soberania de Cuba e sua dignidade pessoal estavam asseguradas, eram indivisíveis.— Precisas entender bem isto! disse-me Guevara quando lhe transmiti minhas impressões. Se aqueles camponeses da Guatemala tivessem sido esclarecidos a tempo, nem Castillo Armas, nem ninguém, nem mesmo os ianques, teriam acabado com a revolução agrária.

Para Guevara a preparação militar de um revolucionário nunca pode ser considerada completa. Ele mesmo havia julgado necessária uma boa preparação como aviador e a conseguira com rapidez. Dirigia um Cessna bimotor, que antes pertencera a Castro, e em algumas de suas viagens ao exterior chegou a sentar-se também no comando dos grandes Britannia.

No avião de Guevara percorri a ilha de um extremo a outro.

Foi uma experiência curiosa e reveladora ao mesmo tempo, porque o trabalho se interrompia no campo quando o avião voava de dia sobre os sulcos do canavial. O tenente Eliseo De La Campa, piloto pessoal de Guevara, que me fez percorrer toda a ilha, explicou-me que os camponeses sabiam que nesse avião viajava Fidel Castro ou *el Che*. Em qualquer caso, ao reconhecê-lo no céu, deixavam por um momento os machetes em paz e acenavam com as mãos.

Guevara pediu ao piloto que tivesse "muito cuidado" comigo.

— É um velho amigo, compreende?, piscava um olho, enquanto dizia — para que não o tomem por um contra-revolucionário e derrubem vocês com uma bomba.

Era precaução justificada, pois alguns dias antes a artilharia antiaérea derrubara um avião perto do balneário de Varadero, sendo

que três dos ocupantes morreram, dois militares e o outro um dirigente do partido. O engano havia irritado profundamente Guevara e ele dissera, nos funerais das vítimas: — Os três foram vítimas do inimigo, pois é o inimigo quem nos faz ver fantasmas onde eles não existem.

Guevara tinha medo principalmente da psicose da invasão, estado de espírito totalmente diferente do fato de estar preparado contra a invasão. Falou, naqueles dias, várias vezes, a diferentes platéias sobre o tema. Não conseguia esquecer-se da psicose destruidora que tomara conta da população da Guatemala em 1954, deixando-a praticamente inerte diante do avanço de uma grotesca força armada.

Além disso, relacionava a história da invasão com a queda de produção. Era uma preocupação dominante em Guevara: — Se continuarmos por mais um ano nesse pé de guerra, ficaremos sem produção e isso não pode acontecer.

Certa noite resolveu partir de madrugada para uma visita de surpresa a uma fábrica metalúrgica. As visitas tinham o propósito de verificar o ritmo de trabalho. Conseqüentemente, precisavam ser feitas sem aviso prévio. Às quatro e meia da manhã seguinte, um Pontiac modelo antigo subiu a rampa de automóveis do Hotel Nacional. O porteiro do hotel acordou-me bastante sobressaltado.

— O comandante Guevara e sua escolta esperam o senhor — anunciou.

Naquele momento, desciam pelo menos uns cem estudantes das províncias, que completavam na capital um curso de formação.

Chegamos quase que juntos ao andar térreo, onde Guevara nos esperava. Para eles foi um impacto encontrar ali a Che, em carne e osso, com sua blusa meio descolorida pelo uso, as botas sem lustro e o semblante alegre dos moços que partem em excursão, feito eles mesmos, naquele momento.

Che provoca sempre uma respeitosa curiosidade. Todos sentiam, vagamente, que aquele homem, nascido no outro extremo do hemisfério, estava trabalhando com eles porque a revolução cubana era parte de uma revolução maior, na qual todos tinham um

papel. Quando partimos, a sensação quase mágica dos jovens revolucionários parecia flutuar em nosso redor.

Guevara pegou o volante e seus quatro companheiros se apinharam no banco traseiro. Sentei-me a seu lado, enquanto os outros acomodavam as metralhadoras FAL entre as pernas e um deles acendia um charuto cujo fogo apagara. Aqueles homens do povo, que protegiam Guevara de ataques terroristas, haviam-no seguido desde Sierra Maestra até Las Villas, combatendo sob suas ordens na coluna Ciro Redondo. Representavam o contingente mais radical do exército rebelde, mais como consequência direta da veneração que professavam pelo Che, que por uma análise ideológica sistemática.

Guevara também acendeu um charuto e me ofereceu outro, mostrando-me uma bela caixa de madeira lustrada que ficara no assento entre nós dois. Quando levantei a tampa, não pude conter uma exclamação: não havia charutos na caixa e sim uma dúzia de granadas de mão, cuidadosamente alinhadas, com os pinos de segurança intatos. Meu olhar interrogou-o, pois, além dos quatro homens armados no banco de trás, Guevara trazia uma pistola 45 na cartucheira, presa a um largo cinturão tecido com fio de pescar.

— O quê que há? — perguntei.

— É o que usamos aqui. A vida de revolucionário é dura, está sempre por um fio. Há sabotadores treinados pela CIA procurando os chefes da revolução para assassiná-los. E nesse caso, não há arma mais terrível que uma granada de mão bem aplicada, matematicamente no meio do grupo atacante. Mais ainda: se o que vai atirá-la tem sangue frio suficiente e consegue segurá-la na mão alguns segundos depois de arrancar o pino de segurança, o efeito é ainda mais demolidor.

E em seguida tirou um charuto de verdade do bolso superior da camisa, que me ofereceu.

Na usina de aço que visitamos, Guevara passou rapidamente à sede da direção e perguntou pelo registro de presença do pessoal.

Comprovou que 25% dos trabalhadores comunicaram sua ausência por diferentes motivos: desde doença até tarefas de

vigilância ou doutrinação político. Pediu então que o pessoal fosse congregado no pátio traseiro da fábrica.

— Somente com trabalho e sacrifício vocês podem produzir mais — disse-lhes. É mais fácil morrer lutando nas trincheiras do que trabalhar 365 dias por ano.

Guevara esforçou-se por ser claro, no sentido de que a produção nacional de Cuba estava agora sob controle do proletariado.

— Estamos vivendo um momento histórico da classe trabalhadora cubana e também da classe trabalhadora de toda a América — prosseguiu —, pois tudo que acontecer em Cuba nesta época revolucionária tem repercussão iminente em outros países da América. Aqui se trava uma batalha por todo o futuro da América e cada vez que damos um passo adiante — concluiu — contribuimos com a nossa ação revolucionária para que toda a América se liberte de um jugo feroz e que nós conheçamos por demais.

Quando voltamos a Havana, depois do meio-dia, Guevara comentava sua preocupação com as desordens na produção, aguçadas pela ameaça de um ataque exterior, mas que também se originavam de uma interpretação incorreta do controle proletário sobre as indústrias.

O carro parou diante de um sinal e Guevara ficou olhando distraído até que o motorista de um veículo freou junto a nós. O homem olhava-o com rancor mal contido, os olhos faiscavam. Guevara virou a cabeça em minha direção com um sorriso beatífico.

— Olha só — disse. Esse aí pertence à classe média, aquela da qual Fidel ainda acha que pode esperar apoio. Repara nos olhos dele. Mas o sinal verde já nos pusera a caminho.

Uma noite descobri que Guevara tinha um enorme mapa da Argentina em seu banheiro particular, junto ao seu Gabinete. Era um desses mapas encerados que o cartógrafo Bemporat fabricara aos milhares e que são facilmente encontrados em todas as escolas argentinas. Mas era raro dar com um deles num banheiro.

Perguntei o motivo daquela estranha decoração para um recinto sanitário.

— Sabe — me disse ele — quando estou no "trono", tenho o costume de ficar pensando. Penso na Argentina, na sua potência econômica ainda por explorar, no quanto poderia ganhar a revolução latino-americana se conquistasse um ponto de apoio e expansão como esse, em vez de se apoiar exclusivamente num país pequeno como Cuba.

A Argentina era um tema que o perseguia sempre. Guevara estava convencido de que a revolução latino-americana não poderia expandir-se sem contar com um baluarte político e econômico.

Pensava às vezes também no Brasil, e naqueles dias subira ao poder Jânio Quadros, um amigo da revolução cubana, que chegara até a visitar a ilha. Acalentava a esperança de que o Brasil fosse o país chamado a desempenhar papel decisivo na liberação latino-americana.

As conversas sobre a Argentina tornaram-se freqüentes a partir de um fato totalmente inesperado para mim, mas que trouxe às discussões novos e interessantes protagonistas.

Certa noite, quando eu saía para comer com alguns amigos no restaurante Potin, no Vedado, recebi um chamado telefônico de alguém que dissera à telefonista que não me conhecia, mas precisava falar comigo.

O desconhecido era Angel Borlenghi, o homem mais poderoso do governo de Perón, ocupante por mais de oito anos do Ministério do Interior. Borlenghi não me conhecia, mas eu não só o conhecia como também lhe dedicara muitos de meus pensamentos, principalmente quando pôs um prêmio pela minha cabeça, quando de minha fuga de Buenos Aires.

Borlenghi queria me ver imediatamente. Expliquei ser impossível, que me esperavam para comer. Ele insistia e eu voltava a recusar. Até que por fim disse em voz muito fraca: — Acontece que estou preso. Estou na estação de polícia de Malecón, nos fundos da embaixada norte-americana.

O destino quisera que o outrora todo-poderoso ministro, que ordenou minha prisão quando eu defendia presos políticos e sindicais, se encontrasse agora na mesma situação de meus antigos clientes.

O tenente de polícia explicou-me que o delito de Borlenghi consistia em não haver denunciado sua condição de proprietário de duas unidades de moradia, o que era expressamente proibido pelas disposições da nova lei de reforma urbana. Borlenghi explicava que a situação era devida não a um espírito especulativo, mas a uma antiga realidade familiar, que o obrigava a manter duas casas ao mesmo tempo.

Quando compreendi que não havia modo de tirar da prisão o ex-ministro peronista, pedi um telefone e chamei Guevara. relatei os detalhes do caso e Guevara pediu-me passasse o aparelho ao tenente de polícia. Manteve com ele uma conversa respeitosa e instrutiva, pois começou por felicitar o policial pelo zelo com que vigiava o cumprimento das leis revolucionárias. Por fim, pediu que, excepcionalmente, soltasse Borlenghi, embora dando continuação ao processo judicial contra o mesmo. O tenente aceitou a proposta e assim o ex-ministro argentino foi solto minutos depois.

Alguns dias mais tarde quis agradecer pessoalmente a Che pela intervenção. Guevara concordou e, certa noite, sentamos os três para tomar mate e falar de política nas poltronas de couro do Gabinete de Guevara.

— Perón foi, sem nenhuma dúvida, a expressão mais avançada do reformismo político e econômico da Argentina — afirmou Guevara —, mas é bom notar que se ele tivesse afetado profundamente as forças econômicas tradicionais, estas não se teriam encontrado em tão boa posição para acabar com seu governo, tal como fizeram.

Borlenghi replicava que o desenvolvimento relativo da Argentina deixava crer na possibilidade de um crescimento contínuo sem necessidade de transformar por completo a estrutura da sociedade.

Para ele, a justiça distributiva que Perón implantara era mais que suficiente para justificar perante a história o seu governo. Confessava sinceramente que a velocidade da revolução cubana dava-lhe vertigens. Borlenghi repetiu várias vezes no decorrer da conversa seu argumento favorito: — Está certo, está certo, mas quando eu dirigia o sindicato de empregados mercantis tínhamos apenas uma sala onde nos reunirmos e, durante o governo de Perón, ele chegou a ser o grêmio organizado mais poderoso de toda

a América Latina, com gigantescos serviços sociais e milhares de empregados e técnicos a seu serviço.

Guevara nunca chegou a convencer Borlenghi, que em sua juventude fora um social-democrata à maneira alemã, da diferença existente entre um sindicalismo reformista e distributivo e um sindicalismo compenetrado de que o papel da classe trabalhadora é dirigir toda a nação.

No mesmo escritório de Guevara vim a conhecer outro colaborador íntimo de Perón, o ex-chanceler Jerónimo Remorino.

Encontrava-se em Cuba tentando convencer o governo a comprar na França uma fábrica de fertilizantes. A empresa francesa encarregara Remorino da tarefa de efetuar o negócio. Guevara discutia com ele durante horas a política dos Estados Unidos e da América Latina. Remorino queria conhecer o grau de lealdade que se podia esperar razoavelmente da União Soviética, na hipótese de ser o interdito cubano-norte-americano demasiado longe e demasiado rápido.— Poderiam trocar Cuba por Berlim, ou por Taiwan, por qualquer dos problemas pendentes que algum dia deverão resolver.

Os russos têm uma política nacional, interesses permanentes. No momento parece que têm medo, sobretudo, de litígios, talvez porque esperem que a situação interna dos Estados Unidos possa dar lugar a uma política agressiva, um "fascismo" à norte-americana, e disso para uma guerra geral é questão de um passo — argumentava Remorino.

— Não pode ser — respondia Guevara. Supor isso é supor que uma nação comunista tenha a mesma moral de uma nação capitalista, o que equivale a negar os próprios fundamentos do comunismo. Antes de ser um método de desenvolvimento econômico, de distribuição de oportunidades e conquistas materiais, o comunismo é uma moral, uma moral internacional. Em Cuba nós estamos convencidos de que os soviéticos honrarão a solidariedade socialista.

Eram discussões na boca do leão. Se fosse necessária uma confirmação, bastava chegar à janela, de onde se podia distinguir, recortada no horizonte marítimo, a silhueta negra de um cruzador norte-americano, ameaçador e silencioso, testemunha armada do

desgosto que a potência mais forte do mundo sentia com a revolução socialista de uma pequena ilha do Caribe.

A experiência pessoal e política de Remorino era completamente diferente da de Borlenghi, e a presença de ambos no governo de Perón documenta o seu caráter pluriclassista. Borlenghi era um sindicalista, um trabalhista segundo o molde alemão ou inglês. Remorino era, antes de tudo, um nacionalista, à maneira dos grandes líderes europeus. De Gaulle foi seu modelo predileto.

Mas tanto um quanto o outro comoviam-se da mesma maneira diante da honradez da revolução cubana e da honestidade de Guevara. Impressionavam-se com episódios de diferente envergadura. Remorino admirava o desdém de Guevara pelo dinheiro, um desprezo contido dentro de normas morais e éticas, que teve sua maior manifestação no dia em que assinou as cédulas cubanas com seu nome de guerra, Che. Guevara sabia que, com esse gesto, dava um golpe de morte a um conceito de vida que colocava o dinheiro acima de tudo, rodeando-o de um respeito sacramental.

Desmitificar o dinheiro, devolver-lhe o papel de meio simplificador no intercâmbio de riqueza realmente produzida pelos homens, era a intenção de Guevara. Os ricos de Cuba deixaram de entesourá-lo. Espalhavam-no aos milhões nas mesas de jogo dos cassinos, quando descobriram que o dinheiro era apenas papel impresso e não o podiam empregar para consumir além de suas necessidades nem além de sua contribuição à comunidade. Guevara desfizera a certeza corrente de que o dinheiro era um valor sagrado, no dia em que assinou Che nos bilhetes. Podiam ser vistos junto às mesas de jogo do Hotel Capri, instalado alguns anos antes por George Raft, homens e mulheres devorados por uma febre secreta, enquanto jogavam sobre o pano verde as notas que a revolução ferira para sempre.

Borlenghi, por sua vez, ficava seduzido pelos aspectos mais diretos da moral jacobina de Guevara. Chegava a mudar de voz quando lembrava que Guevara tentara introduzir uma fórmula jurídica de exceção, a da corrupção da moral pública, para julgar certo empresário de obscenidades, um tal de Schwarzmann, para

cúmulo cidadão argentino por adoção. O personagem já havia inclusive figurado na literatura mundial, saído da pena de Graham Greene, pois não era outro senão o empresário do célebre teatrinho Xangai, do bairro chinês de Havana. Graham Greene, em Nosso Homem em Havana, registrara o espetáculo clamoroso e nefando do Xangai, onde um gigante negro realizava a primeira parte de um programa destinado a excitar as piores paixões, programa que se prolongava em cenários mais reduzidos, com violações de animais domésticos, perversidades e sadismos indescritíveis. Guevara advertira o rufião que organizava os espetáculos, mas este pensou encontrar-se diante de um funcionário comum, talvez um pouco mais severo. Não esperava que um dia, ao insistir em suas funções perversas, Guevara o chamasse a seu quartel-general, na fortaleza de La Cabana, comunicando-lhe que seria processado por corrupção da moral pública e possivelmente condenado à morte. Durante várias semanas o embaixador argentino lutou para dissuadir Guevara de fuzilar Schwarzmann e, embora sem conseguir dele a renúncia à qualificação dos delitos, acabou convencendo-o de que não podia aplicar a pena de morte a um estrangeiro.

A intransigência de Guevara era total para a cobiça, a paixão desenfreada por acumular riquezas, a avareza. Sonhara sempre com uma sociedade onde cada um ganhasse o pão com o próprio trabalho, dando o melhor de si mesmo. Caminhara pela América Latina apenas com a roupa do corpo, trabalhando naquilo que a ocasião oferecia, recebendo em troca apenas o indispensável para viver. Parecia incrível, mas não aspirava a outra coisa. Tinha um espírito comunista primitivo e cristão, o que o fazia querer repartir naturalmente com seus irmãos o que ganhava com o seu trabalho. — Você precisa ver — disse-me um dia — precisa ver o grau de alienação a que chegam os ricos.

Acabara de ser descoberta, na faustosa residência de uma condessa espanhola, uma quantidade fabulosa de jóias, pedras preciosas, obras de arte, marfins e barras de ouro. Guevara estendeu-me um simples passe livre com sua assinatura. Era, realmente, um espetáculo de "mil e uma noites". A mansão de dois andares da condessa de Revilla de Camargo hospedara o rei

Leopoldo da Bélgica e Don Juan, pretendente ao trono da Espanha. Agora um grupo de trabalhadores demolia lentamente um muro espesso, por trás do qual se encontrava o maior depósito de riquezas que já vi em toda minha vida, fora dos museus. Retiravam caixas de porcelana, candelabros e pratarias, junto com pinturas de Goya e de Murillo, devidamente embaladas. A condessa possuía uma renda de 300 milhões de dólares, produzidos por suas fábricas de açúcar e serrarias. Com 80 anos de idade, resolveu deixar Cuba e, no dia em que soube que suas propriedades haviam sido confiscadas, caiu doente, vindo mais tarde a morrer numa clínica nova-iorquina para milionários.

A riquíssima condessa, que não conseguira sobreviver à perda de uma riqueza acumulada sem esforço, tinha sua contraparte no ideal do homem que Guevara queria forjar em Cuba — e certamente na América Latina. Este novo homem deveria encarnar as qualidades do homem do século vinte e um, para o qual Guevara designava um papel primordial à juventude e à organização partidária.— A juventude é o que há de mais importante, é como argila, maleável; com ela pode-se construir o novo homem, sem nenhuma das taras e resíduos culturais e sociais anteriores — explicava Guevara. Sua preocupação era encontrar uma maneira clara e sedutora de formular sua tese do homem novo.

— O trabalho, e a integração dos jovens nele, é básico. Em certos casos, o trabalho é um prêmio, em outros um instrumento de educação; nunca, porém, castigo. Nasce junto com a nova geração a revisão global do conceito de trabalho.

Sua filosofia do trabalho era ilustrada por ele mesmo, Guevara. Tive oportunidade de comprová-lo pessoalmente, durante a temporada que passei em Cuba em 1961.

Uma noite, mais alegre, ele me preveniu: — Hoje é bom dormir bem cedo. Amanhã você vai ver o que é trabalhar de verdade.

Apanhou-me no hotel e saímos para uma concentração que se formava diante da Praça da Revolução. Lá estavam, às cinco da manhã, nada menos que três mil pessoas buscando lugar em ônibus e caminhões. Muitas bandeiras cubanas, muitos chapéus de *yarey*, as mulheres vestidas com uniformes militares ou roupas leves e

coloridas. Era o pessoal de várias dependências do governo, inclusive do Banco Nacional e dos vários escritórios de planificação, que mais tarde se agruparam no Ministério das Indústrias, sob a direção de Guevara.

Uma surpresa Guevara me preparava. Desta vez, seu trabalho voluntário, na safra, seria acompanhado por dois amigos dos "velhos tempos": o médico Granados e eu, juntamente com sua mulher, Aleida.

Enquanto percorríamos os 40 quilômetros que nos separavam do campo de açúcar escolhido, confesso que pensei que a tarefa se desenrolaria segundo os modelos latino-americanos: um ministro ou um presidente que trabalham debaixo do sol, alguns fotógrafos que fazem sua parte, e um pano de fundo de verdadeiros homens e mulheres trabalhando, enquanto o figurão do governo toma refrescos à sombra e comenta as novidades rodeado de funcionários e jornalistas. Não era uma desconfiança pessoal de Guevara, longe disso, mas simplesmente minha própria incapacidade de imaginar uma situação diferente do modelo conhecido.

Pusemos, finalmente, o pé em terra, os caminhões agruparam-se de um lado, repartiram-se os facões para cortar cana, as famosas *mochas* que os camponeses hasteiam alegremente nos dias de assembléia popular. Recebi também a minha e, num esforço para enquadrar-me no ambiente, anunciei que trabalharia sem luvas nem camisa, o torso descoberto.

— Bem se vê que você nunca trabalhou nisso — comentou Guevara, com voz pausada e maliciosa.

Divertia-se como um menino que espera o amigo metido a valente fazer um papel feio. E foi precisamente o que aconteceu: eu ignorava que a cana-de-açúcar solta um polvilho impalpável que se introduz nos poros, irrita e racha a pele, conduzindo ao desespero o ingênuo que pretenda trabalhar descoberto. Logo eu também pedia uma camisa de mangas compridas e abotoadas, e luvas que iam até o cotovelo. Trabalhamos das seis e meia da manhã às onze e meia, sem parar. Por essas alturas, o sol tornara insuportável a tarefa e fez-se uma pausa para o almoço, sob um alpendre rústico.

Havia uma camaradagem sincera no ar, apesar de se misturarem, nas mesas, chefes de departamentos e diretores ministeriais com modestas secretárias e servidores de ínfima categoria. Guevara estava radiante e seu ideal parecia realizado. Uma comunidade de homens e mulheres ligados pelo trabalho, capazes de realizá-lo com responsabilidade, e agora congregados com alegria, sem falsas respeitabilidades nem diferenças postiças.

Das 3 da tarde às sete e meia, o trabalho continuou no mesmo ritmo. Guevara era um verdadeiro mestre na arte de cortar a cana pela base e limpá-la com golpes secos de facão. Concluída a tarefa, trepou num carretão de enormes rodas, do tipo usado para transportar a cana até a fábrica, e dirigiu a todos uma palestra didática. Rapidamente a situação passou para o diálogo, onde o nível de politização podia ser medido através do conteúdo e da direção das perguntas. Mais tarde Guevara me disse que este tipo de diálogo, espontâneo na escolha do tema e sem nenhuma inibição por parte dos interlocutores, sempre fora o melhor barômetro para se conhecer as esperanças ardentes ou os temores profundos do povo cubano. Naquela tarde, as perguntas fatalmente giravam em torno da ameaça de invasão. De maneira que ninguém se surpreendeu quando Guevara interrompeu o diálogo, dizendo: — E agora, companheiros, vamos todos ver como estamos de pontaria.

Houve risos e vários se prepararam, ao lado de Guevara, para provar seu golpe de vista, com suas pistolas 45, sobre uma fila de garrafas.

No fim de fevereiro de 1961, Guevara foi designado ministro das Indústrias, na reorganização geral do gabinete proposta por Fidel. Na prática, o novo cargo reunia as funções anteriores de Guevara, embora as enquadrasse mais corretamente na hierarquia ministerial. Esperava-se que Guevara pudesse unificar, orientar, dirigir e executar os planos de desenvolvimento industrial, para cujo objetivo deram-lhe plenos poderes sobre todas as indústrias.

Colocou-se também sob sua direção o petróleo, as jazidas minerais e a seção de desenvolvimento industrial da entidade encarregada de levar adiante a reforma agrária.

A responsabilidade total que Guevara recebeu reconhecia, por um lado, a urgência de se concentrar numa só mão um processo de expansão industrial onde a falta de planificação prejudicava os resultados. E o fato de Guevara ter sido o escolhido para o cargo confirmava a conveniência de que, para reestruturação das empresas industriais de Cuba, atuasse um indivíduo como ele, indiferente à demagogia.

Um dos maiores problemas que teve de enfrentar foi o de integrar à estrutura industrial da ilha mais de sessenta fábricas compradas no Japão, mediante operações de troca por açúcar. Cuba precisava "digerir" a maquinaria industrial que acumulara em dois anos de revolução, antes de tornar em realidade a promessa de Castro de livrar o país da monocultura, especialmente da monocultura do açúcar.

Guevara estava convencido de que os estímulos morais à produtividade eram inseparáveis de qualquer programa de racionalização do trabalho industrial. Por este motivo sua primeira aparição pública, como ministro, foi para entregar, pela primeira vez, os prêmios aos "Heróis do Trabalho". Simultaneamente anunciou um plano de quatro anos, para cuja conclusão pediu centenas de milhares de novos "Heróis do Trabalho".

A imprensa norte-americana entendeu que a nomeação de Guevara como ministro significava que o poder deslizava rapidamente para suas mãos. Como sua designação para ministro coincidira com a realização de gestões cubanas diante dos governos latino-americanos para impedir uma ruptura coletiva de relações com Havana, a imprensa norte-americana apresentou as coisas de tal modo que a negociação diplomática fosse prejudicada. Guevara, naturalmente, exemplificava a radicalização da revolução, e seus inimigos acharam conveniente exagerar sua importância, para prejudicar todas as tentativas.

Outros, no entanto, pensaram que talvez fosse mais útil pôr a perder o próprio Guevara. No mesmo dia em que deveria assumir o cargo de ministro, num episódio confuso a que Guevara não deu importância, ocorreu um intenso tiroteio no cruzamento da Sétima Avenida com a Rua 18, no Reparto Miramar. A casa de Guevara

ficava a cem metros dessa esquina. A notícia não se difundiu logo em Cuba, embora alguns ajudantes de Guevara comentassem animadamente o episódio. Guevara disse a seus íntimos que não se tratava de um atentado contra ele, mas, tendo em conta a proximidade de sua casa, não pude deixar de pensar, durante alguns dias, na caixa de granadas que levava sempre no automóvel.

De fato, todo o mês de março de 1961 foi um crescendo interminável de violências. Rajadas de metralhadoras, dia e noite, bombas de dinamite, explodiam nos grandes hotéis. Não era segredo que os planos de invasão continuavam em vigor e que as agências de espionagem multiplicavam seus esforços com o fim de treinar sabotadores e introduzi-los pelo extenso litoral marítimo da ilha.

Foi nessa altura dos acontecimentos que dois presidentes reformistas, Arturo Frondizi, da Argentina, e Jânio Quadros, do Brasil, tentaram a mediação de seus governos entre os Estados Unidos e Cuba. Encoberta pela linguagem diplomática, a tese dos mediadores era a de que uma guerra por causa de Cuba tornava-se inaceitável, em vista da coexistência entre os Estados Unidos e a União Soviética. Conseqüentemente, a negociação terminaria por se impor e, neste caso, era preferível que ficasse a cargo das duas maiores potências da América Latina. Frondizi, que elaborou a ideia central do projeto e a submeteu a Jânio Quadros, insinuava a Washington que deveria preferir a mediação de duas nações do hemisfério a levar as coisas até a mediação soviética. Mas Frondizi equivocou-se nisto e em outros pontos e o resultado de sua iniciativa foi uma feroz campanha contra o seu projeto, desferida não apenas por exilados cubanos, como também pela direita argentina e de todos os países latino-americanos. No dia em que pretendeu intervir na questão cubana, Frondizi começou a serrar a metade do galho sobre o qual estava sentado.

— Não vai ter êxito, você vai ver — disse-me na mesma noite Guevara. Não só vai fracassar como também dar motivo para que os reacionários de Buenos Aires acabem com o seu governo.

Os problemas diplomáticos ocuparam a atenção de Guevara tanto quanto os do Ministério de Indústrias e eu tive ocasião de

elaborar, para sua informação, um extenso memorando sobre as relações de Cuba com a Alemanha Ocidental. Eu voltava da embaixada argentina em Bonn, onde trabalhara durante dois anos.

E as relações de Cuba com os alemães se deterioraram a partir de um episódio quase doméstico. O adido comercial da embaixada alemã em Havana arrendara uma propriedade confiscada pelo governo, cujo proprietário antedatou o contrato do aluguel com o fim de torná-lo anterior à medida governamental. O diplomata alemão talvez ajudasse, desse modo, o antigo proprietário, exilado, ou talvez se beneficiasse pagando um baixo aluguel que o outro recebia em dólares. O certo é que o diplomata rompeu os selos fiscais que confirmavam a expropriação e, horas mais tarde, os milicianos do bairro invadiram a casa.

O embaixador alemão em Havana era um conde, Karl von Spreti, que tinha verdadeira devoção pela propriedade privada.

Chegava a ficar doente se alguém lhe falava de reforma agrária.

Claro que o conde von Spreti não andava bem de saúde em Cuba.

Os cubanos suspeitavam que, cedendo à pressão de Washington, o governo alemão romperia relações com Cuba. Neste caso, os cubanos preferiam, ao menos, que fosse deles a iniciativa de romper com Bonn. Para tomar o pulso aos alemães, resolveram expulsar o adido comercial e assim tomarem a ofensiva.

Contei a Guevara, por escrito, um curioso incidente no qual eu tomara parte alguns meses antes, quando, por iniciativa da embaixada da Colômbia, foram convidados os diplomatas latino-americanos para uma homenagem ao chanceler Konrad Adenauer.

Um colombiano apareceu na embaixada argentina e, com o convite, comunicou discretamente que apenas os cubanos seriam excluídos da cerimônia. Avisei que, neste caso, não contassem comigo.

Para minha surpresa, dois dias mais tarde o diretor do setor latino-americano do ministério de Relações Exteriores alemão fez-me saber que estavam a par do episódio e que, além disso, assumiam a mesma atitude que eu tomara. Não apenas ele, mas o próprio Adenauer, que não aceitaria a homenagem se faltasse uma única

representação diplomática latino-americana. O ato se realizou e o velho estadista deu a todos uma grande lição dirigindo-se, em primeiro lugar, ao embaixador de Cuba, violando assim o protocolo.

Entretanto, as relações com a Alemanha Ocidental iam por um despenhadeiro sem regresso. Cuba recebeu uma delegação comercial da outra Alemanha, antes do fim de março, e deu-lhe a categoria de missão diplomática, o que motivou novo protesto do Conde de Bonn. As relações viriam a ser interrompidas definitivamente pouco tempo depois.

A primeira visita importante de Guevara, como ministro das Indústrias, foi, também, o último passeio que fizemos juntos, na ilha. Queria conhecer in loco as tarefas de prospecção petrolífera em Jatibonico, na província de Camaguey, para onde seguimos numa fila de automóveis. Dispor em fila três ou quatro veículos, de preferência similares, era correr menos riscos em caso de atentados terroristas. Essa era a realidade. Os fuzilamentos respondiam com a mesma dureza à tenacidade dos sabotadores, gerando, por sua vez, novas réplicas que, novamente, eram respondidas com a mesma violência.

— Até agora — explicava Guevara enquanto percorríamos a estrada — a Shell e a Esso, e sua parenta, a Texaco, de nosso amigo Rockefeller, haviam instalado em Cuba apenas refinarias. Traziam o petróleo da Venezuela, refinavam, e o vendiam por todo o Caribe.

Quando tomamos conta do governo, o petróleo próprio não chegava nem a um por cento do consumo. É por isso que agora trabalhamos intensamente na sua prospecção. Não quero profetizar, mas o petróleo ocupará um lugar dos mais importantes no conjunto da economia cubana.

— Não seria mais conveniente para Cuba — aventurei — comprar de outro produtor em vez de enfrentar a custosa exploração própria?

— Você não sabe o que houve com a gente? Quando as companhias ianques nos chantagearam e suspenderam as entregas de combustível, fomos pedir à Venezuela, à Argentina. Sabe o que nos respondeu Frondizi, o que nos propôs Betancourt? Quase nada.

Que formássemos comissões mistas de estudo para ver como se concretizavam as vendas. Uma questão de meses, no momento em

que precisávamos de petróleo para dentro de algumas horas. Uma punhalada nas costas, que nos deixou obrigatoriamente nas mãos dos soviéticos.

Alguns dias depois, Guevara levou-me até o aeroporto em seu carro. Havia postos de metralhadora pelo caminho e antiaéreas nos depósitos do aeródromo.

— Eles virão — disse-me — mas vamos dar-lhes a recepção que merecem. Pena que você vá embora justamente agora, quando a festa vai começar.

5. O Desafio Cubano

Entre 2 e 20 de agosto de 1961, Guevara passou três semanas cheias de emoções políticas e pessoais. Numa existência pródiga como a sua, o próprio Guevara se lembraria algum tempo depois desta etapa como uma das mais emocionantes de sua vida.

Foi quando o presidente John Kennedy lançou o ambicioso projeto da Aliança para o Progresso, em Punta del Este, no Uruguai. Embora Guevara e eu nos tivéssemos separado apenas quatro meses antes, em Havana, durante este intervalo ocorrera um episódio de imensa importância histórica e eu ansiava por encontrá-lo.

Em abril, os Estados Unidos lançaram por fim a invasão contra Cuba, mediante o emprego de uma força expedicionária composta por exilados cubanos, derrotada pouco depois de desembarcar.

O episódio havia reavivado perigosamente as tensões no hemisfério, o sentimento antinorte-americano das massas ao sul do Rio Bravo crescera e os Estados Unidos sentiam por toda parte um sério declínio de sua influência. O programa da Aliança para o Progresso nascera do reconhecimento desta realidade e, como boa parte das iniciativas do presidente Kennedy, parecia o resultado de suas boas intenções, ao invés de um reflexo da verdadeira política exterior dos Estados Unidos.

Não se podia duvidar, entretanto, sem maior exame, de que o projeto improvisado pelos assessores de Kennedy para preencher o abismo aberto pela fracassada invasão chegasse a ser posto em movimento. De uma maneira especial, era preciso atentar para o novo fator de que os maiores países da América Latina, a Argentina e o Brasil, participavam das ideias gerais do projeto de Kennedy e seus presidentes pareciam manter vínculos invisíveis com o mandatário norte-americano. O fracasso da invasão contra Cuba enfraquecera Kennedy que, então, buscou uma aliança duradoura com os dois maiores países do sul. Estes, por sua vez, eram

governados por homens sumamente discutidos, reformistas da nova geração, que encontraram inúmeros obstáculos pela frente. Para eles, naturalmente, apoiar Kennedy e, em retribuição, serem por ele apoiados, representava uma possibilidade importante de concluir seus períodos presidenciais seriamente ameaçados.

Com este quadro pela frente, Guevara deixou Havana à meia-noite de 2 de agosto de 1961, num avião comercial da Companhia Cubana de Aviação. Dias antes havia enviado uma carta a sua mãe, dando a entender que desejava encontrar toda sua família em Punta del Este. Pedia, também, que me avisasse, o que sua mãe fez de imediato.

Cuba, naquela época, já não mantinha relações com certo número de países, ou tinha suas relações muito abaladas. De maneira que o Britannia, avião que transportava Guevara, juntamente com 44 acompanhantes, entre conselheiros econômicos, funcionários da chancelaria cubana, jornalistas e escoltas, não podia contar com recepções calorosas ao longo de sua rota até o Uruguai. Por essa razão, fez escala no exótico Suriname, aeroporto de Paramaribo, na Guiana Holandesa, um país selvagem, de apenas 250 mil habitantes, divididos pela cor da pele e por diversos idiomas e dialetos.

Ali também uma delegação de nacionalistas aproximou-se do avião para entregar a Guevara um simbólico remo lavrado, igual aos utilizados pelos nativos da colônia em suas pirogas.

Contra os planos de vôo, e por estar eventualmente fechado o aeroporto de Carrasco, em Montevideú, o Britannia fez uma escala no Rio de Janeiro.

A delegação de Cuba constituía o único centro de interesse oferecido pela conferência e isto podia ser constatado ao longo da estrada que liga Montevideú a Punta del Este. Percorri-a uma hora antes da passagem de Guevara e sua comitiva e, de um extremo a outro, encontrava-se flanqueada por multidões de operários e estudantes, levando bandeiras de Cuba e cartazes alusivos. O governo advertiu que flutuava de todos os lados um clima de violência e ordenou à polícia que bloqueasse os acessos à estrada, assegurando-se, deste modo, do controle sobre veículos e pedestres.

Encontrei Guevara no recinto das sessões, amplo salão que, apesar de tudo, ainda era insuficiente para conter a massa de delegados e funcionários que se agitava e falava diante de um foro embandeirado com os pavilhões do hemisfério.

Guevara, desde o momento de sua chegada, encontrava-se seriamente afetado pela sua asma crônica. O inverno, próximo ao mar, é bastante rigoroso no Atlântico Sul e Guevara voltava a senti-lo na sua carne.

Na noite do dia de nosso encontro, Guevara viu-se forçado a descansar várias horas devido a um ataque de asma. Subi até seu quarto, no segundo andar do Hotel Playa, um chateau deteriorado, cuja única vantagem visível era seu isolamento, pois está separado da massa de edifícios do balneário. A delegação cubana ocupava um andar completo do hotel e seus membros haviam reproduzido fielmente a organização corrente dos escritórios de Che em Havana. Mistura de bivaque e de repartição do governo, os datilógrafos cruzavam com os guardas de metralhadora ao braço. Alguns preparavam comida, outros falavam ao telefone e todos se moviam numa sincronização inesperada diante do número de pessoas e do espaço ocupado.

Nesta noite, Guevara estava de cama e seu bom humor habitual procurava abrir caminho ao cerco angustioso imposto pelo ataque de asma. Contou-me que por ocasião de uma visita a Pequim a asma o atacara durante uma conferência com Mao Tsé Tung. O acesso fora tão violento que sofrerá um colapso cardíaco e caiu prostrado como morto diante do líder chinês. Mao chegara a se assustar de verdade com o episódio e insistiu que poderia curar-se com um tratamento de acupuntura, remédio universal dos chineses antigos e modernos, que estimula os centros nervosos com alfinetes. Mas a asma de Guevara resistira também aos médicos de Mao.

— Você já pensou? — comentou Guevara, enquanto o rosto se contraía num sorriso cheio de restos de dor. Esta maldita asma já resistiu até aos chineses, que todo mundo diz impossíveis de resistir.

Apesar da precariedade de seu estado físico, um trabalho sobre-humano esperava Guevara em Punta dei Este. Todas as intrigas, paixões, rancores e esperanças do mundo oficial do hemisfério

estavam presentes na caldeira infernal do Edifício das Américas, onde a assembléia funcionava, e em cerca de duas dúzias de residências privadas, sede de conciliábulos e conspirações, dia e noite. Pouco antes de chegar, fui interrompido numa calçada por um antigo conhecido, membro do partido radical do presidente Frondizi, e que, após ser deputado, colaborava com o governo em negociações especiais. Pediu-me que o apresentasse a Guevara, acrescentando que a entrevista deveria ter lugar fora do edifício da Assembléia, para uma conversa particular.

Quando transmiti o pedido a Guevara, este quis saber que interesse real podia haver em tal encontro. Eram muitos os argentinos que se atropelavam nas antessalas a fim de apertar a mão de Che. Expliquei ao solicitante que deveria esclarecer mais o assunto que desejava tratar e ele então me respondeu: — Estou em missão confidencial da parte de Frondizi.

A entrevista teve lugar no dia seguinte, nos aposentos de Guevara, com a assistência de Jorge Carretoni, representante do presidente Frondizi, e a minha presença. Durante algum tempo não passou de conversa amável entre amigos, com o mate nas mãos e uma panela de água fervendo para encher as cuias, quando a roda acabava. Até que propus afastar-me para que os dois pudessem falar a sós, proposta rejeitada por ambos.

De modo que assisti ao primeiro contato indireto entre Frondizi e Guevara, que culminaria, alguns dias mais tarde, num encontro dos dois em Buenos Aires.

O convite do presidente Frondizi não tinha caráter oficial e estava sujeito a duas condições prévias: que Guevara recebesse um convite oficial do Brasil antes de ir a Buenos Aires e que sua viagem à Argentina se realizasse dentro da maior discrição, tanto na entrada quanto na saída.

Guevara já havia sido convidado verbalmente a visitar o Presidente Jânio Quadros, em Brasília, pelo chefe da delegação brasileira, o ministro da Economia, Clemente Mariani. E, no dia seguinte, os brasileiros confirmaram oficialmente o convite, de maneira que Guevara estava em condições de apresentar, por sua vez, suas próprias exigências para a reunião com Frondizi. Pediu que

o levassem diretamente de Punta dei Este a Buenos Aires, e, dali, de regresso a Montevidéo, pois não queria perder a oportunidade de utilizar sua entrevista com Frondizi nas relações de Cuba com o Uruguai. Queria também viajar acompanhado do diretor da área latino-americana da chancelaria de Cuba, o eficiente e míope Ramón Aja Castro.

Desde o momento em que se resolveu a entrevista com Frondizi, os poucos que tinham conhecimento dela, e da que iria ter lugar com Jânio Quadros, imaginamos várias histórias, todas paralelas entre si e, por sua vez, com a principal, que para o mundo continuou sendo a apresentação da Aliança para o Progresso.

Guevara fez uma análise minuciosa do projeto norte-americano, após sua exposição pelo chefe da delegação deste país, Douglas Dillon. Comparou os progressos de Cuba em dois anos de revolução com os progressos prometidos à América Latina, mostrou-se cético sobre a possibilidade de que os fundos de ajuda mencionados chegassem algum dia a ser entregues, e esboçou as bases sobre as quais Cuba poderia voltar a considerar sua participação nos planos interamericanos. Sua intervenção causou forte impacto e o mais poderoso dos economistas daquela época, Raul Prebisch, secretário-geral da Comissão Econômica para a América Latina das Nações Unidas, pediu-me, algumas horas depois, que lhe conseguisse uma entrevista pessoal com Guevara, que veio realmente a ser efetuada.

Sem perder uma certa cadência cubana, que adquirira definitivamente, Guevara construiu uma peça oratória sumamente concisa, que se caracterizava pela economia de adjetivos e pelo tom elevado da crítica. Nas entrelinhas sentia-se que Cuba abria um compasso de espera às consultas pessoais que os presidentes Frondizi e Jânio Quadros queriam fazer por intermédio de Guevara e que, em princípio, a ideia de um sistema pan-americano, reconstruído pelo espírito Kennediano, não era totalmente desagradável a Cuba. Com a condição, é claro, de que fosse respeitada a sua forma socialista de governo.

Para que a sóbria oratória de Guevara não fosse interpretada como uma inusitada fraqueza de Cuba, encarregou-se ele de aplicar um golpe no queixo dos delegados norte-americanos. Guevara leu

um documento secreto relativo ao desenvolvimento econômico da Venezuela. O documento fora redigido por dois funcionários norte-americanos e revelava, como conclusão, grande pessimismo quanto ao êxito das medidas adotadas naquele país. Quando Guevara o leu, os delegados norte-americanos empalideceram. Robert Woodward, Secretário de Estado Adjunto para Assuntos Latino-americanos, afirmou que o documento não era bem aquele e que Guevara lera o resumo de um artigo publicado pelo The New York Times. O próprio Dillon referiu-se ao assunto alegando que, no caso de se tratar de um legítimo documento oficial norte-americano, não passava da opinião de um funcionário de nível secundário.

O mal-estar da delegação norte-americana durou quase até o final da conferência, quando ficou estabelecido tratar-se de um informe autêntico, remetido ao embaixador Teodoro Moscoso e subtraído de seu carro pouco antes de estudantes venezuelanos o incendiarem, perto da Cidade Universitária de Caracas. Um mês mais tarde, a polêmica provocada por este incidente continuava viva na Venezuela e causou transtornos que, comparados com os ocorridos na Argentina e no Brasil, pareceram pouco significativos.

O fato é que, enquanto o emissário do presidente Frondizi viajava para Buenos Aires, a fim de confirmar os detalhes da entrevista, anunciou-se um levante militar na Argentina. Por volta da meia-noite de 11 de agosto, quando parte da delegação cubana se preparava para comer, alguém avisou que as rádios estatais de Buenos Aires irradiavam marchas militares e o texto de uma proclamação rebelde. Eu estava jantando com Guevara nessa noite e, depois de trocarmos um olhar, deixamos o salão. Na enorme concentração de diplomatas e economistas reunidos na pequena Punta del Este, a notícia caiu como bomba. Poucos dormiram naquela noite até que as radioemissoras de Buenos Aires, de madrugada, voltaram a seu ritmo normal e soube-se que o *putsch* fracassara por completo.

Entre os problemas criados pela visita de Guevara a Buenos Aires existiam também alguns assuntos menores, como o relativo ao documento de identidade com que ele ingressaria no país.

Guevara utilizava um passaporte diplomático cubano e, portanto, deveria obter o visto na embaixada argentina em Montevideú. Isso era exigido pelo regulamento, mas, sem dúvida, assim fazendo, cairia por terra todo o segredo sugerido pelo presidente Frondizi. O atribulado representante Carretoni resolveu levar o passaporte de Che até Montevideú, onde se apresentou ao embaixador argentino e solicitou-lhe, em caráter sumamente confidencial, que pusesse o visto no documento. O embaixador, ancião pertencente à velha guarda do partido radical, ficou literalmente sem ar quando viu quem era o passageiro. Pediu, então, tempo para pensar e, imediatamente, enviou um telegrama cifrado ao chanceler argentino, solicitando autorização para dar o visto "ao chefe da delegação cubana". Esta consulta quebrou o sigilo, pois na chancelaria argentina o controle dos códigos está nas mãos das forças armadas, pertencentes aos serviços de inteligência. A partir desse momento era certo que os serviços secretos argentinos — e também a delegação da CIA — souberam que Guevara viajaria para Buenos Aires. Se o escândalo não estourou imediatamente, foi porque os dirigentes militares calcularam que ele poderia ser melhor explorado contra Frondizi, deixando que a reunião se realizasse.

Enquanto a difícil conversação dos estadistas se cozinhava a fogo lento, o trabalho das comissões em Punta del Este decaía visivelmente. A vida mundana ocupava cada vez mais o tempo dos delegados e sucediam-se os almoços, os *asados a la criolla* e as longas noitadas.

O presidente do Uruguai, um político divertido que, no passado, fora nacionalista, organizou uma recepção em sua magnífica residência do balneário. Guevara achava graça na figura e na personalidade de Eduardo Haedo, lembrava-se dos velhos políticos argentinos que conhecera em sua juventude na província de Córdoba. De maneira que logo entrou em agradável intimidade com ele e os dois se estimulavam reciprocamente para pôr à prova a mordacidade de seus trocadilhos.

Guevara explicou que se pretendia fazer de Cuba um grande produtor de níquel antes que terminasse o primeiro quinquenal.

— As jazidas ficam ao sul? — perguntou Haedo.

— Bem, Cuba não tem sul — respondeu Guevara, enquanto traçava no ar a linha imaginária da ilha.

— Mas tem um Norte — acrescentou maliciosamente o presidente uruguaio.

— E também um Oriente. . . — retrucou Guevara com a mesma ironia.

Quando voltou para Havana, Guevara mencionou aquela reunião com Haedo, a quem recordou, pela televisão, como um homem "que gosta muito de pilhérias, com quem estivemos num ambiente jovial, trocando piadas e tomando mate".

O chanceler uruguaio não achou tanta graça quando, respondendo a uma cifra sobre a população de Cuba, que Guevara acabara de citar, expressou com certa agressividade: — Levando em conta por acaso os que foram embora?

— Não — continuou Guevara serenamente. — Esses não. Levamos em conta apenas os que voltam.

Mais discreta e menos pungente foi a conversa que Guevara manteve, na casa de um determinado financista brasileiro chamado Silva, com o assessor especial do presidente Kennedy para assuntos latino-americanos, Richard N. Goodwin. Apesar de esforços posteriores, tanto em Cuba quanto nos Estados Unidos, para diminuir a importância deste encontro, o certo é que Goodwin era, nada mais nada menos, que a pessoa encarregada por Kennedy para representá-lo nas sessões plenárias do Conselho Revolucionário Cubano, formado no exílio, e o organizador da invasão fracassada.

Podia ser considerado a maior autoridade nos problemas de Cuba, de maneira que, apesar de sua conversa com Guevara ter sido idiomáticamente imperfeita e diplomaticamente irregular, adquiriu de repente um significado insólito. Na realidade, confirmava a hipótese de Guevara de que as entrevistas com Frondizi e com Jânio contavam também com o beneplácito de Kennedy.

O jogo era organizado de maneira que todos os participantes se sustentavam, uns aos outros. O convite de Jânio e a conversa com Goodwin protegiam Frondizi. A audiência com Frondizi e a reunião com Goodwin respaldavam Jânio Quadros. E Kennedy ficava descansado pelo fato de Guevara ser recebido pelos presidentes da

Argentina e do Brasil, quando o Senado norte-americano quisesse saber os motivos do contato entre Goodwin e Che.

A questão era colocar todo este delicado sistema de equilíbrios e contrapesos em movimento dentro de uma velocidade conveniente, pois corria o perigo de ruir a qualquer momento. Se isto acontecesse, todos os protagonistas corriam grave perigo, com exclusão, é claro, de Guevara.

No dia 18 de agosto de 1961, Guevara viajou para Buenos Aires, num pequeno avião alugado pelo governo argentino. Acompanhavam-no o cubano Aja Castro e o negociador argentino Carretoni, além do piloto.

Em Buenos Aires, esperava-o uma pequena escolta sob as ordens do chefe da casa militar do presidente Frondizi, um coronel do serviço ativo. Ao coronel fora dada a missão reservada de recolher um importante visitante no pequeno aeródromo de Don Torcuato, a uns 30 quilômetros da capital, ignorando por completo sua identidade. Não podia ter sido maior a sua surpresa ao ver saltar do avião um homem de uniforme verde, com barba, um capote aberto e uma boina onde luzia a estrela de comandante. Sua perplexidade aumentou ainda mais quando reconheceu Guevara e, tomado de súbita mudez, tirou o seu próprio gorro militar por duas vezes, enquanto estendia suas luvas ao visitante, num movimento involuntário. Guevara logo percebeu a constrangida situação do coronel e, com tranqüila naturalidade, estendeu-lhe a mão.

— Sou o comandante Guevara, Coronel. Seu carro é esse aí, não é? O presidente Frondizi aguardava com impaciência a chegada de Che, na sua residência oficial de Olivos, uma pequena casa de campo a poucos minutos do centro de Buenos Aires.

Durante toda a estada de Guevara em território argentino, Frondizi nunca deixou de pensar na possibilidade de um atentado maquinado pelos serviços de inteligência militar. Mas não participou a ninguém seu temor, nem mesmo a seus colaboradores mais íntimos, nem mesmo aos membros de sua família.

Guevara e Frondizi conferenciaram a portas fechadas durante uma hora e vinte minutos. Os antigos e sempre atuais temas de

desenvolvimento latino-americano foram os primeiros a surgir na conversa.

— A Argentina escolheu um caminho de independência gradual — disse Frondizi. Propomo-nos agora a tapar o buraco da importação de petróleo, por onde nos escapam cada ano duzentos milhões de dólares.

— Cuba está na mesma situação — respondeu Guevara — mas com uma experiência anterior bastante instrutiva para não insistir no caminho da inversão de capital norte-americano. Nesse setor, nossa experiência é muito negativa e talvez possa interessá-lo, já que Cuba foi um dos países com mais alto índice de investimentos do capital norte-americano. Os capitais eram sempre inferiores aos citados na contabilidade. Em consequência, as transferências de lucros faziam-se sobre um capital exagerado. Utilizavam-se do crédito interno, exigiam condições monopolistas sobre o mercado e levavam mais do que haviam trazido.

As questões econômicas apaixonavam os dois, mas o tema da entrevista era outro. Frondizi o expôs com clareza.

— Para a América — disse ele — seria inaceitável que Cuba ou qualquer outro país ingressasse numa organização militar extracontinental. No caso de Cuba, existe o temor de que pretenda incorporar-se ao Pacto de Varsóvia. Se Cuba der este passo, seu retorno à família interamericana tornar-se-á impossível .

— É uma hipótese que não nos ocorreu — respondeu Guevara —, mas que partiu dos próprios agressores de nosso país. É um fato que Cuba conta com assistência militar soviética e dos demais países socialistas. Mas uma associação militar estrita, regulamentada por um tratado, não nos foi pedida e nem oferecida por Cuba.

Os Estados Unidos acham inconcebível um país ajudar militarmente a outro sem comprometê-lo por todos os meios possíveis.

O presidente argentino sondou também a possibilidade de uma paulatina reconstrução do sistema representativo, à maneira norte-americana, dentro de Cuba, com corpos eleitorais constituídos e câmaras parlamentares. Guevara negou a possibilidade de que este caminho fosse tomado no futuro, pois as bases da

representatividade política estavam agora em Cuba estabelecidas sobre princípios diferentes.

— Teme-se em Cuba que uma vacilação, neste sentido, volte a afundar o país na destruidora discussão das divisões partidárias. Cuba estava maculada de partidos e grupos de pressão que esterilizaram os melhores esforços de seus filhos. Há dois anos que lutamos no governo para desterrar esta imagem da política. Neste ponto, não retrocederemos por nenhum motivo.

Os dois discutiram apaixonadamente os temas latino-americanos, o presente e o futuro da Argentina e de Cuba. Enquanto falavam, um furacão percorria os gabinetes dos ministros, os escritórios dos chefes militares, as agências informativas e as embaixadas.— Che Guevara está aqui!

Quando deixaram o salão de reuniões, a esposa e a única filha do presidente Frondizi cumprimentaram amavelmente Guevara. Era meio-dia.

— Não comeria um bife, agora? — perguntou a esposa do presidente.

— E como não! — respondeu alegremente Guevara. E, lembrando-se da modalidade argentina de sempre acompanhar com batatas e ovos fritos a carne, acrescentou: — Um bom bife, "a cavalo", grande ideia!

Foi, historicamente, a última vez que Che Guevara comeu em Buenos Aires. Com a família de um presidente reformista.

No entanto, pediu algo mais a Frondizi: queria visitar uma tia doente que, com toda certeza, iria morrer pouco depois. Embora o acordo estipulasse que Guevara deveria abandonar imediatamente a capital, Frondizi atendeu o pedido e Che atravessou de carro as ruas da cidade que deixara oito anos antes.

— Che Guevara está na terra!

E a onda crescia. Ao meio-dia, o chanceler argentino, Adolfo Mugica, admitiu que Guevara se entrevistara com o presidente. Ele mesmo estava tão perplexo quanto o resto do país, e, horas mais tarde, renunciou, menos em sinal de protesto pelo episódio, que como meio de salvar sua pessoa, uma vez que o chanceler fora um dos últimos a ter conhecimento da reunião.

Mas Guevara já voava de volta para Montevideú, de onde partia, pouco depois, com destino a Brasília.

Ali teve lugar um ato mais breve que o de Buenos Aires, mas que resultou depois bem mais dramático. No dia 19 de agosto, o presidente Jânio Quadros condecorou Guevara com a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, numa cerimônia improvisada no Palácio do Planalto. Guevara desconheceu o protocolo de seu encontro com Jânio até que a reunião se realizasse. De maneira que não só ignorava que iria receber uma condecoração, mas também o caráter oficial do encontro. Jânio vinha de formular uma declaração dirigida à União Soviética, solicitando seu apoio ao desenvolvimento do Brasil, alegando cooperação ocidental insuficiente. Nessa mesma manhã, deveria inaugurar uma fábrica siderúrgica. Guevara não tinha como retribuir a condecoração, como é usual, e o discurso de Jânio fora extremamente breve. Guevara preferiu responder com a mesma brevidade, aceitando a distinção como entregue ao governo revolucionário e ao povo cubano, sem significado pessoal.

A conversa de Guevara com Jânio girou em torno dos mesmos temas do encontro com Frondizi: a conveniência de não aderir ao pacto de Varsóvia, insinuações sobre a democracia representativa, porta aberta para Cuba na organização norte-americana .

No Rio de Janeiro e em São Paulo, as massas lançaram-se às ruas. Traziam grandes retratos de Che e bandeiras cubanas. Um escândalo nas mesmas proporções do que estourou na Argentina, com a diferença de que Jânio, uma semana depois, abandonou o governo sob as ameaças da direita, num inexplicável arrebatamento de amargura e derrota.

Em Washington, o terceiro sócio invisível da viagem de Che, John Kennedy, sofreu também investida por parte de seus inimigos. Os exilados cubanos, ressentidos com o não consentimento de Kennedy para que pudessem bombardear seu próprio país pelo ar, encabeçaram a agitação. No Senado, teceram-se conspirações para colocar o presidente em dificuldades.

Um presidente, Jânio Quadros, não pôde agüentar a visita de Che e renunciou uma semana mais tarde. Outro presidente, Frondizi, recebeu tamanha quantidade de ataques que, antes que se

completasse sete meses, foi também derrubado. Um terceiro presidente, Kennedy, a quem coube o papel equívoco de invasor armado e reabilitador diplomático, foi assassinado dois anos depois, numa confabulação obscura onde as relações com Cuba foram fator de suma transcendência.

— Quanto a mim, na cama eu não vou morrer — me disse Guevara certa vez.

Foi em Montevideú, quando pistoleiros atentaram contra os assistentes de um ato multitudinário, realizado na Universidade ao terminar a conferência de Punta del Este. Nunca se chegou a estabelecer se os atacantes queriam matar Guevara. Assassinar um professor, feriram outras pessoas.

Mas Guevara já tinha, nessa época, tantas balas dentro do corpo e tantas cicatrizes de combate que os disparos estouravam ao seu redor e ele não perdia a calma.

Do desembarque Che guardava duas lembranças: uma bala que o atingiu na orelha esquerda, junto à nuca, e se deslocou para baixo, atravessando-lhe o corpo e indo sair pela região da omoplata. E outra que se achatou contra seu peito, com pouca força, é claro.— Já li não sei onde — disse-me a propósito desta ferida — que a bala foi contida por uma medalha religiosa que eu trazia no pescoço. Nunca usei medalha nenhuma. Na verdade, aquela bala bateu contra minha caderneta de identidade de cidadão argentino que eu levava no bolso da camisa. Uma caderneta dada pela polícia de Córdoba, quando eu era estudante do colégio secundário, que tinha duas grossas capas de cartão prensado. O que me salvou mesmo naquele dia, meu velho, foi ser argentino.

Tinha também uma cicatriz de bala no pé, recebida numa batalha próxima à Sierra Maestra, em dezembro de 1957.

E, finalmente um ferimento novo, causado acidentalmente durante a invasão da Baía dos Porcos.

— Estava numa cabana, perto da costa, esperando que aqueles putos chegassem. De repente, um disparo, e senti o sangue me molhar a boca. Gritei: "Peguem o cara", pensando que fosse um ataque. Mas não era: minha própria pistola, engatilhada, caíra no chão junto com o cinturão duplo que sempre levei muito frouxo. No

chão, disparou. A bala me pegou no rosto, mas, se tivesse se desviado um centímetro, teria arrancado a base do crânio.

Este homem, curtido pela guerra, foi também encarregado de levar a cabo uma das operações diplomáticas mais escabrosas e difíceis dos últimos tempos. A inteligência e a violência se alternaram, o tempo todo, na vida de Ernesto Guevara.

6. Um Socialismo Latino-americano

O ano de 1963 apresentou-se extremamente agitado em toda América Latina. Os camponeses lutaram no Vale de la Convención, no antigo Cuzco dos Incas, sob a direção de um líder que organizara os primeiros sindicatos agrários do Peru. Era um estudante de agronomia que cursara a Universidade da Argentina, chamado Hugo Blanco, e que estava aproveitando ao máximo um conjunto de condições com certa analogia com as de Cuba durante a revolução castrista. Havia também um governo militar, repellido pela burguesia, contra o qual os estudantes lutavam nas ruas, e também havia campesinato ávido por organização e direção política.

No Brasil, crescia a organização das ligas camponesas, sob a tolerância do presidente João Goulart, um nacionalista que se apoiava cada dia mais nos esquerdistas dos sindicatos e nos intelectuais.

Na Venezuela, o aparelho do poderoso partido comunista estava de corpo e alma na luta contra o governo do presidente Rómulo Betancourt com a cooperação de descontentes de todas as procedências, aparentemente dispostos a fundir-se, através da guerra, num único corpo ideológico e militar.

A Argentina também parecia achar-se à beira da guerra civil.

O derrocado presidente Frondizi estava prisioneiro das forças armadas na solitária ilha Martin Garcia, no Rio da Prata. Centenas de fábricas fechadas por falta de trabalho, milhares de indústrias funcionando apenas parcialmente e nada menos que 600 mil desempregados percorriam as cidades e as vilas argentinas buscando trabalho em vão. Um panorama totalmente desconhecido apresentara-se também nos quadros das forças armadas. Constituíram-se comitês de sargentos da força aérea e células de marinheiros na Marinha de Guerra. Um dos inúmeros complôs organizados pelos oficiais aviadores terminou esmagado pela resistência dos sargentos que, a ponta de pistola, prenderam seus

oficiais. Nas naves da esquadra circulavam folhas impressas onde se incitava a deposição de oficiais caso pretendessem rumar para o Caribe, onde a crise de outubro de 1962 atualizara a possibilidade de uma intervenção armada multilateral contra Cuba. O quadro acabava de se configurar com o detalhe de que assembléias de desocupados, que se realizavam diariamente em diferentes lugares do país, haviam começado a exigir a entrega de armas. Em resumo: nada menos de 4 conspirações militares encontravam-se em gestação e o governo que sucedera ao de Frondizi caminhava às cegas, sem achar solução.

Foi quando recebi um aviso: Guevara precisava ver-me imediatamente e, para esse fim, o mensageiro entregou-me passagem de avião para Havana. Devia partir o quanto antes e assim o fiz.

A marginalização de Cuba, além da própria realidade geográfica, surgia com toda evidência para quem quisesse viajar naquela época para Havana, vindo de outro país latino-americano. Minha rota era por Praga, Tchecoslováquia, passando por Shannon, na Irlanda, e por Oxford, no Canadá. Porém as duras condições de bloqueio norte-americano contra a ilha podiam ser notadas melhor, tal como aconteceu, se o avião da companhia cubana sofresse algum inconveniente e necessitasse de reparo ou substituição de uma peça. Nosso aparelho ficou privado do sistema que desfazia o gelo acumulado sobre as asas, ao voar sob a linha do Ártico, e viu-se obrigado a uma escala imprevista em Gander, na Terra Nova. Ali havia uma gigantesca base norte-americana, parcialmente inutilizada, que servira durante a Segunda Guerra Mundial para a travessia das fortalezas voadoras que bombardeavam o continente europeu. Os depósitos de materiais estavam repletos de peças como as de que necessitava o nosso avião, mas as autoridades negaram-se a fornecê-las. De maneira que o avião cubano teve de permanecer uma semana na inospitaleira escala de Terra Nova, vinte e cinco graus abaixo de zero, até que outro avião canadense regressasse com a peça necessária.

A imagem do bloqueio completava-se ao chegar ao aeroporto de Havana, numa visão conjunta do estado de guerra. Um imenso

cartaz proclamava *Pátria ou Morte*. Noutra lia-se *Às armas*. Eram os testemunhos da dramática crise dos foguetes, quando Kennedy e Khrushchev discutiram não apenas a sorte de Cuba, mas a do mundo inteiro, que passou vários dias à beira da guerra nuclear.

No momento de minha chegada já se haviam passado pouco mais de dois meses, e, embora a tensão se encontrasse em ponto muito mais baixo, não era difícil imaginar a que altura chegara em outubro. O funcionário do governo que me recebeu por ordem de Guevara fez-me saber que minha residência seria no bairro de Cubanacán, novo nome do outrora aristocrático Country, onde os ricos da ilha haviam construído suas mansões. Embora não houvesse ainda compreendido direito o significado do convite, o próprio Guevara veio a me explicar algumas horas depois.

— Você foi seqüestrado, Gordo — disse-me rindo —, está sob minhas ordens, mas não se assuste: só te chamei para conversar.

E na verdade, foi isso mesmo. Uma conversa extensa e detalhada sobre a situação da América Latina em geral, e da Argentina em particular, que se prolongou entre o dia 2 de fevereiro e 10 de abril de 1963 e durante a qual examinei com Guevara os problemas da revolução latino-americana, o presente e o futuro de Cuba e sua própria sorte pessoal.

Guevara tinha como garantido que o mundo capitalista não voltaria a submeter-se docemente à tutela dos Estados Unidos e que Cuba deveria utilizar em seu favor este novo fato. Embora nos Estados Unidos muitos incitassem o presidente Kennedy a tomar represálias contra a França, Guevara achava-as simplesmente impossíveis. Impossível, também, parecia-lhe que a URSS tomasse medidas contra a China, com a diferença de que este conflito entre nações socialistas punha em dúvida algo que para ele tinha uma importância muito maior: a vigência do internacionalismo proletário. De maneira que, deteriorando-se as alianças do pós-guerra, Cuba encontrava por um lado novas ocasiões de afirmar sua independência, mas teve também novos motivos para temer seu isolamento. Fazer parte de uma família mal conduzida, cheia de pendências impossíveis de dissimular, onde haviam reaparecido os

motivos de fricção e desentendimento dos países capitalistas, era algo que punha Guevara na mais profunda consternação.

Uma conseqüência derivava desta análise. Era a necessidade urgente, para Cuba, de reconstruir seus laços com a América Latina, mas estes laços já não se podiam estabelecer sobre a base de relações entre países de regime político diferente, mas unicamente a partir de revoluções socialistas nos referidos países.

Em 1963, Guevara enfrentou resolutamente a realidade americana com a intenção de obter resultados nessa linha. Se a América Latina capitalista se recusava a coexistir com a Cuba socialista, Cuba encarregar-se-ia de ajudar a todos os revolucionários para que seus países deixassem de ser capitalistas.

A primeira discussão longa que tive, desta vez, com Guevara girou em torno da retirada dos foguetes russos, resolvida por Khrushchev em outubro do ano anterior. Os foguetes haviam chegado para preservar a segurança militar de Cuba. Numa região coberta de árvores, perto da cidade de San Cristóbal, construíram-se as rampas de lançamento que, pouco depois, estavam em condições de disparar foguetes de distância média sobre Washington.

Mas, a 28 de outubro, Khrushchev, diante de uma nota de protesto ameaçadora, por parte dos norte-americanos, resolveu retirá-los e, 72 horas depois, os 42 foguetes estavam no interior dos mesmos barcos que os haviam trazido.

Essa a história que deixara o mundo inteiro em suspenso junto ao abismo da guerra atômica.

— Quando Fidel soube da notícia — me disse Che — não quis acreditar. Recebeu-a de um jornalista estrangeiro que lhe pediu confirmação. Na realidade, o jornalista recebera uma antecipação do próprio texto oficial soviético anunciando a retirada dos foguetes. Alguns minutos depois, o mesmo jornalista leu por telefone a Fidel o texto completo do telegrama. Não havia dúvida. Os russos haviam decidido um problema de Cuba sem nos consultar. Fidel ficou puto da vida e eu também e, para descarregar a tensão que havia se acumulado nele, deu uma volta de 180 graus e soltou um pontapé na parede. Bem nesse lugar havia um enorme espelho que caiu no chão com a pancada, espalhando vidro por toda parte.

Ficamos um instante em silêncio e pouco depois, mais tranqüilos, passamos a estudar a situação.

Minha hipótese acerca da atitude soviética era bastante parecida com a dos próprios russos, embora meu propósito não fosse bem esse. A meu ver, o problema dos foguetes fora criado artificialmente pelos russos para poder transferir para esse tema a discussão com Kennedy sobre o futuro de Cuba. Se não houvessem criado o incidente dos foguetes, a discussão cairia forçosamente na questão de fundo, ou seja, a própria sobrevivência do regime castrista. Desta maneira, em troca, os soviéticos proporcionavam uma vitória diplomática a Kennedy, sem que esta vitória fosse, ao mesmo tempo, o desaparecimento do socialismo cubano.

— Pode ser, pode ser — murmurava Guevara —, mas a questão é outra. Será que Cuba deve ceder agora sua soberania aos russos? Será possível que eles não entendam que este país está acostumado demais ao paternalismo das grandes potências, para tolerar, em silêncio, um novo? Como é que eu posso explicar? No fundo é questão filosófica. Se dentro do internacionalismo socialista não se compreenderem as peculiaridades nacionais, não há nada a fazer, nossos países sentirão que continuam a ser tratados como países pequenos por algumas grandes potências, para as quais é mais importante ser grande do que ser socialista.

Guevara continuava pensando que os soviéticos, sem dúvida, não negociariam Cuba em troca de qualquer outra situação no resto do mundo, tal como me afirmara dois anos antes. Mas temia que a proteção soviética se convertesse numa pesada pedra para o desenvolvimento da personalidade nacional autônoma de Cuba e, neste sentido, devia ser interpretada aquela conversa e os passos posteriores que os cubanos deram nesse mesmo ano; primeiro, ao se negarem a assinar o pacto antiatômico, promovido pelos russos, e logo depois ao discutirem enfadonhamente as condições de ajuda soviética para reparar os danos causados por um ciclone arrasador. A luta pela manutenção da identidade nacional podia também ser notada nos fatos mais corriqueiros, como no caso dos charutos, cujas antigas marcas, em geral norte-americanas, haviam sido substituídas por outras inconfundivelmente cubanas. Armoas,

Dorados e Criollos substituíam os charutos norte-americanos; os filmes com gangsters e cowboys dormiam nos arquivos das estações de televisão e a torrente de publicidade comercial, que antes equiparava os cartazes de néon de Nova York ou de Miami aos de Havana, também deixara de se derramar sobre o público cubano.

Os apelos de propaganda e os nomes dos negócios haviam cedido um lugar predominante ao idioma espanhol, após o prolongado reinado do inglês como língua universal dos negócios e da economia consumidora.

Era, de certo modo, um bloqueio de dentro para fora, a réplica de Cuba ao bloqueio exterior que, em 1963, alcançou a mais alta eficácia contra a ilha, embora nunca chegasse a ser total. Pelas ruas de Havana transitavam carros com a carroçaria amassada e mal pintada, cheia de soldaduras e remendos. Nos veículos de transporte de passageiros as portas fechavam mal e faziam ruído, os motores suportavam com dificuldade o tráfego e a falta de peças sobressalentes. Centenas de tratores imobilizados no campo por falta de certas peças serviam de armazéns de reposição, onde os mecânicos tiravam peças que faltavam em outros veículos.

As causas desta situação não eram exclusivas, mas todas se entrelaçavam. A principal era o bloqueio, com sua habitual conseqüência, o medo de os melhores técnicos emigrarem, o que procuravam fazer e, em geral, o conseguiam.

Mas um fator importante na crise de produção e de organização do trabalho estava na própria inexperiência dos administradores nomeados pela revolução.

— Para acelerar Cuba industrialmente — pensava Guevara em voz alta — devemos produzir materiais de construção: cimento, ladrilhos, cerâmicas. Nós estamos com grandes fornos paralisados porque não conseguimos trazer, a tempo, ladrilhos refratários. Temos que improvisar até os parafusos. Algumas fábricas de tecido pararam em virtude do abastecimento de qualidade desigual de fios. E na indústria de sapatos estamos desfazendo a trapalhada que se fez no dia em que um funcionário ordenou o fechamento das pequenas oficinas, antes que funcionassem as grandes.

Guevara punha em funcionamento toda sua imaginação e energia para resolver a constelação de problemas que eram o complexo industrial de Cuba. Era de implacável exigência com todos e todos o aceitavam sem protesto, porque ele era igualmente exigente consigo mesmo. Mas se tivesse de tirar uma conclusão sobre o estado de ânimo de Guevara, durante esses meses em que nos víamos diariamente, eu me atreveria a afirmar que esta luta minava seu otimismo, obscurecia seu engenho, sepultava-o na irritante, embora necessária polêmica das estatísticas e dos métodos de produção. A ideia de que Cuba ainda podia sofrer um ataque armado por parte dos Estados Unidos, exaltada ao extremo desde a crise dos foguetes, mantinha um sólido vínculo entre o Guevara combatente e o Ministro de Indústria. Mas, em 1963, começou a sentir que a estabilidade do regime cubano estava fundada em alto grau sobre uma correlação mundial de forças, na qual Cuba nada poderia alterar sem risco de cometer suicídio.

Outros que também o advertiram foram os derrotados e vingativos exilados cubanos, massa cuja formação política defeituosa fazia deles uma verdadeira exceção entre as comunidades desterradas de todos os tempos. A nobreza russa, após 1917, adaptara-se à vida das grandes cidades européias; os republicanos espanhóis, noutro extremo social, alimentaram, com seu trabalho, o parque industrial da Europa e da América. Uns com a burguesia, outros com o povo, todos encontraram seu lugar. Mas o heterogêneo contingente de cubanos nos Estados Unidos parecia destinado a servir aos interesses de alguns políticos norte-americanos, que os instigavam contra o que começava a ser chamado de "apaziguamento com Fidel Castro".

Guevara anunciou-me, certa noite, que se precipitava uma ruptura escandalosa entre Kennedy e o conselho coordenador dos exilados, uma organização de atribuições imprecisas, onde se representavam, com a mesma imprecisão, não menos de duzentas organizações anticastristas, muitas apenas de existência nominal.

— E o melhor do caso é que este Miró Cardona, que dirigia todos esses vermes juntos — ria Guevara com o charuto entre os

lábios — é o mesmo que assinou o decreto que me concedia a cidadania cubana. Já pensou? E o outro, bem... o outro foi Urrutia.

Vê só. A pressão dos inimigos de Kennedy era feita junto aos exilados cubanos a fim de criar dificuldades para o presidente. Em fevereiro escutamos, um dia, a transmissão direta de um discurso de Kennedy, onde ele procurava tranquilizar a oposição interna que acreditava, ou fingia acreditar, que podia esperar um ataque armado vindo de Cuba. O homem da rua fora induzido pela imprensa a temer por sua vida, todas as noites, por haver na pequena ilha de Cuba cem caças Mig, quinhentos foguetes aeroterrestres e mil e quinhentos foguetes de defesa costeira. Estas cifras modestas agigantavam-se na cabeça dos norte-americanos, que se esqueciam da colossal maquinaria militar de seu próprio país. Kennedy dirigia-se a eles para dizer-lhes que não se assustassem, que cinco mil soldados russos haviam abandonado a ilha e outros milhares apenas treinavam os soldados cubanos, sem formar unidades de combate.

Era um dos paradoxos existentes em Cuba, o pequeno país que fazia seu poderoso vizinho perder a calma. Mais compreensível era o fato de nosso velho amigo Betancourt perder a calma.

— Olha, olha — disse-me Guevara ao mostrar-me um telegrama com um brilho nos olhos — o que fizeram os revolucionários venezuelanos. Hoje Rómulo cai da cama.

A notícia era espetacular: um punhado de homens havia capturado em plena navegação um navio de cinco mil toneladas, em viagem para Houston. O barco navegava agora com rumo incerto, mas o mundo inteiro acompanhava, nos mapas, sua rota pelo Oceano Atlântico. Betancourt anunciara sua viagem aos Estados Unidos para conferenciar com Kennedy e este episódio iria ferir seu prestígio. Em Caracas, as bombas estouravam às centenas.

Guevara continuava tendo por Betancourt a mesma antipatia que demonstrara no nosso primeiro encontro, na agora distante Costa Rica.

— Já naquela época eu desconfiava dele, lembra? Agora não.

Agora estou seguro de que é nosso pior inimigo, o inimigo de todas as revoluções anti-imperialistas da América Latina. Não pense que é apenas uma questão pessoal. Sua soberba é cega e impede

que ele veja, com clareza, quando sua pessoa está em jogo. Ele não está mentindo quando declara que defende o indivíduo contra o socialismo. Só que o indivíduo que defende é ele mesmo. Um individualista até suas últimas conseqüências, hein?

Outro de nossos antigos amigos fora também eleito presidente de seu país. Juan Bosch, o mulato que falava de literatura com Guevara, iniciou, em março de 1963, um período escabroso de governo, deixado inconcluso, na República Dominicana .

Foi então que Guevara me pediu que discutíssemos sistematicamente os problemas da Argentina. Tinha um interesse maior do que nunca pelo seu país natal. Por quê? Não poderia sabê-lo, a não ser que fosse pelo fato evidente de que a Argentina revelara um caos interno cada vez maior. Guevara queria saber de tudo com particular clareza e com todos os detalhes. De vez em quando, durante esse período, tomava algumas notas. Seus temas principais eram os movimentos trabalhista e universitário. Interessava-se também, sobremaneira, pela identificação das pessoas que intervinham na vida política. Muitas delas, senão a maioria, não existiam em termos políticos, quando ele deixara a Argentina. E outras cujos nomes lembrava, eram apenas isso: nomes lembrados, personalidades esquecidas.

Guevara recusava-se a aceitar que um requisito excepcional, com que contaram os revolucionários castristas, fora o caráter do exército cubano. Era um exército bem armado e numeroso. Mas sua semelhança com outros exércitos e, principalmente, o argentino, parava por aí. Não se podia dizer seriamente que existia espírito de corporação entre os militares cubanos, pois o favoritismo estava acima dos regulamentos. Não se podia dizer que havia uma tradição histórica, pois o exército cubano fora organizado três vezes na curta história da ilha e todas as três vezes sobre bases discutidas pelos próprios militares. E embora o exército fornecesse alguns dos maiores reacionários da Argentina, o certo é que o presidente Juan Perón, um ídolo das massas, ostentava a patente de general. Perón era um obstáculo para uma hipótese de luta contra o exército.

— Mas digamos que Perón deixe seu desterro na Espanha — acrescentava Guevara — e se estabeleça aqui em Havana. Acha que

isto mudaria a disposição das massas argentinas?

Eu achava que não, e disse. Primeiro, não acreditava que Perón deixasse a Espanha por Cuba, embora fosse sincera a admiração que professava por Fidel e pelos revolucionários cubanos, exposta numa carta em poder de Che. Logo, não acreditava que o exército argentino fosse instituição tão carcomida ao ponto de sucumbir, sem antes tentar todos os recursos políticos, enquanto tivesse a força das armas em suas mãos.

No meio dessas discussões, a 2 de abril de 1963 a marinha de guerra e um grupo de chefes superiores do exército e da aviação tentaram apoderar-se do governo de Buenos Aires. Houve luta e os canhões da marinha bombardearam quartéis do exército.

Em seguida, colunas de tanques atacaram as bases da marinha, destruindo-as. A guerra civil rondava a Argentina. Nas portas dos quartéis, mães de soldados manifestavam-se em tumulto contra as lutas fratricidas e um sentimento de protesto filtrava-se em todos os setores da sociedade.

Guevara estava certo de que a situação na Argentina amadurecia para um pronunciamento revolucionário popular.

— As condições objetivas para a luta começam a surgir na Argentina — refletia Che. Há desemprego e, portanto, fome, diante do que a classe trabalhadora começa a reagir. Esta reação desencadeia a repressão, a fim de aplacar o protesto pelo medo, e a repressão desata o ódio. Esse é o ponto exato no qual as condições objetivas requerem também as subjetivas, ou seja, a consciência da possibilidade de vitória por meios violentos, diante dos imperialistas e seus aliados internos.

Era um dos temas centrais do pensamento revolucionário de Guevara e o eixo de todas as polêmicas que agitaram nos últimos anos os latino-americanos descontentes: pode um foco de rebeldes armados amadurecer, mediante uma decisão subjetiva, as condições revolucionárias objetivas que, em maior ou em menor grau, existem em todos os países da América Latina?

O caso da Argentina apresentava a questão com interesse multiplicado, não só pelo evidente conhecimento que Guevara e eu tínhamos dele, mas também porque, de acordo com meu ponto de

vista, o modelo reunia um conjunto de componentes capazes de converter-se em algo mais que uma exceção ao esquema de Guevara, senão mesmo a própria antítese do exemplo cubano.

Guevara repeliu a ideia de exceção em todas as discussões.

Repelia-a sempre, tanto para Cuba como para qualquer outro país.

Mas parecia, sobretudo, levado por um receio: o de que o reconhecimento do caráter excepcional se convertesse numa justificação para a inatividade revolucionária dos partidos e dos grupos esquerdistas da América Latina. Porque, em última instância, Guevara acabava admitindo que, no caso de Cuba, os Estados Unidos haviam sido tomados de surpresa, distraídos, e desde então ninguém poderia esperar que essa perplexidade norte-americana se repetisse outra vez.

No caso argentino, Guevara raciocinava que, se o setor econômico é o grande campo, nele deve ser travada a luta armada.

Imaginava um exército de camponeses apoderando-se das cidades.

Negava-se a admitir que a estrutura da propriedade agrária, em boa parte do solo argentino, estivesse formada por proprietários pequenos e médios e por arrendatários da terra que se beneficiam dos baixos aluguéis. Essa massa modelou a fisionomia das regiões mais importantes do país, tanto por sua riqueza como pela densidade de sua população. Este era outro fator que Guevara subestimava, possivelmente por uma transposição involuntária das condições do campo em Cuba para o resto da América Latina, incluindo a diferente natureza agrária da Argentina. As áreas onde se pode reconhecer certa concentração proletária em tarefas agrícolas são os campos de algodão e de erva-mate, as plantações de cana-de-açúcar e os bosques de quebrachos. Mas a mesma extensão geográfica converte estes centros em pequenas ilhotas fáceis de cercar e de esmagar, se um movimento que responda à teoria do foco de rebelião tenta se instalar em qualquer delas.

Somente uma organização superior, com influência nacional, pode pôr em marcha, sincronizadamente, os diversos setores que possuem uma energia revolucionária em potencial.

A população do campo argentino reproduz, em geral, as características sociais da população das cidades. Predomina uma classe proprietária média e pequena, ou não proprietária, mas igualmente acomodada, a favor de ajustes parciais do regime de contratação civil ou da participação do país no comércio mundial.

Uma massa também seriamente problematizada, mas disposta a uma mobilização apenas através de determinados intermediários .

Cheguei a pensar que Guevara não podia aceitar a necessidade de uma organização nacional, no caso argentino, porque, se a reconhecesse como indispensável, estaria a um passo de cortar a formação do partido como passo inicial para a luta armada. Se desenvolvia sua própria hipótese sobre a impossibilidade de estabelecer um partido que representasse uma aliança de classes com objetivos nacionalistas e anti-imperialistas, então chegava a uma conclusão que, por certo, lhe desagradava: o partido revolucionário iria superpor-se perigosamente com o partido comunista e Guevara não tinha nenhuma fé na capacidade revolucionária deste.

Outra conclusão rondava, seguramente, a cabeça de Che, embora evitasse formulá-la e, menos ainda, discuti-la. Era a de que Cuba havia "abusado" das excepcionais condições em que se desenvolvera sua revolução e, portanto, não podia servir de exemplo para os outros países latino-americanos, mas, em troca, servia de exemplo para os Estados Unidos.

— Isso é verdade — admitia Guevara. O imperialismo aprendeu muito mais com a experiência cubana do que com os revolucionários de todo o continente.

Amostra desta capacidade para aprender foi proporcionada pelo governo de Kennedy quando, no início de abril de 1963, anunciou as medidas que havia adotado para suprimir as incursões piratas dos exilados cubanos contra o território de sua pátria. Foi uma forma clara de confirmar a existência de um pacto de não agressão a Cuba. Washington só confiava agora na passagem do tempo.— ... e o tempo trabalha a favor do socialismo, acrescentava Guevara, para quem o tempo era uma questão dinâmica e de nenhum modo estática.

— Os russos nos propõem deixar de braços cruzados, que o tempo passe, e nós insistimos em ajudar o tempo a passar mais rápido, dando impulso à revolução. Em poucas palavras, essas são as nossas diferenças.

O tempo também passara para mim e chamavam-me em Buenos Aires. Disse a Guevara que tinha de voltar. Quis antes, no entanto, que eu assistisse a alguns exercícios de tiro de canhão e de morteiros que se efetuavam na costa, perto de Havana.

Fomos numa madrugada, ao raiar do sol no céu tropical. Havia uma centena de homens disparando sobre a linha do horizonte, em exercícios de tiro rápido, com munição bélica. De repente, um morteiro enguiçou. Precisavam de voluntários para extrair o obus do conduto. Dezenas de mãos se levantam anunciando a disposição de correr perigo de vida na tentativa de desarmar o morteiro.

Uma cena inesquecível. Seria este o modelo do novo homem que Guevara queria edificar em Cuba e, mediante o socialismo, em toda a América Latina?

Um homem valente e responsável, trabalhador e de franqueza aberta, com senso de humor e de dignidade, desprendido, pronto para os maiores sacrifícios, inteligente. Uma utopia? A resposta dialética ao outro homem da América Latina que Guevara já vira, temeroso do poder, subnutrido, com a inteligência embotada pela ignorância e pela fome?

Guevara encarnava uma boa parte destas virtudes do homem do futuro. Impunha-se obrigações extremas que podiam parecer inexplicáveis ou pouco práticas.

Lembro-me de que na véspera de minha partida de Cuba, sua esposa chamou-o pelo telefone, na minha presença, pedindo um carro oficial, a fim de fazer compras na cidade.

— Não, Aleida, não — respondeu Guevara. Você sabe que o carro é do governo e não meu, portanto você não pode utilizá-lo. Vá de ônibus como todo mundo.

Este incidente doméstico motivou mais tarde uma conversa em família, durante a qual tanto Aleida como a mãe de Che, Célia, revelaram a sua minuciosa preocupação de retirar de sua posição no governo apenas o indispensável para viver. A casa em que vivia,

mansão confiscada de um emigrante rico, era quase nua por dentro, apesar dos inúmeros presentes que Guevara recebia nas suas viagens ao redor do mundo. Os presentes, desde peças de adornos até artesanias e aparelhos elétricos, Guevara remetia aos centros de formação de jovens de toda a ilha; lá iam ter, tal como os recebera, sem mesmo tirá-los da embalagem. Vendo os aposentos ascéticos de sua casa, não pude deixar de me lembrar do quarto em La Paz, onde o conheci e onde um prego na parede era toda a mobília.

Como exceção, Guevara conservara um belo relógio de pulso, que, agora, usava. Fazia parte de um presente maior constituído de quinze relógios iguais. Distribuiu os outros a seus melhores amigos e eles acabaram por se tornar, com a passagem do tempo, uma espécie de contra-senha, uma identificação muda entre os que o levavam. Eu ainda voltaria a ver outros relógios como esse em outras latitudes, tempos depois.

Numa fresca manhã, Che levou-me no seu carro ao aeroporto. Comigo viajaria sua mãe, Célia, que passara uma temporada com o filho e os netos. Chegando ao aeroporto, Guevara encolheu os ombros, como se sentisse frio. Eu levava comigo um ponche argentino, do tipo tecido por mulheres em teares rústicos, nos contrafortes da cordilheira. Tirei-o, passando-o a Guevara.

— Toma, é um ponche argentino. Deram-mo de presente numa excursão política há algum tempo. Dou-lho, assim você terá um pedaço de nossa terra.

— Vai ser ótimo — comentou Guevara alegremente —, porque as noites são frias, nas montanhas, mesmo nos países quentes. A neve agarra nas ladeiras e entranha nos ossos.

Abraços, encomendas de última hora, despedidas. Antes de subir a escada, Guevara me disse: — Você vai ver: a classe dirigente argentina não vai aprender nada. Só a guerra revolucionária mudará a situação.

Esta frase foi a última que ouvi de seus lábios. Poderia até havê-la esquecido, mas quando cheguei a Buenos Aires fui preso e passei longa temporada na cadeia. Os militares argentinos pensavam que eu viera para organizar uma guerrilha, quando, na realidade, há

dois meses vinha discutindo com Guevara sobre a inoportunidade de fazê-la.

 Não haviam aprendido nada. Guevara tinha razão.

TERCEIRA PARTE

Levantando Povos

7. Guerrilhas na Argentina

Em 1958, quando os guerrilheiros castristas lutavam nos campos de Cuba, um jornalista argentino realizou a primeira tentativa para estabelecer um novo vínculo entre a Argentina e Guevara.

O sentido deste esforço de compreensão era fixar os limites da ação revolucionária no continente, estabelecer a legitimidade da luta de um revolucionário latino-americano em qualquer lugar onde ela estourasse. A fragmentação cultural e política a que foi submetida a América Latina durante um longo século levava os povos a duvidar do direito que assiste a um revolucionário de participar nessas lutas. A consequência desta confusão foi que, quando os argentinos souberam que o argentino Guevara combatia na distante Cuba, reagiram, de início, negativamente. Não fizeram mais do que reconhecer o impacto que sobre todos exerce a pressão secular contra a formação de uma só nação latino-americana, que foi um dos propósitos fundamentais do libertador Simón Bolívar.

O jornalista chamava-se Jorge Masetti e, pela importância que veio a ter mais tarde na vida de Che, assim como também em sua morte, a sua personalidade está ligada, em diferentes planos, à de Guevara. Em todo caso, de um modo indissolúvel.

Conheci Masetti certa noite em 1957, quando a Argentina ignorava se iria precipitar-se no abismo da guerra civil. Eu era anti-peronista e Masetti sabia disso. Podia me ver como inimigo, pois havia pertencido à Aliança Nacionalista, uma força de choque peronista sitiada e rendida a canhoneiros pelo exército em 1955.

Reunimo-nos, naquela época, no café La Paz, ponto de encontro de jornalistas, escritores e artistas de teatro, encravado num ponto de Calle Comentes, onde Buenos Aires se parece muito com a Broadway.

Em agosto de 1957 estabeleci, por ordem de Frondizi, o primeiro contato estável entre nosso partido radical e o general

Perón, desterrado. Este contato frutificaria algum tempo depois na eleição presidencial do mesmo Frondizi, com o apoio milionário dos votos peronistas. Mas no momento favorecia a minha aproximação com Masetti.

Pouco antes se atrevera a me perguntar como podia entrevistar Castro e Guevara em Sierra Maestra. Era uma pergunta que já me fora feita mais de uma vez por jornalistas, que logo desistiam diante das dificuldades do projeto. Mas Masetti, que pertencia à redação do jornal El Mundo e trabalhava como freelancer na rádio do mesmo nome, parecia realmente disposto a isso. Não possuía nenhum antecedente profissional importante e, por essa mesma razão, desejava cimentar sua futura carreira com uma grande reportagem. Em fevereiro de 1957, Herberto Matthews sacudira Cuba e o mundo inteiro com uma reportagem publicada em três edições sucessivas do The New York Times, na qual revelava que Castro e seus companheiros estavam vivos. Aquela reportagem, sem dúvida, fascinava a todos os jornalistas, especialmente os da América Latina. Masetti foi um deles.

O objetivo de Masetti, no entanto, tinha, sobretudo, suma importância política. A rebelião castrista contava com o apoio incondicional da burguesia argentina e este apoio engendrara uma réplica dialética entre a classe trabalhista que, então, começou a preferir Batista. Através de uma simplificação extrema, os gorilas da Argentina associavam Perón a Batista, levando em conta o estado militar comum, embora desigual, de ambos. Em conseqüência, os nomes do general Aramburu e do almirante Rojas, da Argentina, ficavam publicamente vinculados com o de Fidel Castro e, como os dois primeiros haviam dispersado os sindicatos, encarcerado seus líderes e fuzilado os peronistas rebeldes, a classe trabalhadora acabou englobando o guerrilheiro cubano com seus inimigos nacionais.

Masetti, peronista, estava interessado em comprovar se esta interpretação de seus companheiros era ou não correta.

Apareceu um dia no café La Paz com o passaporte numa das mãos e a passagem de avião na outra. Não pude deixar de sorrir: enfim, era um que ia.

A repressão nas cidades cubanas alcançara, em 1958, uma virulência selvagem. Expliquei-lhe que me limitaria a entregar-lhe um endereço onde o colocariam em contato com a organização universitária clandestina a que, então, deveria solicitar que o levassem às montanhas. Eu lhe daria uma carta dirigida a Guevara, a quem não via desde fins de 1955, quando nos despedimos no México. Pensei primeiro numa longa carta, com assuntos pessoais e observações políticas. Mas em seguida escrevi um curto bilhete, refletindo que, para segurança de Masetti, deveria ser claro apenas para o destinatário e indiferente para um policial. Os policiais liam com muita atenção as cartas dos estrangeiros em Cuba, naqueles terríveis meses.

Escrevi: "Querido Chanchó: O portador é um jornalista amigo que deseja fazer uma reportagem para a Rádio El Mundo de Buenos Aires. Peço que o atenda bem, que ele merece. Assinado: O Franco-atirador."

Masetti leu as poucas linhas e franziu as sobrancelhas. A apresentação era bastante lacônica.

Foi assim que o endereço e o bilhete lhe abriram caminho para a Sierra Maestra. Em março de 1958 Masetti chegou ao refúgio de Fidel Castro e de Che Guevara, conviveu durante várias semanas com os guerrilheiros, descobriu a fraternidade rústica dos homens e a ferocidade da luta.

"Confesso que deixei Buenos Aires cheio de dúvidas" — escreveria ele na volta. "Minha opinião sobre Batista estava formada.

Mas tinha que verificar quem eram os que o cercavam e que interesses representavam. Os argentinos queriam saber quem era o homem que encabeçava a revolução em Cuba, que era o movimento de "26 de julho", quais as suas aspirações e quem o financiava.

Nós, argentinos, queríamos também saber se as balas que disparavam contra Batista eram pagas em dólares, rublos ou libras esterlinas. Ou se na América Latina estava ocorrendo a desconcertante exceção de uma revolução em marcha para o triunfo estar sendo financiada pelo próprio povo."

Seu primeiro contato com Fidel, numa clareira da selva, acabou por convencê-lo da íntima relação de todo o processo político latino-

americano.

— "Boa noite" — disse, aproximando-se dele.

— "Olá, como vai?. . . Como vai Frondizi? Está contente?" —i foi a resposta do líder guerrilheiro.

Masetti já havia conhecido Che. Descreveu seu retrato com estas palavras: "Vinha montado num burro, as pernas pendentes e as costas curvadas prolongavam-se nos canos de uma Veretta e de um fuzil com mira telescópica, como dois paus que sustentassem a armação de um corpo aparentemente grande. Quando o animal se aproximou um pouco mais, pude ver que lhe caíam da cintura uma cartucheira de couro cheia de carregadores e uma pistola. Dos bolsos da camisa apontavam duas revistas, em volta do pescoço trazia uma máquina fotográfica e do queixo anguloso despontavam alguns pêlos que aspiravam à condição de barba. Desmontou calmamente, colocando em terra botas enormes e sujas de barro e, enquanto se aproximava de mim, calculei que deveria ter um metro e setenta e oito e que a asma de que sofria não devia criar-lhe grandes embarços. O famoso Che Guevara me parecia um jovem argentino típico de classe média. E também me parecia uma caricatura rejuvenescida de Cantinflas. Convidou-me a tomar o café matinal e começamos a comer quase sem falar."

Este frio encontro logo começou a esquentar.

"As primeiras perguntas partiram logicamente dele", prossegue Masetti. "E, logicamente também, diziam respeito à política argentina. Minhas respostas pareciam satisfazê-lo e, dentro em pouco, nos demos conta de que coincidíamos em muitas coisas e que não éramos dois sujeitos perigosos. Logo começamos a falar sem muitas reservas — algumas eram mantidas, como bons argentinos da mesma geração — e já estávamos nos tuteando."

Masetti e Guevara tinham a mesma idade, aproximadamente, nesse encontro: 29 anos, com a diferença de meses apenas.

Foi uma experiência definitiva na vida de Masetti, pois permitiu-lhe vislumbrar sua verdadeira vocação de revolucionário, adormecida sob a atraente profissão de jornalista que o levara até Cuba. Na alma de Masetti jazia um condutor de homens, um caudilho.

Permanecera enterrado por 29 anos, mas, a partir desse momento, buscaria apenas a melhor forma de vir à superfície.

Quando deixou a ilha, Masetti já participava das tarefas da revolução. Fez uma viagem até Caracas, onde se tramava o Pacto de partidos que forneceu a Fidel a força suficiente para o empurrão definitivo contra a ditadura. E em apenas três semanas escreveu uma reportagem de 50 mil palavras sobre os guerrilheiros cubanos, que editou em Buenos Aires no mês de outubro de 1958, quando a luta na ilha chegava à sua fase final.

Em 1959, Guevara mandou chamá-lo e confiou-lhe a organização da agência de notícias Prensa Latina, cujo papel era assegurar a difusão de notícias sobre Cuba para o mundo inteiro, especialmente para a América Latina. Masetti demonstrou também grandes qualidades como organizador e, em junho desse mesmo ano, a empresa jornalística contava com uma equipe de cento e cinquenta pessoas, sendo que 60 formavam a equipe da agência central, em Havana.

Numerosas sucursais foram abertas, em pouco tempo, em quase todas as capitais do hemisfério, inclusive nos Estados Unidos. Esta empresa deveria encontrar em seu caminho tantos obstáculos quanto as situações consolidadas que ameaçava, mas além disso ficou, desde o primeiro momento, atada à sorte do governo cubano. Portanto, à medida que o regime castrista foi ilhado em seu hemisfério, a empresa viu fechados seus escritórios e proibida a distribuição de suas notícias.

Em fins de 1960, no entanto, a Prensa Latina parecia em condições de suportar o assédio político. Masetti veio me visitar na embaixada argentina em Bonn, onde eu ainda desempenhava as funções de conselheiro político. Não nos víamos desde seu regresso de Cuba, em julho de 1958, quando foi portador de um disco que Guevara enviou à sua mãe para confirmar, de uma vez por todas, que estava vivo. Naqueles tempos de guerra, a notícia de sua morte em combate foi, mais de uma vez, difundida, embora a família de Che estivesse a par de sua sorte graças a um informante muito bem situado em Havana, que transmitia, de vez em quando, novidades sobre o guerrilheiro. Este informante não era senão o embaixador da

Argentina em Cuba, almirante Lynch, primo-irmão do pai de Guevara, cujo sobrenome materno também é Lynch.

Em dezembro de 1960, Masetti estava realizando uma viagem com escala na Argélia e destino final provável em Moscou. Em Bonn, porém, recebeu instruções de não prosseguir até a URSS e voltou, pouco tempo depois, para Havana. Quando o encontrei em seus escritórios bem refrigerados, num alto edifício de Vedado, o bairro residencial da capital cubana, Masetti estava extremamente agitado, a ponto de ser descortês comigo, mesmo sem o querer. Sua desculpa era sincera, longe de qualquer dúvida, porque pouco tempo mais tarde, em abril de 1961, pedira demissão de seu cargo de diretor da Prensa Latina. Havia tido toda espécie de problemas, até divergências políticas, principalmente com os velhos comunistas, que sempre trabalharam com êxito entre os jornalistas de Cuba.

Guevara o apoiou enquanto pôde, mas a situação de Masetti tornou-se insustentável. De comum acordo com Guevara, Masetti renunciou. Algumas semanas mais tarde, com a invasão da Baía dos Porcos, Masetti participou num espetacular programa de televisão, durante o qual os principais invasores capturados foram interrogados. Masetti foi um dos jornalistas do encontro.

Passou, depois, a um discreto segundo plano, mas, em 1963, durante minha permanência em Havana, encontrei-o junto a Guevara. Assisti a muitas das longas discussões que Guevara manteve comigo e parecia muito bem informado acerca de uma tese estratégica que Guevara estava aperfeiçoando e retocando com novos dados e contribuições. Parecia muito ocupado com sua instrução militar.

A tese não era outra senão a probabilidade de implantar um foco guerrilheiro em território argentino, a partir de um acampamento original estabelecido em território boliviano.

Guevara repetia com freqüência uma frase de José Martí, para quem "é um criminoso aquele que promove num país a guerra que pode ser evitada e aquele que deixa de promover a guerra inevitável".

Para Che e para Masetti a guerra na Argentina, a revolução social, era inevitável. Tratava-se então de encarar sua promoção

com a maior eficácia possível.

— Não devemos temer a violência — explicava Guevara —, pois ela é parteira das sociedades novas. Só que essa violência deve desatar-se exatamente no momento preciso em que os condutores do povo tenham encontrado as circunstâncias mais favoráveis.

Havia, para ele, dois elementos subjetivos de enorme importância. Um era a consciência da necessidade de mudança e o outro a certeza da possibilidade de mudança revolucionária. Os dois elementos buscavam então reunir-se às condições objetivas de cada país, que, no caso argentino, pareciam extremamente propícias, tal como foi narrado no capítulo anterior. Acrescente-se a firmeza na vontade de obter a mudança e mais ainda a nova correlação de forças no mundo, e sua conclusão era absolutamente positiva sobre as possibilidades revolucionárias na Argentina.

Sinceramente, jamais Masetti ou Che mencionaram em minha presença a iminência de uma tentativa guerrilheira na Argentina. Mostravam um grande interesse pelas condições do país e, na última vez em que estive com eles, em abril de 1963, o levantamento da Marinha de Guerra nessa ocasião confirmou terem avaliado corretamente a situação: — A presença de um foco guerrilheiro — profetizava Guevara — numa montanha qualquer, num país com cidades populosas, mantém perene o foco de rebelião, pois é muito difícil aos poderes repressivos liquidar rapidamente, e mesmo no curso de anos, guerrilhas com bases sociais assentadas num território favorável à luta guerrilheira, onde existe gente que emprega, conseqüentemente, a tática e a estratégia desse tipo de guerra.

O esquema teórico abarcava também um país como a Argentina. Restava apenas fazer a prova de desenvolver, a partir do esquema, uma situação política onde as guerrilhas cumprissem o papel para elas reservado.

A fim de comprová-lo, Masetti viajou secretamente para a América do Sul pouco depois que deixei Havana.

Em junho de 1963, Masetti já estava na Bolívia, onde chegara com três acompanhantes: os comandantes cubanos Hermes Pena

Torres, Raul Dávila e Papi. Os três pertenciam à guarda de ferro de Che.

Masetti chegou à Bolívia com dois sérios contratemplos dentro do quadro em que deveria atuar. Em maio de 1963, o líder dos camponeses do vale de Cuzco, no Peru, o estudante Hugo Blanco, fora preso e o movimento começara a declinar. Este episódio contrariava o projeto de estabelecer uma cadeia de guerrilhas desde o Peru até o norte da Argentina, uma das mais ambiciosas extensões da guerra revolucionária concebida por Guevara.

A outra novidade inesperada foi que os militares argentinos, cansados de se chocar entre si, resolveram entregar o poder a um governo civil, eleito em pleitos controlados, mas com alguns longes de respeito constitucional. As eleições teriam lugar no dia 7 de julho de 1963.

Isto significava que, pelo norte, Masetti não deveria alimentar esperanças exageradas, tal como o informaram alguns emissários de Hugo Blanco, que chegaram a se encontrar com ele em La Paz.

E, pelo sul, corria o risco de se abrir um parêntese constitucional, dentro do qual deixariam de funcionar os pré-requisitos ideais para o apoio popular à guerrilha.

— Os poderes econômicos — afirmava Guevara — transcorrem dentro de certos marcos de legalidade, uma legalidade que adjudicam a si mesmos para melhor trabalhar. Mas quando as pressões populares aumentam, esta legalidade burguesa é violada por seus próprios autores a fim de deter o impulso das massas.

Parecia agora que a Argentina fazia o caminho ao contrário, que os violadores da legalidade burguesa preferiam voltar a ela, a fim de resguardar melhor seus interesses.

Em poucas palavras, foi um momento de transição. Seguramente um dos piores para se escolher o melhor caminho.

Masetti já havia escolhido o seu. Começavam a chegar até a fazenda Emborozá, em território boliviano, próximo à fronteira com a Argentina, os primeiros homens que, mediante um complicado sistema de recrutamento, marchavam para incorporar-se ao "Exército Guerrilheiro do Povo", EGP, como o chamariam com o correr dos dias.

Masetti, aparentemente, recusou qualquer vínculo ou comunicação séria com as organizações políticas existentes na Argentina, o que transgredia francamente o modelo cubano, pois Fidel Castro havia pactuado e negociado com todos os partidos políticos e organizações de qualquer classe que se mostrassem dispostos a se entender com ele. Violava, além disso, uma regra de ouro do movimento guerrilheiro, pois, de fato, isolava seu foco da colaboração dos movimentos de massas, e o próprio Guevara havia prognosticado que, sem o apoio destas, o desastre da guerrilha seria inevitável.

Em resumo, Masetti preferiu recorrer a duas sementeiras de combatentes em potencial: as fileiras universitárias e os dissidentes do partido comunista.

Tanto um como outro setor podiam proporcionar-lhe homens dispostos a jogar suas vidas em nome dos ideais revolucionários.

Assim foi na prática. O que não podiam oferecer, em troca, eram as condições para uma organização nas cidades, embora mínima, seja para a sabotagem, seja para a agitação política. A força guerrilheira resultou então numa reunião de individualidades, muitas vezes de extraordinária qualidade, mas completamente separadas dos corpos sociais do país. Se se juntar a isto que a proximidade de um governo constitucional determinava um pronunciado refluxo político na Argentina, mais fácil se torna compreender o signo fatídico que acompanhou Masetti desde o princípio.

Um dia chegou a Emborozá Federico Méndez, mecânico, solteiro, 24 anos de idade. Contando o chefe da quadrilha, não havia mais de quatro pessoas, mas já haviam escolhido seu emblema: um sol tendo ao fundo as cores vermelha e negra.

— O vermelho — explicava Masetti — significava o sangue da revolução e o negro é luto pelos sofrimentos do povo.

Pensava também no sangue e nos sofrimentos o estudante Juan Juvé, de 23 anos, solteiro, que trabalhava numa escola comercial administrada por religiosos, da província de Córdoba, e que deixou seu emprego no dia 23 de agosto de 1963. Dali seguiram para Tarija, na Bolívia, onde passou a procurar o cubano Hermes Peña.

Jouvé tinha um irmão mais moço, Emílio, que pouco depois também se juntaria à guerrilha .

Masetti recebeu com surpresa a notícia de que, a 7 de julho, a Argentina realizara eleições nacionais, que haviam sido vencidas por um médico provinciano, Arturo Illia, candidato do partido radical. O novo presidente tomaria posse em outubro do mesmo ano, e por algum tempo Masetti alimentou a esperança de que os militares não o permitiriam. Se isso acontecesse, o número de organizações políticas e sindicais e de pessoas, que perderiam toda a esperança de democratizar a vida pública na Argentina, formaria uma verdadeira força. Esta força deveria se chocar, a curto prazo, com os militares usurpadores e então começaria a repressão, com a seqüência de reações populares e mais repressão ainda, a fim de sufocá-las. Entre julho e outubro, no pequeno acampamento guerreiro, acompanhou-se com paixão o curso dos acontecimentos de Buenos Aires. Porém, já em princípios de outubro, estava claro que os militares iriam entregar o governo ao médico Illia. Masetti compreendeu que o esquema cubano não se iria reproduzir e que, em vez de lutar contra outro ditador como Batista, deveria enfrentar um modesto presidente civil, disposto a transacionar com todos os grupos de pressão da Argentina, para quem a violência não figurava entre seus possíveis recursos governamentais.

Em setembro, entre os dias 20 e 25, a pequena expedição atravessou a fronteira e penetrou em território argentino. Divididos em dois grupos, cruzaram a zona deserta e passaram a vau o rio Bermejo, a uns 15 quilômetros de uma pequena localidade chamada Águas Blancas. Junto ao Rio Pescado, levantaram o primeiro acampamento e, pouco depois, Masetti preparou uma carta política onde pedia que o novo presidente renunciasse, aceitando ter sido sua eleição o produto de um compromisso espúrio e, em sua essência, antidemocrático, já que a força majoritária, o peronismo, não pudera votar em seus próprios candidatos.

A "carta" de Masetti foi publicada em Buenos Aires num semanário da esquerda peronista chamado Compañero. Produziu uma comoção limitada nos círculos políticos da esquerda e divulgou a presença de um "Comandante Segundo", que se levantava em

armas contra a frente eleitoral. O porta-voz escolhido não podia se comparar com os que Castro pusera à sua disposição ao rebelar-se contra Batista e, sem dúvida, estava longe de se assemelhar, por exemplo, à revista Bohemia, a de maior circulação em Cuba naqueles anos. A voz de Masetti ressoou dramaticamente afônica.

A "carta", no entanto, alertou os serviços de inteligência militar e policial, que decidiram estabelecer uma vigilância em regra para averiguar a magnitude da força guerrilheira. E também, naturalmente, incendiou a imaginação de algumas dúzias de jovens que tomaram então caminho em direção ao norte.

Masetti havia escrito um código disciplinar para castigar faltas e delitos. As penas iam desde maior sujeição nos serviços do acampamento até cortes na ração e, em casos extremos, à pena de morte. Os companheiros de aventura chamavam-no Segundo, uma simplificação de sua patente, Comandante Segundo, que, por sua vez, mais que um pseudônimo, indicava a existência de um Comandante Primeiro, ausente momentaneamente. Este não era outro senão Che Guevara.

O estado de ânimo dos guerrilheiros era desigual, mas, sem dúvida, quem se sentia pior era Masetti. Este sentimento devia-se a uma valorização política do momento. Quando acreditava ter chegado para atuar como detonante da crise política e social da Argentina, uma manobra colocara no poder um homem inofensivo, a quem, sob nenhum aspecto, se podia acusar de ditador. De fato, Masetti estava preso numa ratoeira, mas o pior, sem dúvida, era que não queria considerar-se liberado de sua promessa a Guevara, embora pudesse, com muita razão, invocar a mudança desfavorável da situação política .

A vida na selva, primeiro na Bolívia, mais tarde em Salta, era bem mais dura do que haviam esperado. Seus companheiros cubanos, veteranos de guerra, registraram a diferença com uma fruta silvestre, semelhante à malanga, que, nos campos de Cuba, proporcionava alimentação silvestre e abundante. Na selva argentina, uma fruta parecida era semitóxica e quando a comeram sofreram convulsões espantosas: alguns ficaram doentes para sempre desde esse dia.

A contrariedade política e a dificuldade material enervavam a pequena expedição que ainda não tivera ocasião de combater.

Afastados de seus lares, muitos deles a milhares de quilômetros de distância, essa força guerrilheira afundou no desespero. O mais afetado parecia um recruta de apenas 24 anos, Adolfo Rotblat, chamado Pupi, tomado constantemente de ataques de asma. O caso de Pupi converteu-se num castigo aos expedicionários, pois todos os seus exercícios, trabalhos e marchas viram-se dificultados devido à sua precariedade física. Por fim, propôs desertar.

Este fato passou a ser um catalizador da crise moral dos guerrilheiros. Não havia inimigos à vista, mas um deles, que jurara acatar o código revolucionário, pretendia abandoná-los. Constituiu-se um tribunal para julgar Pupi e, coisa excepcional, o condenaram à morte. Uma anotação no diário do capitão Hermes registra, sumariamente, o episódio e suas causas.

O primeiro cruzamento de fronteira chamara-se "Operação Dourado". Foi em setembro. Em dezembro, Masetti ordenou a seus homens que levassem a cabo a segunda parte, chamada "Operação Trampolim", que consistia em internar as armas antes armazenadas em solo boliviano.

Continuaram a chegar mais voluntários. Um pedreiro sem um dos olhos, de 23 anos, que por seu defeito físico é excluído como combatente, mas admitido para tarefas de cozinha. Um estudante de filosofia, de 27 anos, com boa posição econômica familiar, e cujo avô materno, um almirante, fora chefe de polícia em Buenos Aires, 27 anos antes. Outro estudante, de 25 anos, recém-casado.

Dois irmãos, mecânicos desempregados, chegam juntos ao acampamento. Dois empregados do Banco Israelita da cidade de Córdoba, comunistas militantes que preferiram a luta armada, chegaram cheios de entusiasmo, a ponto de um deles, Groswald, extirpar as unhas dos pés para evitar que se entranhassem com as marchas na selva. Um perfurador petroleiro desempregado, de 29 anos. Um vendedor de flores, de 20 anos. Um estudante de medicina, com 22 anos e procurado pelo Exército, do qual desertara. Um galego de 19 anos, nascido em Vigo, e um marinheiro mercante que acabara de completar 25 anos.

Esta tropa heterogênea recebe instrução militar do capitão Hermes, ajudante de Masetti. Este, entretanto, cisma. Sua sorte está lançada, menos pelos fatos surgidos até o momento do que pela sua consciência, que se nega a reconhecer o fracasso político.

Não pode dispersar seus homens sem combater, mas também não tem contra quem lutar. Sua neurose sobe a níveis perigosos e ele se torna cada dia mais reconcentrado.

No dia 19 de fevereiro de 1964, a surda crise moral da expedição volta a se expressar contra os guerrilheiros. Groswald, a quem chamam familiarmente de Nardo, é julgado por uma série de faltas: insubordinação, perda de moral revolucionária e descuido com as armas e o material militar. O capitão Hermes preside um tribunal que durante três horas seguidas delibera, no meio da selva, sobre a pena de Nardo. O tribunal está indeciso. Mas Masetti emite sua opinião e Groswald também é, inexplicavelmente, condenado à morte.

Este menino de 19 anos pede que seja fuzilado com seu uniforme de guerrilheiro, a boina negra, os botins bulldog, o cinturão de couro e os óculos opacos de cor verde clara. Quando ouve a sentença, o suor molha sua frente; seca-o com um lenço branco, de barra marrom, que comprara poucos dias antes de subir às montanhas. Enfrenta seus companheiros com decisão e promete morrer com dignidade. Três guerrilheiros disparam sobre ele, duas balas penetram em seu corpo, entre a quarta e a quinta costela. O capitão Hermes dispara o tiro de misericórdia com sua pistola Luger: a bala penetra pelo pômulo direito e sai pela nuca.

Seria esta a guerrilha com que Masetti e Guevara sonhavam comover a Argentina? Evidentemente, o "Comandante Segundo"

sabia que não. Mas procurava, e não encontrava, a via de comunicação com as massas, o instrumento indispensável para quebrar o isolamento em que se encontrava. Este isolamento tornara-se ameaçador e, à ordem psicológica, juntou-se a impossibilidade de estabelecer contato radical com o exterior. Um transmissor com que projetavam comunicar-se com Havana demonstrou sua impotência em poucos dias.

Os serviços de inteligência, enquanto isso, haviam introduzido dois de seus homens entre os jovens recrutados para a guerrilha. Um passava por peronista, pedicuro de profissão, disposto a qualquer coisa para derrubar o governo. Fez relações com alguns jovens que se preparavam para viajar para Salta e apresentou-lhes um amigo, tão decidido quanto ele. No dia 2 de março de 1964, quando chegaram ao primeiro acampamento guerrilheiro, o cubano Dávila recebeu-os e deu-lhes as boas vindas do Exército Revolucionário do Povo. Porém, mal recebem as armas e se afastam em direção ao acampamento principal, os dois policiais infiltrados promovem um incidente e um deles dispara contra o guerrilheiro que encabeça a marcha, ferindo-o numa perna.

Desde esse momento, a guerrilha já pode se considerar descoberta e perseguida de perto. Nos dias que se sucedem, vários guerrilheiros são capturados pela gendarmaria, uma força policial militarizada que vigia as fronteiras, encarregada de acabar com o EGP. Cortam-lhes os abastecimentos quando o cerco se fecha sobre os guerrilheiros e a fome os derruba, um por um. Três morrem por falta total de alimentação, após tentarem se manter com uma dieta de vegetais selvagens. Um é surpreendido pelos gendarmes na copa de uma árvore, onde se refugiara, tentando escapar das garras de dois tigres de montanha. A natureza vence, no coração da América do Sul, a fé que ilumina o homem.

Em meados de abril, o capitão Hermes e um companheiro surpreendem um avanço da gendarmaria e matam um soldado. É a única escaramuça verdadeira da guerrilha argentina, cujo segundo ato tem lugar quase em seguida. A gendarmaria localiza Hermes e o situa: este consegue disparar 28 balas de sua carabina automática e seu companheiro quatro das seis de seu revólver Smith & Wesson 38. Os dois caem mortos.

Quatorze homens já estão nas mãos dos gendarmes, que os torturam e humilham sanguinariamente. Cinco deles são submergidos entre as vísceras dos mortos, arrastados pelos cabelos, no meio de risos e ameaças de fuzilamento. Uma vingança sinistra.

Masetti, enquanto isso, penetra na espessa selva de Yuto, um inferno de espinhos e animais selvagens, onde se pode caminhar

durante dias sem ver o sol, tão alta e cerrada é a vegetação. Não volta, ninguém mais ouve falar dele. A selva o devora.

Esta é a história da guerrilha argentina, como o próprio Che a conhece. Em fins de 1964, outro grande amigo de Guevara, o advogado Gustavo Roca, e eu, juntamente com alguns advogados das províncias, tomamos a defesa dos guerrilheiros presos. Através de suas declarações e confidencias, da súmula das dolorosas experiências que realizaram, surge um quadro completo das razões desta guerrilha trágica e catastrófica.

Quais foram as conclusões de Che? É difícil saber. Roca, que o encontrou em Paris, em princípios de 1965, registrou sobretudo o tremendo pesar e luto de Guevara pela morte de seus dois grandes amigos, Masetti e Hermes. Haviam morrido como valentes, estavam à altura de Che e seu exigente padrão igualitário, nivelador dos homens pelos mais altos de todos, não pelos mais baixos. Esta espécie de aristocracia do valor cobrara o preço da aposta, em sua lei. Mas que conclusão política, que resposta à teoria do foco, que análise do fracasso?

A resposta levaria dois anos até ser conhecida. E seria Che Guevara, em pessoa, quem a iria dar ao mundo inteiro.

8. O Mistério Ardente

A tragédia do "Comandante Segundo" nas montanhas e nas selvas do norte argentino foi a mais silenciosa derrota da guerrilha na América Latina. Mereceu pouco destaque por parte da imprensa e até mesmo as publicações de esquerda temeram comprometer-se com uma aventura na qual muitos acreditaram ver rastros de provocações organizadas pelos serviços de inteligência. Este temor era infundado, exceto quanto ao fato de que foi verdade que dois agentes de espionagem puderam infiltrar-se, sem maiores dificuldades, entre os guerrilheiros. As grandes massas das cidades argentinas praticamente não chegaram a se inteirar de que, no norte, estava sendo gerado um exército guerrilheiro. Os camponeses, destinatários um pouco genéricos da mensagem rebelde, muito menos: talvez nunca vieram a saber.

"Firmando-se no campo", escrevera Guevara, "um grupo guerrilheiro que se ligue às massas de camponeses, crescerá de menos para mais, destruirá o exército em luta frontal e terminará apoderando-se das cidades, partindo do campo."

Masetti fora fiel ao modelo, mas, ao cabo de dez meses de sacrifícios na terra mais inospitaleira que se possa imaginar, sua força não chegava a 30 homens e o isolamento castigava-os com a neurose e o desespero. A mais impressionante conclusão que Masetti extraiu da situação foi que o campesinato não poderia ligar-se a ele, nem ele ao campesinato, no norte da Argentina, simplesmente porque este último não existia. A densidade da população é geralmente baixa na Argentina e particularmente escassa nos campos do norte. Existem concentrações de alguma importância nas zonas de cultivo de açúcar e de algodão e da exploração de madeiras, mas são oásis no meio de verdadeiros desertos, áridos ou cobertos de vegetação selvagem, mas, em todo caso, pouco habitados. Masetti deveria buscar as massas politicamente atrativas nos bairros industriais, mas, ali, era um

desconhecido. Sua mensagem provocara desconfiança e esta criou em seu redor o mais impenetrável vazio.

O modelo mostrava-se superior à experiência argentina também neste aspecto, já que Fidel Castro era um personagem muito conhecido na ilha antes da expedição do Granma. Havia sido pré-candidato a deputado pelo partido de Prío Socarrás, sua atividade como agitador universitário era notável, pertencera a um colégio aristocrático onde, de fato, fez amizade com os jovens que, quando ele se rebelou, começavam a dirigir as empresas e os escritórios jurídicos de mais prestígio e influência em Cuba. Masetti não só era um desconhecido em geral, mas também conhecido apenas entre a reduzida coletividade de jornalistas. Sua carreira se desenvolveu fora da Argentina e nela carecia de amigos significativos ou de sólidos laços políticos. Não podia, em uma palavra, esperar que nas cidades se colocassem a seu lado, tal como ocorrera com o "26 de julho" desde o primeiro momento.

Mas, visto por outro ângulo, podia-se tirar uma conclusão interessante. Masetti percorrera o sul da Bolívia e o norte da Argentina, pelo espaço de 10 meses, sem encontrar grandes dificuldades.

Ele e seus fiéis chegaram, vindos de Cuba, numa viagem complicada mas por vias normais, e puderam atravessar as fronteiras sem levantar suspeitas. A guerrilha teve de enviar uma carta pública ao governo argentino, para que os serviços de segurança interna tomassem conhecimento de sua existência e comesçassem a vigiá-la.

Este foi um dos ensinamentos positivos que Guevara arrancou da tragédia de Masetti. Nas grandes linhas de seu plano estratégico não introduziu modificações sensíveis, como se poderia ver mais tarde.

Por quê?

É difícil explicar por um só motivo e tentarei reunir o conjunto de razões que terminaram por configurar o quadro que levou Che a repetir o caminho de Masetti quase que mecanicamente, com um resultado surpreendentemente parecido.

Um ponto que sobressai de imediato em qualquer análise das razões que levaram Guevara a tentar guerrilha na América do Sul é o de sua posição pessoal em Cuba e sua relação particular com Fidel Castro.

Com um critério técnico de país desenvolvido, a industrialização de Cuba, promovida pelo plano quatrienal de Guevara em 1961, podia ser considerada um fracasso no início de 1964. Todos os defeitos de organização e especialização, que cada país industrializado tem de padecer em alguma etapa de seu desenvolvimento, apresentaram-se inexoravelmente em Cuba. Algumas fábricas foram erguidas em regiões onde a água, a eletricidade ou os caminhos eram insuficientes. Às vezes faltava mão-de-obra e, em geral, os técnicos tinham de ser improvisados. Surgiram apreciáveis deslocamentos de população, já que a ocupação industrial possui uma atração fascinante nos países agrícolas. De modo que, enquanto se estudava a maneira de organizar as indústrias, o campo se desorganizou. Em alguns setores, perdeu mão-de-obra. Em outros, caiu a produção devido ao reajuste do regime de trabalho conseqüente à passagem para o socialismo. O movimento para colocar Cuba em plano industrial ocasionou tantos inconvenientes a curto prazo como os que conheceu qualquer habitante da Argentina e do Brasil nos anos de quarenta e cinquenta. O fato surpreendente foi que, em Cuba, os industrializadores receberam da União Soviética a mesma recomendação que a Argentina e o Brasil haviam recebido dos Estados Unidos em oportunidade igual: que os países agrícolas devem renunciar, por motivos econômicos, a se industrializar e que lhes convém aproveitar a excelente produção manufatureira das nações industriais. No caso de Cuba, as razões soviéticas se justificavam, além do mais, pela reduzida dimensão do mercado interno cubano e pelo fato, por demais visível, de que Cuba não podia pensar em exportar sua produção para qualquer de seus vizinhos.

Conseqüentemente, seu isolamento político e econômico a limitava à demanda de seu único mercado possível, a União

Soviética e os países socialistas europeus, pois os países capitalistas da Europa somente podiam comprar em Cuba produtos agrícolas.

O plano de Guevara, portanto, deveria contar, em primeiro lugar, com a tolerância soviética por um período maior do que se calculou a princípio. Mas, como a industrialização de Cuba deveria dispor de um mercado de exportação, para que este fosse uma realidade, outras nações da América Central e do Sul deveriam adotar um regime semelhante ao de Cuba. Neste caso, produzia-se um choque entre os Estados Unidos e a URSS, disso resultando que Cuba não tentaria a propagação de seu regime político e, por conseguinte, terminaria a tolerância de Moscou também com o programa de industrialização e seu pesado custo.

Em fins de 1964, Fidel Castro admite o enquadramento de Cuba na grande divisão do trabalho do mundo socialista. Mas Guevara não estava de acordo.

— Uma Cuba agrícola, uma Cuba outra vez celeiro açucareiro do mundo — dissera-me um dia em 1963 — poria em dúvida a sobrevivência do socialismo e seria, além disso, tão débil internacionalmente, que teria de viver pendente da proteção soviética. E a revolução não foi feita para isso.

O fato é que não podia haver revolução sem industrialização, nem tampouco poderia haver indústrias sem mercados, e, para obter os mercados, a revolução deveria prosseguir na América Latina, em cujo caso os Estados Unidos pediriam contas à URSS e, se esta não fosse ouvida, terminaria seu compromisso com o regime socialista cubano. Na realidade, tampouco haveria revolução. Todos sabiam que só a imensa força militar soviética compensava a dos Estados Unidos e impedia um ataque devastador de sua parte. Um inflexível círculo vicioso.

Em março de 1964, Che Guevara viajou para Genebra, presidindo a delegação cubana à Conferência Mundial do Comércio e Desenvolvimento. Salientou o perigo que significavam para o comércio mundial e para a paz as inversões de capital estrangeiro, que chegam a dominar, de dentro, a economia dos países. Propôs também que, enquanto os países subdesenvolvidos não obtivessem compensações nos preços de seus produtos, continuamente

rebaixados pelos compradores desenvolvidos, se suspendesse de comum acordo o pagamento de dividendos, interesses e amortizações.

Ao terminar a conferência, passou dois dias em Paris e depois seguiu com destino à Argélia, onde sua relação com Ben-Bella atravessa uma etapa de florescimento. Uma consequência desta viagem foi o pedido que o presidente argelino formulou, alguns meses mais tarde, aos Estados Unidos, no sentido de que era indispensável uma normalização das relações entre Washington e Havana.

— Não posso compreender — disse Ben-Bella — que os Estados Unidos aceitem manter comunicação telefônica direta com o Kremlin e se oponham a que o povo cubano escolha a forma de governo que melhor lhe convenha.

Em novembro de 1964, Guevara voltou a partir, com destino a Moscou. Era a terceira visita que fazia à URSS. Mas esta viagem acabaria por se converter numa verdadeira peregrinação pelo mundo, de mais de quatro meses de duração .

Esta visita à União Soviética foi, sem dúvida, a chave de profundos desacordos que se manifestaram posteriormente. Para Guevara, foi tomando corpo, definitivamente, a ideia de que os russos se propunham a uma coexistência com os norte-americanos.

Isto representava, em primeiro lugar, a divisão do mundo em duas áreas reciprocamente respeitadas e, em primeiro lugar, fazia-se indispensável a divisão de trabalho entre as nações de cada área.

Para Cuba, significava um destino agrícola e uma posição frágil como nação.

Suas discussões com os soviéticos vieram à tona no discurso de 11 de dezembro de 1964, diante da assembléia geral da ONU. Chegara a Nova York imprevistamente, com a representação de Cuba, e alguns pensaram que também se expressava pela sua boca, o presidente argelino, Ben-Bella.

— O imperialismo norte-americano — disse ele na ocasião —, tentou fazer crer que a coexistência pacífica é de uso exclusivo das grandes potências sobre a terra. Mas não pode haver coexistência pacífica somente entre os poderosos, se o que se pretende é

assegurar a paz do mundo. A coexistência pacífica deve exercitar-se entre todos os estados, independente de seu tamanho, das relações históricas anteriores que os ligaram e dos problemas suscitados entre alguns deles em determinado momento.

Na mesma semana, Guevara concedeu entrevista através da televisão de Nova York, no programa "Diante da Nação", da CBS.

— Cuba deseja apenas que os Estados Unidos se esqueçam dela — exclamou —, para o bem ou para o mal.

Mas sua declaração ao público norte-americano mostrou que também sobre ele pesavam as discussões de Moscou. Admitiu os erros dos planos de industrialização, prometendo corrigi-los, e assegurou que relações harmônicas com os Estados Unidos seriam "muito boas" para Cuba. Na rua, um piquete de anticastistas o vaiava, ante seu olhar indiferente.

No dia 17 de dezembro deixou Nova York com destino à Argélia, via Canadá. Na Argélia reatou conversações com Ben-Bella, fortalecendo a impressão de que se gestava um eixo socialista, mas independente, entre Cuba e Argélia. No dia de Natal voou para Bamako, em Mali, e sua voz ganhou alento outra vez.

— A luta revolucionária contra a intervenção dos Estados Unidos toma cada vez mais um caráter continental no hemisfério.

Esta viagem converteu-o num agente itinerante da revolução no terceiro mundo, pois em seguida acrescentou outros países à sua rota. Implicitamente, a viagem de Che contava com o apoio de Ben-Bella, que na África significava a revolução argelina, a mais sacrificada e esperançosa revolução do imenso continente negro.

Em Brazzaville, no Congo, foi recebido, no início de 1965, pelo presidente Alphonse Massémba Debat, com quem discutiu as condições da luta anti-imperialista na África. Pouco depois passou a Conakry, na Guiné, e a Acra, em Gana.

Esta viagem não podia ter outro sentido senão sondar os governos africanos para a realização de uma política conjunta, conduzida pela Argélia.

Em Gana, Guevara por um momento cedeu o passo a suas antigas curiosidades: viajou num certo dia, para o Jardim Botânico de Aburi, a 30 km da capital, e se entreteve observando as

variedades da flora africana ali colecionadas. Um sonho de criança, realizado. Viajou também até o Rio Volta, onde se construía uma gigantesca represa. E disse, referindo-se às guerras de libertação: — Há muitas experiências de luta armada na Colômbia, Venezuela e Guatemala. Existem histórias de fracassos aqui e ali, e essa história deve ser conhecida, para que dela se extraíam experiências na luta futura.

Ao terminar esse mês, anunciou-se sua visita a Daomé. Mas, antes de deixar Gana, visitou um acampamento de brigadas trabalhadoras, onde foi presenteado com um Kente, o traje tradicional das ocasiões solenes, e que recebeu com a maior alegria.

De Daomé foi para Argel, onde trocou impressões com os dirigentes da revolução e, dali, para Paris.

Em Paris esperava-o um de seus mais leais e antigos amigos, o advogado argentino Gustavo Roca. Roca fora companheiro de Che desde o colégio secundário, na provinciana cidade de Córdoba, Argentina, e depois o visitara várias vezes em Cuba.

Desta vez, o encontro foi mais triste: Roca trazia o informe completo sobre a guerrilha de Masetti, o resumo das declarações dos prisioneiros, cuja defesa exerceu diante dos tribunais de justiça, e a confirmação de que Masetti e Hermes Pena estavam mortos.

Uma derrota para a revolução latino-americana, sentida por Guevara como derrota pessoal.

Em fevereiro, vai para Dar Es Salaam, na Tanzânia, e, num discurso, revela o verdadeiro sentido de sua vertiginosa viagem africana: — Depois de completar a minha viagem por sete países africanos, estou convencido de" que é possível uma frente comum de luta contra o colonialismo, o imperialismo e o neocolonialismo.

No dia 19 de fevereiro, Che toma o avião para o Cairo. Ali torna a encontrar um dos chefes da rebelião do Congo, Gaston Soumialot, a quem conhecera dois anos antes num avião que atravessava a África. Soumialot é um camponês de quarenta e cinco anos, 14 dos quais lutando junto aos nacionalistas congolezes.

Corre a lenda de que pertence à mesma tribo de Lumumba, mas não é verdade. Por outro lado, é verdade que acompanhou Lumumba em suas campanhas políticas, que é um dos mais

sensacionais agitadores de sua terra, e que ultimamente passou vários anos em diferentes presídios. Em setembro de 1964, Soumialot proclamara uma República Popular do Congo, com capital em Stanleyville.

Nesse governo, ocupa o cargo de Ministro da Defesa.

Soumialot vai constantemente ao Cairo, onde o governo revolucionário do Congo tem uma sede no bairro de Zamalek, o distrito diplomático da capital egípcia. Nessa mansão, reúne-se o Conselho Superior da Revolução sob a direção de um bureau cujo presidente é Soumialot, e seus dois vice-presidentes são Pierre Mulele e Laurent Kabila. Justamente, Mulele é quem dirige a luta armada na zona de Leopoldville e Kasai, enquanto Kabila é o chefe da insurreição em Katanga e Kivu. Possuem um conceito da guerrilha muito semelhante ao de Che: como carecem de quadros políticos nas cidades, seu plano é criar um verdadeiro exército nos campos.

As cidades cairão no seu devido tempo, sem pressa.

Guevara experimenta real simpatia pela revolução africana e, em janeiro de 1961, sentiu o assassinato de Patrice Lumumba como perda não apenas política. Os revolucionários cubanos elevaram o nome de Lumumba à categoria de símbolo e é uma figura cujo rosto sofrido e cuja trajetória são conhecidos em toda a ilha.

Guevara e Soumialot trocam convites recíprocos: para conhecer Cuba, onde a revolução está no poder; para lutar no Congo, onde a revolução é uma quimera e onde a divisão política se complica com o racionamento e a oposição tribal.

Em 24 de fevereiro de 1965, Guevara intervém numa das sessões do Segundo Seminário Econômico Afro-asiático, reunido em Argel. Reivindica o direito de Cuba para falar numa reunião de povos africanos e asiáticos e afirma que "o ataque do imperialismo norte-americano contra o Vietnã ou contra o Congo deve ser respondido concedendo-se a esses países irmãos todos os instrumentos de defesa de que necessitam e dando-lhes toda a nossa solidariedade, sem condição alguma".

Teria pensado, por acaso, na possibilidade dele próprio combater junto aos guerrilheiros do Congo? É duvidoso, mas não é

impossível.

No início de março de 1965, volta ao Cairo e reata suas conversações com os rebeldes do Congo. Adverte que há entre eles desacordos que, no fundo, revelam as discrepâncias subterrâneas entre chineses e soviéticos sobre a tática a ser aplicada na África.

Nasser convida-o a visitar as obras da represa de Assuan, um prodígio da engenharia soviética associada ao trabalho árabe. É a última escala da viagem, que teve seu início em Moscou, continuou em Nova York e se prolongou, em seguida, por boa parte da África.

A 14 de março chega a Havana, onde a recepção é simples, embora lhe deem as boas-vindas os maiores do governo. Fidel Castro, o presidente Osvaldo Dorticos, os dirigentes políticos Carlos Rafael Rodríguez e Emilio Aragonés e vários ministros. Presentes também sua esposa, que espera o nascimento de um menino, e seu amigo Roca, que mal consegue saudá-lo, pois Guevara sai em disparada num carro de Fidel.

Roca consegue reunir-se com ele dois dias depois. Esteve conversando, explica Che, durante cerca de 40 horas com Fidel.

Prestou um longo relatório verbal. Discutiram? Guevara nada diz.

Em compensação, pede a Roca que se encarregue de notificar o pai de Hermes Peña, um velho camponês, da morte do filho, na distante Argentina. Roca aceita. Mas, em seguida, recusa: falta-lhe a coragem, confessa. Guevara resolve, ele mesmo, dar a notícia.

Roca deve partir e Che anuncia que escreverá uma carta para sua mãe em Buenos Aires. Em duas páginas, redige algumas linhas, com a informação mais completa sobre a conferência a portas fechadas, que tanto tempo levou, com Fidel Castro.

Guevara anuncia à sua mãe que se dispõe a abandonar a cúpula revolucionária em Cuba, que se propõe trabalhar 30 dias no corte de cana e que, depois, irá a uma fábrica por 5 anos a fim de estudar, de dentro para fora, o funcionamento de uma das tantas indústrias que dirigira do alto.

Será que Che, naquele momento, acredita seja isso possível?

Pode ser, já que Che sempre teve com sua mãe relação nada convencional, cheia de cumplicidades. Célia foi uma boa camarada,

fisicamente prejudicada, como ele, pela asma, e formada, como ele, na rebeldia e no convívio da literatura política de esquerda.

Mas a carta contém outro elemento de sugestiva importância para análise do período mais obscuro e decisivo da existência de Guevara.

Também a adverte de que não deverá viajar para Cuba por nenhum motivo.

Teme algo? Ou se propõe a abandonar o país, apesar de, linhas antes, ter dito que ficará cortando cana e dirigindo fábricas?

A carta de Che, escrita a 16 de março de 1965, foi entregue pelo portador ao fim de uma viagem pela Europa, no dia 13 de abril. Célia me chamou à sua casa quando recebeu a carta e me pediu que a lesse. Era nosso costume com as cartas de Che, desde muitos anos. Fiquei tão perplexo quanto ela, que logo se recuperou e me perguntou se podíamos contar com um correio de confiança para levar, pessoalmente, sua resposta a Havana. Nesses dias deveria partir, precisamente, um líder sindical, que fora convidado para as comemorações do Primeiro de Maio em Cuba. Disse que a entregaria a ele, o que ela aceitou. Pôs-se então a escrever uma carta cujo texto é o que se segue e que agora se publica pela primeira vez:

"Buenos Aires, 14 de abril de 1965

Meu querido: Minhas cartas te parecem estranhas? Não sei se perdemos a naturalidade com que nos falávamos ou se nunca a tivemos e sempre nos falamos nesse tom levemente irônico usado pelos que vivem nas duas margens do rio da Prata e agravado, no entanto, por nosso próprio código familiar ainda mais fechado. A verdade é que sempre uma grande inquietude me tem feito abandonar o tom irônico e ser direta. E então parece que minhas cartas não são entendidas e se tornam estranhas e enigmáticas. Neste tom diplomático adotado em nossa correspondência, tenho também de ler nas entrelinhas o significado oculto e interpretar. Li tua última carta como leio as notícias publicadas em La Prensa ou em La Nación de Buenos Aires, desentranhando, ou pelo menos tentando, o verdadeiro significado e alcance de cada frase. O resultado foi um mar de confusões e intranqüilidade e um alarma ainda maior. Não vou usar linguagem diplomática. Vou ser muito

direta. Parece-me verdadeira loucura que, existindo poucas cabeças com capacidade de organização em Cuba, todas elas tenham de cortar cana durante um mês, como ocupação principal, havendo tantos e tão bons cortadores entre o povo. Como trabalho voluntário, no tempo normalmente dedicado ao descanso ou à distração, um sábado ou um domingo, tem outro sentido. Também o tem fazê-lo, como trabalho principal, quando se trata de demonstrar, de maneira conclusiva, a vantagem e a necessidade do uso das máquinas para o corte, na ocasião da colheita, e que, da tonelagem de açúcar conseguida sairão as divisas com que Cuba contará. Um mês é um período muito longo. Deve haver razões pessoais que ignoro. Falando agora do teu caso pessoal, se depois desse mês tu te dedicares à direção de uma empresa, trabalho desempenhado com certo êxito por Castellanos e Villegas, parece-me que a loucura chega ao absurdo, sobretudo se este trabalho vai ser desempenhado durante 5 anos para poder ser avaliado de verdade. Como eu sabia de teu empenho em não faltar um só dia ao teu Ministério, quando vi que tua viagem ao estrangeiro se prolongava demais, minha pergunta era esta: Ernesto continuará a ser Ministro das Indústrias quando voltar a Cuba? a quem se deu razão, ou primazia, na disputa dos motivos que devem ter causado esta iniciativa? As perguntas estão respondidas pela metade. Se vais dirigir uma empresa, é porque deixaste de ser Ministro. Depende de quem vai ser nomeado em teu lugar para saber se a disputa foi resolvida de modo salomônico. Em todo caso, ficar 5 anos dirigindo uma fábrica é um desperdício grande demais para tua capacidade. E já não é mais a mãe quem está falando. É apenas uma velha senhora que sonha ver o mundo inteiro convertido ao socialismo. Creio que se fizeres o que disseste não te tomaras um bom servidor do socialismo mundial. Se por qualquer razão os teus caminhos se fecharam em Cuba, na Argélia existe um senhor Ben-Bella, que ficaria grato se organizasses sua economia ou que o assessorasses, ou um senhor Nkruma, em Gana, com quem o mesmo se daria. Sim, serias sempre um estrangeiro. Parece esse o teu destino permanente. Nunca te esqueças de um abraço a Eliseo, de minha parte. Tenho um problema de consciência com respeito à Geologia Cubana que me

mandaste para o Dr. Catalano, pois acontece que o Dr. Catalano tem um cargo importante em Minas, no Governo de Illía, e uma sobrinha democrata-cristã que o maneja com rédea curta. Talvez se devesse fazer com ele o que fez Beethoven com Napoleão, a quem dedicara sua 5.a Sinfonia e, logo a seguir, vendo que não a merecia, escreveu: "Ao grande homem que v. foi". Que carta! Pesada como chumbo! Me dá vontade de rasgá-la, mas vai assim mesmo. Fiquei encantada em receber tuas fotografias familiares. Estão todos deliciosos, embora nenhum de teus filhos me lembre teu rosto ou tua expressão . Fiquei alegre ao saber que a produção está encerrada, pois andei o tempo todo inquieta com a saúde de Aleida, durante a gravidez do último garoto. Tanto G. como J. não se cansam de proclamar a beleza de teu amor oculto. Gostaria de vê-la também em fotografia. Tem um tipo tão exótico, uma graça e suavidade tão oriental, que poderia competir em beleza com Florência, a filha mais velha de Roberto, o que é dizer muita coisa. J. me contou que quiseste dar-lhe uma notícia minha e ficaste com um nariz muito comprido porque ele já a sabia por meu intermédio — 15 a 0. Tanto ele como G. estão muito bem impressionados pela grande marcha de Cuba para a organização. Passando a outro assunto, creio que já te contei que Luís e Célia se separaram. Luís queria ir trabalhar em Cuba. É um homem talentoso. Mas agora está em dúvida, porque não sabe como poderão andar as coisas no futuro. Juan Martin tem outro filho homem, que ainda não tem um mês de vida. Sim, sinto muito não poder viajar para Cuba, no momento, e estar ao teu lado mesmo que fosse só para dizer, todas as manhãs: "buen dia, viejo" e "chau, viejo". Isto, repetido dia após outro, ganha um certo valor. Queria conhecer também Célia e o pequeno Ernesto e ouvir a tagarelice de Aliucha. Fica para outra vez. Não acredito no palhaço cósmico. Mesmo, com o que fazem as bestas dos americanos, não tenho lugar para um alfinete lá onde sabes. Mas acredito que os palhaços que fiquem sejam vários e que, de algum modo, voltarão a construir uma sociedade mais justa, embora tenham que partir da estaca zero e dos agrupamentos tribais. Um abraço, um abraço bem grande a ti e a todos os teus. CÉLIA"

P. S. — Não te esqueças de abraçar o Eliseo por mim. Quanto à Geologia Cubana que me mandaste para o Dr. Catalano, tenho um problema de consciência: ele ocupa atualmente um cargo importante no Governo de Illía e tem uma sobrinha democrata-cristã que o domina completamente. Talvez valesse a pena tu repetires o que fez Beethoven com Napoleão, na dedicatória de sua 5.ª Sinfonia: "Ao grande homem que foste."

A carta de Célia a seu filho percorreu um destino estranho, quase mágico. Escrita a 14 de abril, com profunda preocupação, marcou também o declínio físico definitivo de Célia. À meia-noite daquele dia, quando desceu para abrir-me a porta da velha casa onde vivia, mal conseguiu subir a escada, apesar de estar apoiada em meu braço: acabei praticamente levando-a carregada. Censurei-a por não procurar médico, mas ela disse que era algo mais que cansaço. Na realidade, Célia vivera com a obsessão do câncer durante vinte anos, desde que fora operada num seio, minado por tumor maligno. A operação afetara profundamente Guevara, que começava a estudar medicina e, com uma mistura de ingênuo amor filial e espírito de investigação, montou um pequeno laboratório em casa, onde fez experiências durante semanas com cobaias e soluções de petróleo.

O câncer travava agora sua batalha final contra a mãe de Che. E o destino também. Pois o sindicalista que deveria partir com sua carta foi, com surpresa, eliminado da lista de convidados do governo cubano. Era peronista e os convites, em última instância, eram comunicados ao partido comunista argentino que, em muitos casos vetava alguns. Este foi um dos casos.

A 20 de abril, Fidel Castro foi cortar cana, como os demais chefes revolucionários, e aceitou uma entrevista informal com alguns jornalistas estrangeiros. Todos queriam saber onde estava Che, cujo desaparecimento dos atos públicos e de seu gabinete ministerial era diz-que-diz-que de toda Cuba e, agora, começava a transpirar no exterior.

— O que posso dizer — afirmou Fidel — é que o comandante Guevara estará sempre onde seja mais útil à revolução. Creio que

sua viagem pela África foi muito proveitosa. Esteve também na China, com uma delegação nossa. É um homem de mil facetas.

De uma compreensão extraordinária. Um dos mais completos dirigentes.

Esta declaração, ao cabo de um mês de silêncio, aumentou a curiosidade em torno do paradeiro de Che. Uma versão jornalística, que afirmava que Guevara iria reaparecer no Primeiro de Maio na tradicional celebração de massas, não se confirmou.

Mas no dia 10 de maio a saúde de Célia se agravou seriamente e ela foi internada no Sanatório Stapler, no aristocrático bairro norte de Buenos Aires, onde, poucos dias depois, sua família foi cortesmente convidada a retirá-la do hospital. Os donos argumentavam que a presença da mãe de um chefe comunista poderia arruinar a reputação de seu negócio.

Foi nesses mesmos dias que o sindicalista me devolveu a carta que deveria levar para Havana, uma vez que sua viagem não teria lugar. Avisei a Célia e ela me pediu que a guardasse comigo até encontrar novo mensageiro.

A 16 de maio, os médicos consideraram iminente a morte de Célia. Foi quando chamei Havana pelo telefone e a esposa de Che, a cubana Aleida, me atendeu, parecendo bastante confusa.

Guevara não estava em Havana, mas estava em Cuba, Expliquei que sua mãe tinha poucas horas de vida e que eu procurava um modo de levar a notícia ao seu conhecimento. Ela achava difícil e eu manifestei minha segurança de que, qualquer que fosse o lugar onde estivesse Guevara, ele poderia ser alcançado ou por telefone ou pelo rádio.

No dia 18, Aleida ligou de Havana, diretamente para o sanatório. Célia estava quase em coma, mas ergueu-se em seu leito como se uma corrente elétrica a tivesse percorrido. Foi uma conversa frustrada, gritada e sem esperanças. Ao meio-dia, enviei um telegrama: "Comandante Ernesto Guevara. Ministério de Indústrias. Havana. Tua mãe gravíssima quer te ver. Abraços do amigo. Ricardo Rojo." Também este telegrama não teve resposta e, a 19 de maio, Célia de la Serna de Guevara morreu em Buenos Aires.

Fui um dos três que discursaram no enterro de Célia. Tive oportunidade de constatar que os três, e muitos amigos comuns e familiares, nos interrogávamos com os olhos.

— Onde estará Che?

Para que Guevara não tivesse respondido ao último chamado de sua mãe, era simplesmente porque ignorava por completo o que estava acontecendo. Aleida dizia que ele estava em Cuba e nada fazia supor que estivesse mentindo. Mas onde? Num lugar onde não houvesse telefone. Mas no dia 21 de maio os jornais de Havana publicaram a notícia da morte da mãe de Che. Ele continuou a ignorá-la. Pelo visto, além de não ter telefone, não havia também jornal. Acredito que Guevara estivesse recluso, embora não preso.

Esta reclusão era um ato de disciplina política, pois supunha uma longa sessão de autocrítica, perfeitamente consentida. Também respondia à pergunta da última carta de sua mãe: "a quem se deu razão, ou primazia, na disputa dos motivos que devem ter causado esta iniciativa?" Seu desaparecimento encerrava a resposta.

As regras desta reclusão parecem também haver sido fixadas pelo próprio Guevara, ou, em todo caso, estabelecidas com Fidel de um modo rígido, a ponto de não terem sido vulneradas por motivo tão digno de atenção como a morte da mãe.

Em abril de 1959, após a viagem que Fidel realizara pelos Estados Unidos, Che vivera uma situação parecida. Considerou que Fidel iria comprometer a marcha da revolução fiando-se nos Estados Unidos — disse-o francamente — e partiu com sua guarda de ferro pessoal para a casa onde vivia. Enquanto Fidel elaborou esta crise, Guevara e seus amigos permaneceram encerrados e só saíram quando o chefe do governo revolucionário abandonou a tentação. Como qualificar esse episódio? Esteve preso ou foi uma obstinação que, transplantada para o campo político, lhe deu a vitória.

A decisão de 1965 fora semelhante?

Pelos dados que possuo, o enclausuramento de Che se prolongou entre 20 de março e fim de julho de 1965, quando deixou Cuba com destino ao Congo, via Cairo.

Em junho, enquanto Guevara continuava em isolamento autocrítico, o chefe da revolução argelina foi derrubado. A queda de Ben-Bella sacudiu o regime cubano e colocou em revisão urgente toda a diplomacia de alianças africanas que Guevara construíra em sua viagem fulminante do começo do ano. A revolução africana, conforme entenderam os cubanos, ia a pique, com o casco atravessado pelo neocolonialismo e a anarquia. E Guevara tomou a grave responsabilidade de ir ao centro do continente negro para colaborar, pessoalmente, na rebelião e manter a revolução à superfície das águas.

Este episódio argelino teve uma importância básica nos passos que Guevara deu desde o momento em que iniciou sua política longe de todo o mundo. Deve ser julgado juntamente com as cartas que Fidel Castro deu a conhecer no dia 3 de outubro desse ano, nas quais Guevara renuncia à cidadania cubana, ao cargo de ministro e ao posto de comandante.

Estas cartas, segundo a versão do próprio Fidel, foram-lhe entregues por Guevara no dia 1.º de abril, embora não tenham data escrita.

— A data não foi colocada — declarou Fidel no dia 3 de outubro —, pois a carta era para ser lida no momento que julgássemos mais conveniente, mas, ajustando-nos à estrita realidade, foi entregue no dia primeiro de abril deste ano, há exatamente seis meses e dois dias.

Embora muitos duvidassem desta afirmação do chefe da revolução cubana, ela era exata, como se pode deduzir de outra das cartas, a que foi dirigida a seus pais. Esta, tampouco, fora datada quando escrita, mas o fato de que Guevara a dirigira, no plural, a seus pais, revela que a escreveu antes do dia 20 de maio, quando morreu sua mãe.

De certo modo, as três cartas puseram fim ao período mais rigoroso da autocrítica de Che, compreendido entre 17 de março e 30 de abril de 1965.

Qual é o balanço deste período de revisão das posições políticas no qual Fidel Castro discute com ele cada ponto em litígio?

A leitura das cartas revela que Guevara mudara a ideia com a qual retornara a Cuba, quanto a voltar às bases e trabalhar no corte de cana e na direção de fábricas, porque Fidel o persuadiu de que este comportamento não poderia dissimular o conflito que havia rebentado entre os dois. Confrontado com seu próprio critério sobre a direção revolucionária, Che, como os velhos bolcheviques, preferiu renunciar a converter-se voluntariamente num antagonista do governo socialista. Esteve a um passo de se tornar um novo Trotsky, mas não fora em vão que lera detidamente as reflexões de outros bolcheviques contemporâneos daquele: quando a sorte do governo revolucionário está em jogo, os pontos de vista dos indivíduos passam para segundo plano.

Guevara compreendeu que não podia e nem devia prejudicar a estatura de Fidel Castro como governante e que, no instante em que suas divergências com ele chegassem a um choque aberto, era quando mais devia fortalecê-lo.

Compreendeu também que não podia continuar na ilha, despojado de seus cargos, porque acarretaria num enorme prejuízo internacional para a revolução. Seu destino era partir, devendo-se apenas aguardar o melhor momento.

A carta de Che para Fidel Castro é a que se segue:

"Havana, Ano da agricultura

Fidel: Lembro-me agora de muitas coisas, de quando o conheci na casa de Maria Antônia, de quando você me convidou para vir, de toda a tensão dos preparativos. Um dia passaram a perguntar a quem se devia avisar em caso de morte, e a possibilidade real do fato nos golpeou a todos. Soubemos depois que era correto que, numa revolução, se triunfa ou se morre (se ela é verdadeira). Muitos companheiros ficaram ao longo do caminho, rumo à vitória. Hoje, tudo tem um tom menos dramático, porque estamos mais maduros, mas o fato se repete. Sinto que cumpri a parte de meu dever que me ligava à revolução cubana em seu território e me despeço de você, dos companheiros, de seu povo, que já é meu também. Renuncio formalmente a meus cargos na direção do partido, a meu posto de ministro, a meu grau de comandante, à minha condição de cubano. Nada legal prende-me a Cuba, apenas outros laços que não

se podem romper como as nomeações. Recapitulando a minha vida passada, creio haver trabalhado com suficiente honradez e dedicação para consolidar o triunfo revolucionário. Minha única falta mais grave foi não ter confiado mais em você, desde os primeiros momentos na Sierra Maestra, e não haver compreendido, com suficiente rapidez, as suas qualidades de condutor e de revolucionário. Vivi dias magníficos e senti a seu lado o orgulho de pertencer a nosso povo nos dias mais luminosos e mais tristes da crise do Caribe. Poucas vezes brilhou mais alto um estadista como naqueles dias; orgulho-me também de tê-lo seguido sem vacilações, identificado com sua maneira de pensar e de ver e apreciar os perigos (e os princípios). Outras terras do mundo reclamam o concurso de meus modestos esforços. Eu posso fazer aquilo que a você não é permitido, por sua responsabilidade diante de Cuba, e chegou a hora de nos separarmos. Saiba que o faço com um misto de alegria e de dor; deixo aqui o mais puro de minhas esperanças de construtor e o mais querido entre meus seres queridos... e deixo um povo que me recebeu como um filho; isto lacera parte de meu espírito. Nos novos campos de batalha levarei a fé que você me inculcou, o espírito revolucionário de meu povo, a sensação de cumprir o mais sagrado dos deveres: lutar contra o imperialismo, onde quer que ele esteja. Isto reconforta e cura com vantagem qualquer arranhão. Mais uma vez digo que libero Cuba de qualquer responsabilidade, salvo a que emana de seu exemplo. Se me chegar a hora definitiva sob outros céus, meu último pensamento será para este povo e especialmente para você. Agradeço os seus ensinamentos e o seu exemplo e tentarei ser fiel até as últimas conseqüências de meus atos. Sempre me identifiquei com a política exterior da revolução e assim continuo. Onde quer que me detenha, sentirei a responsabilidade de ser revolucionário cubano e como tal agirei. Não deixo a meus filhos e à minha mulher nada de material e não o lamento; alegra-me que assim seja. Nada peço para eles, pois o Estado lhes dará o suficiente para viver e se educar. Teria muitas coisas que dizer a você e ao nosso povo, mas sinto serem desnecessárias. As palavras não podem expressar o que eu quisera e

não vale a pena gastar papel. Até a vitória sempre. Pátria ou Morte. Abraça-o, com todo fervor revolucionário, Che

As duas outras cartas, uma para seus pais, outra para seus filhos, mostram a personalidade de Che, o carinho insuficientemente expressado para com os pais, a ternura pelos filhos, prejudicada por seu trabalho político e por suas viagens fora de Cuba.

Os textos destas cartas são os que se seguem:

"A meus pais Velhos queridos:

Sinto mais uma vez, sob meus calcanhares, as costelas de Rocinante; volto ao caminho com o escudo no braço. Há quase dez anos, escrevi-lhes outra carta de despedida. Segundo lembro, lamentava-me de não ser melhor soldado e melhor médico; o segundo já não me interessa, soldado não sou tão mau. Em essência, nada mudou, exceto que sou muito mais consciente, meu marxismo está enraizado e depurado. Acredito na luta armada como única solução para os povos que lutam para se libertar e sou conseqüente com minhas crenças. Muitos me dirão aventureiro, e eu o sou; só que de um tipo diferente e dos que vão a campo para demonstrar suas verdades. Pode ser que esta seja a definitiva. Não o busco, mas está dentro do cálculo lógico das probabilidades. Se assim for, aqui vai um último abraço. Quis muito a vocês dois, só que não soube expressar meu carinho; sou extremamente rígido em minhas ações e creio que, às vezes, não me entenderam. Não era fácil entender-me, acreditem-me somente, hoje. Agora, uma vontade, que cultivei com carinho de artista, sustentará umas pernas flácidas e uns pulmões cansados. Vou à frente. Lembrem-se de vez em quando deste pequeno condottiere do século XX. Um beijo a Célia, a Roberto, Ana Maria e Pototin, a Beatriz, a todos. Para vocês um grande abraço de filho pródigo e recalcitrante. Ernesto" "A meus filhos Queridos Hildita, Aleidita, Camilo, Célia e Ernesto: Se alguma vez tiverem de ler esta carta será porque já não estarei entre vocês. Quase não se lembrarão de mim e os mais pequeninos não lembrarão nada. Seu pai foi um homem que atua como pensa e, por certo, foi leal a suas convicções. Cresçam como bons revolucionários. Estudem muito para poder dominar a técnica que permite dominar a natureza. Lembrem-se que a revolução é o

importante e que cada um de nós, sozinho, não vale nada. Sobretudo, sejam sempre capazes de sentir, no mais profundo, qualquer injustiça cometida contra qualquer pessoa em qualquer parte do mundo. É a qualidade mais linda de um revolucionário. Até sempre, filhinhos, espero vê-los ainda. Um beijão e um abraço do Papai"

A partida de Che para a África foi uma manobra cuidadosamente preparada pela G 2, organismo de segurança política cubana, sob a direção do comandante Manuel Piñeyro, popularmente conhecido por Barbaroja. Em julho de 1965, quando Guevara se dispunha a viajar para o Cairo, os cubanos encontraram a forma de introduzir um "informe secreto" no escritório do presidente da Junta Militar da República Dominicana, General Antônio Imbert Barrera. Segundo este "informe", Che havia chegado a São Domingos no mesmo dia em que estourou o movimento militar, em abril, registrando-se no Hotel Embajador sob o nome falso de Oscar Ortiz. Mais tarde, mudara-se para o Hotel Comercial, no setor do coronel Francisco Caamano e, nesses dias, teria perdido a vida num combate de rua. Apesar da versão não resistir à menor análise, e de que ninguém se hospedara com esse nome nos hotéis mencionados, o general Imbert passou várias semanas convencido de que Che morrera em seu país, e, assim distraiu o interesse mundial.

Nessa mesma ocasião, Guevara chegava ao Congo.

No Congo lutavam os contingentes armados de Mulele e Soumialot contra os mercenários brancos de Mos Chombe, em cuja força figurava uma constelação de nacionalidades, inclusive uma equipe bem treinada de aviadores cubanos anti-castristas.

Pouco antes Soumialot dissera: — Não temos nenhuma condição a formular para cessar nossos combates, pois são a nossa luta revolucionária. E esta luta não cessará nunca, apesar dos bombardeiros norte-americanos, dos carros de assalto e das bombas de napalm.

Guevara chegou em Brazzaville, onde se encontrou com o presidente Masemba-Debat, o mesmo que o recebera oficialmente no início do ano. Já existia um certo número de cubanos

contribuindo para a organização de uma força militar suficientemente preparada para resistir, com êxito, às investidas das colunas de criminosos europeus e norte-americanos conhecidos como "mercenários". Durante as semanas seguintes, outros cubanos juntaram-se à equipe, embora nunca seu número tenha alcançado os milhares descritos fantasiosamente por alguns jornalistas. No momento mais importante da colaboração cubana, não chegaram a duzentos, na sua maioria instrutores de batalhões paramilitares.

A presença de Che no Congo explica-se pela posição intermediária adotada por Cuba no diferendo chinso-soviético, pelo menos na interpretação dos métodos revolucionários. Em 1965, os cubanos começaram a desenvolver a teoria de que se situavam junto à União Soviética quanto às relações entre Estados, e junto à China em tudo que dizia respeito à guerra popular. Essa intermediação era, em si mesma, sumamente difícil de se levar a cabo e, na prática, converteu-se num exercício perigoso de avançar e recuar. A posição espetacular de Cuba dentro do mundo socialista era, naturalmente, um grande instrumento de pressão sobre os russos, mas estes podiam devolver a mesma pressão multiplicada pela silenciosa via de suas contribuições econômicas.

Che passou menos de 9 meses no Congo e participou de vários combates, especialmente quando se tratava de enfrentar os bem equipados mercenários brancos. Perturbou-se profundamente com um rito tribal segundo o qual os triunfadores devoram o coração dos guerreiros inimigos mortos, ao fim do combate. O sentido desse rito é que o vencedor transvaza em seu próprio espírito a força do guerreiro morto, elevando, então, sua capacidade de luta.

Mas o espetáculo era, sem dúvida, extremamente violento para homens que, como Guevara, procedem de sociedades bem mais adiantadas.

Em fevereiro de 1966, Guevara envia, de Brazzaville, uma carta para sua filha mais velha, Hilda, que está completando dez anos. É a seguinte:

15 de fevereiro

"Hildita querida: Hoje te escrevo, embora a carta demore muito em chegar às tuas mãos; mas quero que saibas que me lembro de ti

e espero que estejas passando um aniversário muito feliz. Já és quase uma mulher e já não é possível escrever-te como às crianças, contando tolices e mentirinhas. Deves saber que estou e estarei durante muito tempo longe de ti, fazendo o que posso para lutar contra nossos inimigos. Não que seja muita coisa, mas alguma coisa estou fazendo e creio que poderás sempre te orgulhar de teu pai, assim como eu me orgulho de ti. Lembra-te que ainda faltam muitos anos de luta e mesmo quando fores mulher terás que fazer tua parte na luta. Enquanto isso, tens que preparar-te, ser muito revolucionária, o que, na tua idade, significa aprender muito, o mais que for possível, e estar sempre pronta para apoiar as causas justas. Além disso, obedecer à tua mãe e não te julgares capaz de tudo antes do tempo. O tempo chegará.. . Deves lutar para ser das melhores alunas na escola. Melhor em todos os sentidos; já sabes o que quero dizer: estudo e atitude revolucionária, isto é, boa conduta, seriedade, amor à revolução, companheirismo, etc. Eu não era assim quando tinha a tua idade, mas vivia numa sociedade diferente, onde o homem era inimigo do homem. Tens agora o privilégio de viver outra época e tens que ser digna dela. Não te esqueças de olhar pela casa, de vigiar os outros garotos e aconselhá-los a que estudem e se comportem bem, principalmente Aleidita, que te respeita muito como irmã mais velha. Bem, querida, mais uma vez, feliz aniversário. Dá um abraço em tua mamãe e em Gina e recebe um abraço bem apertado, que valha por todo esse tempo em que não nos vemos, de teu Papai" .

Embora a 15 de fevereiro Guevara pensasse que ficaria no Congo "muito tempo", seus dias ali estavam a ponto de terminar pouco depois.

A conclusão da missão de Guevara em Brazzaville foi, sem dúvida, conseqüência da tensão existente entre Moscou e Pequim e do modo pelo qual esta se refletia entre os comandos guerrilheiros do Congo. A política de mediação entre a URSS e a China atravessou um momento espetacular durante a Conferência de Havana, mais conhecida como Tricontinental, realizada em janeiro de 1966.

Os soviéticos procuraram aproximar-se, pelo menos nas fórmulas, às teses dos chineses sobre a luta armada. Fidel Castro

contrastou os apoios "verbais" com os apoios "concretos" recebidos pelos revolucionários, o que foi entendido pelas centenas de delegados como um apoio aos russos e uma censura aos chineses.

Os chineses deixaram Havana com sérias prevenções sobre a posição cubana, pois a delegação castrista incluiu o conceito de coexistência pacífica na redação da declaração final, que foi aprovada por maioria de votos, contra a minoria de aliados a Pequim. Este esfriamento aumentou ainda mais na primeira semana de fevereiro de 1966, quando Fidel denunciou publicamente a existência de uma conspiração chinesa com o fim de subverter o exército cubano. O governo cubano exemplificou, com estas palavras, a distribuição de material chinês anti-soviético entre os quadros do exército e os chineses bloquearam um embarque de arroz que haviam prometido a Cuba.

Esta crise nas relações entre Pequim e Havana repercutiu, em seguida, sobre a permanência de Guevara no Congo. É difícil estabelecer a ordem em que se produziram os acontecimentos, porque, virtualmente, nenhum daqueles, que o poderiam fazer, falou sobre o assunto. Existe uma opinião segundo a qual os chineses pediram a Soumialot e a Mulele, seus principais aliados no Congo, que convidassem os cubanos a abandonar a luta na África. Outra opinião, entretanto, sustenta que foram os soviéticos que recomendaram a Fidel que retirasse sua delegação militar do Congo. Estas hipóteses chegam a se combinar noutra explicação, segundo a qual Soumialot, na ocasião residente no Cairo, fez saber a Fidel que deveria ordenar a Guevara sair imediatamente de Brazzaville, pois, caso não o fizesse, ele mesmo denunciaria publicamente sua presença ali, causando um escândalo internacional.

Guevara negou-se, nos primeiros instantes, a deixar a África.

O emissário que lhe levou o comunicado de Fidel Castro foi o mesmo que levou para Havana a carta para sua filha Hilda.

Mas a pressão de Soumialot aumentou e, em fins de fevereiro, viajaram para o Cairo, e de lá para Brazzaville, dois homens de inteira confiança de Fidel Castro, amigos também de Guevara, e o comandante Drake, membro do exército.

Aragonés e Drake transmitiram a situação que se havia criado e a necessidade de cumprir as ordens de Havana, sem discutir, e de imediato. Mais uma vez, a sorte de Cuba estava em jogo. Em março de 1966, Guevara e seus colaboradores íntimos na Guerra de Guerrilhas abandonaram o território do Congo após quase nove meses de estada. Partiram secretamente tal como ali haviam chegado.

9. Paixão e Morte na Bolívia

A revolução nacionalista da Bolívia, que vimos nascer com Guevara em 1953, agonizava ao findar o ano de 1964. Assediada por dificuldades, rodeada por governos em geral hostis às suas experiências de reforma agrária e nacionalização mineira, períodos governamentais sucessivos suportaram cronicamente as ameaças dos inimigos políticos e o desgosto dos amigos proletários. A asfixia geográfica, a queda dos preços mundiais de seu único produto de exportação — o estanho —, o aviltamento incontido da moeda, arrastaram o regime reformista até a ruína.

No correr desse ano, que marcou o fim do regime nacionalista, registrou-se um fenômeno político notável, do qual ninguém retirou as devidas conclusões. No mês de maio, apareceram, na província de Santa Cruz, na região limítrofe com o Brasil, contingentes de guerrilheiros muito bem armados. Esta guerrilha atacava postos policiais e fronteiriços, incendiava plantações de cana e se deslocava com extraordinária habilidade numa região coberta por vegetação selvagem. Podia ser confundida com uma guerrilha à maneira castrista e, de fato, copiava todas as suas táticas, mas a guerrilha boliviana, em 1964, era formada por fazendeiros e aderentes de um pequeno e ativo partido fascista, a Falange Boliviana.

O organizador das guerrilhas era um proprietário agrícola, de origem alemã, que em sua fazenda chegou a reunir 80 homens com os quais desencadeou as ações. O efeito desta atividade guerrilheira foi, naturalmente, antes de tudo, político. Os jornais da Bolívia e do exterior ocuparam-se do assunto e o apresentaram como uma prova do descontentamento reinante no país. O exército, por sua parte, absteve-se de enfrentar os guerrilheiros, apesar de contar com um destacamento de especialistas na luta contra guerrilhas, treinados pela missão militar dos Estados Unidos. Mas estes rangers, naturalmente, não haviam sido preparados para lutar contra guerrilhas em geral, apenas contra guerrilhas revolucionárias em

particular. De maneira que uma "guerrilha" destinada a liquidar a reforma agrária não tinha o que temer dos rangers, e foi isso o que aconteceu na Bolívia.

As guerrilhas nos campos e a oposição nas cidades giravam sobre o mesmo eixo: os oficiais mais direitistas do exército. Este, ao término de um período de dissolução completa e de substituição pelas milícias operárias e camponesas, havia reaparecido. O dia em que os dois braços da tesoura exerceram pressão simultânea, o governo nacionalista caiu. Foi a 4 de novembro de 1964, menos de 6 meses após a aparição da estranha guerrilha fascista.

No dia seguinte, os guerrilheiros recuperavam seu verdadeiro rosto E, convertidos mais uma vez em soberbos latifundiários, tentaram apropriar-se das terras que haviam pertencido a seus avós ou a seus pais. Teve início então um duro governo militar, que fez da deportação, do confinamento na selva, da mobilização operária sob a bandeira dos grevistas, os processos normais do poder. Mas este governo, habitualmente brutal, foi de uma extrema cautela quanto ao regime de propriedade de terra. Os ex-guerrilheiros fascistas foram desencorajados através de meios diferentes, as leis reformistas conservaram sua vigência e o campesinato foi se sentindo pouco a pouco protegido pelo governo militar e, em conseqüência, com disposição para enfrentar de arma na mão os mineiros, a vanguarda da oposição.

A partir de novembro de 1964, o governo militar não fez outra coisa que dilatar suas bases de apoio entre os camponeses. O presidente, um dinâmico general de pára-quedistas, René Barrientos, nascido num povoado de pouca importância, falava, devido a isso, os dois idiomas dos indígenas do país, o *aymará* e o *quíchua*. Com estes elementos de comunicação e uma persuasiva tática de aproximação, unida à distribuição de maquinaria agrícola rudimentar, Barrientos podia dizer, em 1966, sem estar se jactando, que seu poder repousava não só no exército, mas também nos camponeses. Em março de 1966, Guevara regressou em silêncio a Cuba, após sua temporada no Congo. Voltou com a saúde mais abalada e com um amargo "triunfo", que só poderia ser capitalizado em sua consciência. Guevara estava convencido de que sua partida

do Congo era manobra da diplomacia soviética e que Moscou havia pactuado com Washington as linhas gerais da política africana. Nestas linhas, por certo, não sobrava lugar para o guerrilheiro Guevara e os russos assim informaram a Fidel Castro. De maneira que as piores suspeitas de Guevara, as que havia discutido longamente com Fidel ao fim de sua viagem em março de 1965, encontraram nova confirmação .

Foi então que Che decidiu voltar a seu velho sonho de levantar os povos da parte sul da América Latina, instalando-se na Bolívia, no norte argentino ou no sul do Peru.

A operação era, em essência, a mesma que seu amigo Masetti levava ao fracasso em 1964. Guevara estudou os informes sobre a Argentina, o Peru e a Bolívia. Em Buenos Aires continuava o governo do pacífico médico centrista Arturo Illía e, embora a situação começasse a carregar-se de ameaças, o clima não parecia propício para se repetir ali a tentativa de Masetti. No Peru, um governo civil não ditatorial, equilibrista, havia se mostrado ativo principalmente na repressão às guerrilhas, e os principais líderes insurretos estavam mortos ou na prisão.

Sobrava a Bolívia. O governo militar poderia se fragmentar em qualquer momento e a agitação reinava nas minas. Era esta, em síntese, a apreciação sobre o momento que haviam transmitido a Havana jovens agitadores de minúsculos agrupamentos esquerdistas, todos eles, com o partido comunista boliviano, combatidos numa guerra de morte. O mesmo PC coincidia em vários pontos da análise e Guevara deduziu que, se o PC recusava a ação violenta, apesar de manifestar identidade com os pontos examinados, isto deveria ser tomado como sendo mais uma prova de dependência, por parte da direção do partido, às instruções de Moscou.

O que ninguém aparentemente destacou foi o apoio dos camponeses ao governo militar, embora não fosse difícil mencioná-lo, uma vez que o recrutamento de guerrilheiros se fez dentro dos quadros mineiros rebeldes e entre os desempregados das cidades.

Neste caso, parece haver merecido precisa análise o problema das condições físicas, já que os mineiros, nascidos no altiplano ou

nos vales, iriam encontrar dificuldades insuperáveis ao descer à região tropical.

Em matéria de erros, Guevara teve um antecedente histórico no funesto equívoco de Lênin quando enviou o Exército Vermelho para combater na Polônia, em 1920. Lênin também contou com informes incompletos e otimistas; também ele foi seduzido pelos prognósticos dos exilados comunistas poloneses residentes em Moscou; também ele esqueceu que o povo polonês, ao qual queria ajudar a se libertar, possuía fortes ingredientes nacionalistas.

Lênin mobilizou centenas de agitadores contra Pilsudski, convenceu-se de que os camponeses e os trabalhadores poloneses se reuniriam ao Exército Vermelho e manteve em ação permanente o Segundo Congresso da Internacional Comunista, com a ideia de que poderia anunciar-lhes, de um dia para outro, o estabelecimento de um governo comunista em Varsóvia. Entretanto, os poloneses esmagaram a ofensiva de dois indubitáveis talentos militares — Tukhachevski e Budienni —, e quando os soviéticos acreditavam encontrar-se a um passo de Varsóvia, tiveram de retroceder desordenadamente até Minsk.

Ao lado de um bom número de diferenças importantes, a aventura de Lênin na Polônia é bastante parecida com a de Guevara na Bolívia. As duas operações revelam que não só a análise política foi feita um pouco levemente, como também a preparação militar padeceu de graves defeitos.

A organização da guerrilha na Bolívia foi realizada de completo acordo entre Che e Fidel Castro. Para Fidel, atizar os movimentos de libertação no continente era agora de necessidade evidente, principalmente porque a política de apaziguamento soviética estava, em contrário a todas as previsões, sufocando de verdade os movimentos guerrilheiros, a começar pelo mais poderoso de todos: o da Venezuela.

A independência política e econômica de Cuba voltava agora a se demonstrar em íntima conexão com o movimento de libertação latino-americano e, se este decaía, aquela se afastava. Esta interrelação foi, sem dúvida, o que levou os cubanos a se comprometerem resolutamente no próprio centro da América do Sul.

Houve pelo menos uma reunião plenária na qual todos os membros da expedição secreta discutiram os detalhes com Guevara e com Fidel Castro.

— Se chegarem a se adaptar ao meio, triunfarão — disse-lhes na ocasião Fidel —, que não desconhecia as difíceis condições sob as quais combateriam.

Lênin se arriscara à aventura polonesa para que a Alemanha capitalista tivesse, enfim, uma fronteira com o socialismo; sua obsessão era levar as fronteiras da Rússia ao centro da Europa.

Guevara e Fidel também buscavam uma fronteira latino-americana para Cuba, uma fronteira socialista mais próxima que os Urais.

O coração da guerrilha de Che era formado por 15 homens, na maioria veteranos da famosa coluna Ciro Redondo, que Guevara comandara durante a luta contra Batista e que travou a batalha decisiva de Santa Clara, em 1958. Pode-se dizer destes homens que estavam fundidos nos moldes humanos e militares forjados por Che e que, sem sombra de dúvida, o seguiriam até o inferno, se ele o julgasse conveniente.

O contingente se distribuiu em quatro grupos para chegar à Bolívia. Possuíam documentos falsos de identidade, emitidos, em dois casos, pelas autoridades do Uruguai, em seis pelas do Panamá, em sete pelas do Equador e em dois pelas da Colômbia. A diferença entre o número de pessoas e o de passaportes explica-se, porque alguns utilizaram mais de um documento, ou tinham outro preparado para casos de emergência.

Seis pelo menos ostentavam o posto de comandante do exército cubano e, em vários casos, também cargos de importância política. Juan Acufia Núñez, por exemplo, era membro do comitê central do partido comunista cubano e foi um dos primeiros camponeses a se unir a Fidel, na guerrilha revolucionária. Orlando Pantoja Tamayo havia trabalhado como ajudante do comandante Ramiro Valdés quando este dirigia a G 2, polícia política, antes de ocupar o cargo de Ministro do Interior. Eliseo Reyes Rodriguez era uma das glórias autênticas da guerrilha cubana, à qual se havia incorporado aos 16

anos de idade e onde alcançou o posto de capitão durante a famosa marcha entre Sierra Maestra e Las Villas.

Em 1959, Reyes Rodriguez, a quem chamavam de San Luís, por ter nascido nessa povoação do oriente de Cuba, tinha uma cabeleira encaracolada e carecia de barba; em 1966 pertencia também ao comitê central do partido comunista da ilha. Outro comandante era Gustavo Machín, que durante um período trabalhara no Ministério de Indústrias como vice-ministro. Também havia pertencido ao aparelho administrativo o comandante Alberto Sánchez, que chegou a ocupar a direção das Minas, por ordem de Che, e Jesus Suárez Cayol.

O Comandante Pantoja Tamayo e mais dois homens chegaram à Bolívia vindos do Peru, onde aquele estivera em 1963, quando as guerrilhas camponesas de Hugo Blanco atuavam no vale de Cuzco. Naquela ocasião, sua missão fora comprovar in loco a verdadeira magnitude daquela guerrilha, sistematicamente desestimada pelos comunistas peruanos que atribuíam — o que era exato — ideologia trotskista ao seu chefe. A missão de Pantoja, agora, era averiguar o que sobrara daquelas forças e que colaboração poderia obter de seus sobreviventes. Em fins de agosto de 1966, Pantoja e três companheiros chegaram a Cochabamba, por meios normais de transporte.

Na segunda semana de setembro, Che entrou na Bolívia, com outro companheiro. Deixara Havana em vôo regular da Ibéria, a companhia espanhola de navegação aérea, fez escala em Madri e, de lá, seguiu para São Paulo, Brasil. Prosseguiu viagem de ônibus até Corumbá, onde atravessou Puerto Suárez, em território boliviano, continuando em seguida para a cidade de Cochabamba.

Ali, na "cidade-jardim", a segunda em importância do país, e centro de sua mais rica zona agrícola, teve, alguns dias mais tarde, uma entrevista com Jorge Kolle Cueto, membro do secretariado do partido comunista da Bolívia. Kolle limitou-se a tomar conhecimento oficialmente de sua presença na Bolívia e também forneceu-lhe um panorama geral da situação, especialmente no terreno militar, que, por motivos de família, conhecia, pois seu irmão era coronel e membro do estado-maior. Apesar da insistência de Che, Kolle não pôde prometer nenhuma forma concreta de colaboração, já que esta

só poderia ser decidida pelo comitê central do partido. A resposta, disse, não tardará. E despediu-se bastante sobressaltado, porque, se não tivesse visto com seus próprios olhos, continuaria duvidando que Che estava na Bolívia.

Em outubro, mais cinco homens penetram na Bolívia vindos de Arica, no Chile. Cruzaram a salina de Uyuni, conheceram as peripécias do trem de cremalheiras, que se aferra às ladeiras das montanhas, e sofreram a angustiosa sensação de subir da planície até três mil metros de altura, para descer outra vez aos vales.

Em dezembro, finalmente, chegam os quatro últimos. Fizeram uma longa viagem, desde Havana até Leningrado, de Moscou a Praga e de Praga a Buenos Aires. Este grupo está sob as ordens de um médico, Carlos Luna Martínez, a quem seus companheiros chamam de Ugamba. Eles também começam logo o duro aprendizado das alturas e dos vales e, ao chegar a La Paz, um deles desmaia em plena rua.

Enquanto isso, uma rede de bolivianos apressava-se em lançar as bases da ação guerrilheira. Entre outubro e dezembro de 1966, um jovem comunista de 28 anos, Roberto Peredo, percorre a zona vizinha à população de Camiri, onde está situado um dos maiores campos de petróleo do país. Peredo trabalha como motorista de táxi, mas é um organizador experimentado, que já viajou duas vezes para Cuba, onde contribuiu para o desenvolvimento dos planos que agora se estão materializando. Mantém conversas com pessoas a quem conheceu, ou para as quais leva apresentações, e que vivem em Camiri, em Choreti, Lagunillas, El Pincal e Nancahuazú. Explica-lhes que pretende comprar uma fazenda para dedicar-se à exploração do gado e, por fim, adquire uma extensão considerável, em Nancahuazú, onde começa a dirigir trabalhos agropecuários, especialmente a plantação do amendoim. A fazenda tem grandes possibilidades de alimentar, com sua própria produção, um elevado número de pessoas, mas o acampamento guerrilheiro se estabelece distante dela, para não despertar suspeitas, e os homens deslizam durante a noite, sem chamar atenção.

A casa tem um teto metálico de chapas de zinco onduladas, para que corra a água, sendo chamada, nos arredores, de *calamina*.

É uma denominação genérica para os tetos deste tipo, que adquirem, nesta região, onde são escassos, um significado específico. Na *casa de calamina* fermenta a conspiração guerrilheira.

Peredo viaja em seu automóvel, com taxímetro, todos os dias até Camiri, a cidade petroleira onde o movimento comercial é intenso. Compra alimentos, roupas e medicamentos, à medida que o contingente aumenta de número e crescem suas necessidades.

Outros estão recrutando combatentes nos meios mineiros, onde se acumula há algum tempo um rancor impotente contra o governo militar que cercou, como um campo de concentração, as zonas de trabalho e não perde ocasião de encarcerar e deportar chefes sindicais. A notícia corre veladamente, de boca a orelha, nos obscuros subterrâneos de onde se extrai o mineral. As populações mineiras começam a sentir que o perigo, como uma corrente elétrica, percorre as choças miseráveis, desliza nos diálogos breves dos homens e se reflete nos olhos das mulheres.

O governo militar não deve inteirar-se desses movimentos.

Recebe algumas informações, incompletas, embora reveladoras de que se trama algo importante. Parece que as primeiras notícias chegadas ao conhecimento do governo referem-se a uma violenta polêmica que começou a surgir entre os comunistas das minas, renovando a contenda, que se considerava momentaneamente terminada, entre os partidários de Pequim e os de Moscou. Mas a discussão tem agora uma energia renovada. O governo suspeita que não se trata mais de uma questão teórica, mas de algo bem mais concreto e que a controvérsia sobre a via revolucionária pacífica ou violenta recomeçou, porque alguém a propõe para este país, neste exato momento.

O governo leva suas preocupações a extremos. Em novembro, consegue saber que Guevara passou realmente por território boliviano dois meses antes e conclui uma excursão de reconhecimento pelo sul, onde manteve conferências políticas com os responsáveis pelas cidades. Em todos os círculos de esquerda sente-se que há algo. A causa prende-se ao fato de que Guevara não evita a discussão com qualquer setor, ainda que pertença à linha

chinesa, ou, o que é pior, que mantenha laços antigos com as ideias de Trotsky.

Para o partido comunista boliviano, apresenta-se uma grave alternativa. Não pode recusar as conseqüências da análise da situação, começando pela luta armada. Mas, ao fazê-lo, contraria expressamente a estratégia soviética, e, se não o fizer, Guevara acabará por se apoiar exclusivamente nos odiados pró-chineses e nos ainda piores trotskistas. Por um momento, o comitê central vacila, sem saber que caminho escolher. Muitos membros da direção temem que, numa mistura de tendências tão divididas por velhos conflitos, os comunistas ortodoxos possam talvez chegar a encontrar-se em minoria. Neste caso, teriam contrariado as instruções de Moscou, e, além disso, perdido o trem das guerrilhas. Dois perigos, juntos, quase mortais.

Nos primeiros dias de dezembro de 1966, Mário Monje, secretário geral do partido comunista boliviano, viajou para Havana a fim de discutir a questão pessoalmente com Fidel. O chefe cubano encontra-se numa posição incômoda, pois não pode ignorar os acordos existentes entre os partidos comunistas latino-americanos e Moscou, e, ao mesmo tempo, tem que conquistar o apoio dos comunistas bolivianos para seu amigo Guevara. O que, em realidade, resulta do pedido de Fidel Castro a Monje é que aceite passar, de fato, a direção política no continente de Moscou para Havana.

Monje regressa com um quadro mais claro e, na noite do ano novo de 1967, faz-se levar ao acampamento de Nanchahuazú, onde tem uma entrevista prolongada e pouco cordial com Che. Guevara já percebera diversas mostras de isolamento por parte dos comunistas bolivianos. Seus agitadores nas minas não foram ouvidos e, em outros casos, homens que pareciam resolvidos a incorporar-se ao acampamento desistiram na última hora.

— O partido não pode comprometer-se oficialmente com a guerrilha, diz-lhe Monje, mas pode fazê-lo de outro modo. Por exemplo, se eu primeiro renunciar a meu cargo. Neste caso, eu seguiria na guerrilha uma linha paralela à do partido, sem estar dentro dele.

A ideia não parece má a Guevara e, além do mais, já fora tentada antes em outros lugares. Mas as exigências de Monje vão crescendo.

— Eu deveria supervisionar — acrescenta — as negociações com outros grupos políticos. Seria penoso que se introduzissem aventureiros ou provocadores, não acha?

Guevara gosta menos desta parte. Está certo que Monje pretenda alijar da guerrilha os pró-chineses, os expulsos do PC e os trotskistas, e este temperamento entra em choque com seu amplo conceito de guerra popular. Continua, entretanto, escutando atentamente a proposta de Monje.

— Por fim — termina Monje —, enquanto as operações tiverem lugar em território boliviano, o chefe militar e político serei eu.

— De modo nenhum — é a resposta categórica. O chefe sou eu.

Na madrugada seguinte, Guevara consegue ouvir uma retransmissão do discurso de Fidel Castro em Havana. Fidel ignora a sorte das negociações com Monje, mas, falando à multidão reunida para celebrar o oitavo aniversário do triunfo da revolução, exclama: — E nossa mensagem especial e cálida, porque nasce do mais íntimo, desse carinho nascido ao calor de nossas lutas; nossa mensagem, em qualquer lugar do mundo onde se encontre, ao comandante Ernesto Guevara e seus companheiros.

No acampamento de Nancahuazú faz-se um profundo silêncio. Há, ainda, outro parágrafo para eles: — Os imperialistas têm matado Che muitas vezes, em muitos lugares, mas o que nós esperamos é que qualquer dia, onde menos o imperialismo o imagine, como a Ave Fênix, renasça de suas cinzas, aguerrido, guerrilheiro e saudável, o comandante Ernesto Guevara, e que algum dia voltaremos a ter notícias bem concretas de Che.

Nessa noite, os guerrilheiros vão dormir cheios de esperanças. Não estão sós. Triunfaram.

Nesses dias começam a chegar voluntários. Foram recrutados nas minas de estanho e um grupo vem com seus dirigentes à frente. Moisés Guevara é o líder sindical da mina de San José, no distrito mineiro de Oruro. Tem trinta anos, quatro filhos pequenos e trabalha

em mecânica. Guevara chegou ao acampamento guerrilheiro no dia 19 de janeiro de 1967, onde se apresentou ao outro Guevara, o Che.

Um mês depois, mais oito homens, camaradas do mineiro Guevara, juntaram-se à guerrilha; entre estes, chega o mineiro Simón Cuba, a quem tocará um papel preponderante nos fatos que ainda virão.

As negociações prosseguem em Havana, para onde agora viajam dois dirigentes do PC boliviano, o mesmo Jorge Kolle, que já se entrevistara uma vez com Che, e Simón Reyes. Reyes é um mineiro de 35 anos, secretário da Federação Sindical de Trabalhadores Mineiros, que se encontra no próprio centro da agitação nas minas, mas que se nega a associar-se com as guerrilhas, pois teme a repercussão de um fato: está certo de que o governo militar atribuirá direção estrangeira aos mineiros, assim que se descobrir que Che encabeça a guerrilha. Neste caso, diz Reyes, o prejuízo será bem maior que o benefício. Os dois travam com Fidel a última conversa oficial, relacionada à posição do PC diante da guerrilha, e frisam o mesmo problema: a guerrilha de Nancahuazú é um ímã para todos os heterodoxos da esquerda boliviana e assumiu uma forma perigosa para o comunismo oficial. Embora não o digam diretamente, Fidel tira a conclusão de que Guevara não poderá contar com a organização do PC, nem com suas redes de abastecimento e comunicação, e muito menos com seus quadros. Tanto ele como Guevara têm uma péssima impressão do PC boliviano, mas agora resulta que, apesar de sua escassa combatividade e de seus pobres quadros proletários, ele assume uma importância particular para impedir o isolamento da guerrilha.

A zona de operações continuava tranqüila. Se alguém contemplar um mapa da província de Santa Cruz, não o estranhará.

Há um quadrilátero totalmente desabitado, cujos limites ocidentais são as cidades de Camiri e Santa Cruz, no oriente Porto Suárez e, ao norte, Concepción e San Ignacio. Não há centros povoados nos mapas e isto é uma omissão dos cartógrafos. Realmente, a população é quase nula em toda a região. Compreender-se-á melhor se compararmos a extensão desta única província da Bolívia com outros países. Sua superfície é igual à da

Grã-Bretanha, Bélgica e Cuba reunidas, mas ali vivem apenas 340 mil habitantes, de maneira que a densidade demográfica é inferior a uma pessoa por quilômetro quadrado.

A fazenda de Nanchahuazú está ilhada no meio deste vasto deserto selvagem. A estrada passa por uma povoação insignificante, Lagunillas, onde vivem seiscentas pessoas, o que, para os habitantes locais, impressiona como cidade. De Lagunillas sai um caminho que se percorre em menos de uma hora de jeep. A partir daí, abrem-se vários sendeiros de trânsito difícil e o terreno torna-se acidentado. Há quebradas, o bosque é cerrado e a vegetação espessa. As trepadeiras tornam impenetrável toda a região, a tal ponto que a dois metros de distância é impossível descobrir um homem ou um animal colado ao solo. Um precipício margeia o rio Nanchahuazú, que atravessa a fazenda onde Che tem seu quartel-general. O rio possui uma estreita praia que se interrompe em alguns trechos e força o retorno à selva, galgando os alcantis. Há nuvens de mosquitos vorazes, chamados na região de *mariguies*. Mas o pior inimigo do homem — soldado ou guerrilheiro, camponês ou explorador — é a vegetação, densa, dura, espinhosa. Nos matagais abundam os cipós e as trepadeiras, e umas plantas espinhosas, da família do cacto, que possuem enormes folhas de borda dentada como um serrote. As carnes e as roupas prendem-se nestas plantas, a espaços, dolorosamente rasgadas.

Neste território hostil, os acidentes são rotina. No dia 26 de fevereiro, um mineiro boliviano, que faz parte da força guerrilheira, tropeça à beira de um barranco, cai e morre. Logo outros, afogados ao cair num rio de correntes rápidas ou feridos pelas pancadas ao perder o equilíbrio, lá de cima, contra a superfície pedregosa.

A vida no acampamento é penosa, mas não falta trabalho, enquanto não chega a hora de lutar. Um grupo de guerrilheiros estuda sistematicamente o *quíchua*, idioma dos índios das regiões vizinhas, falado também por muitos camponeses. Fazem deveres nos cadernos e aprendem a conjugar os verbos e a construir frases completas; esperam, assim, comunicar-se com o campesinato local. Mas, após vários meses, este conjunto de homens já consumiu quase todas as suas provisões de alimentos. A noite do Ano Novo,

quando ouviram Fidel Castro discursar em Havana, passou para a história das boas lembranças. Naquela noite comeram leitão, turrón espanhol, cerveja e cidra.

Em fevereiro não sobra quase nada para comer e o responsável econômico pelas guerrilhas, que mora em La Paz, não dá sinais de vida. Pouco depois, Guevara descobrirá que esse responsável, eleito pela confiança que inspirava, acaba de defraudá-los no momento crítico, levando consigo um quarto de milhão de dólares que havia recebido para efetuar as compras e mandá-las a Nancahuazú.

Os guerrilheiros caçam. Agarram macacos, que comem assados, em meio a pilhérias, e pombos selvagens. Dividiram-se em dois grupos, para melhor reconhecer a região, mas em ambos faltam alimentos e começam a surgir indícios funestos. Há duas deserções, algumas armas perdidas e sinais de desânimo.

Ao finalizar o mês de fevereiro de 1967, um grupo de cinco homens, entre os quais pelo menos dois são cubanos, faz um contato esporádico com os camponeses. São recebidos com desconfiança, parecem-lhes estrangeiros e estão historicamente acostumados a esperar sempre o pior dos estrangeiros. Indicam-lhes o local do Rio Grande e, assim que se separam, encontram um jeito de se comunicar com o exército. Os mesmos cinco guerrilheiros voltam a ser vistos por outros camponeses. Desta vez acabam de passar a nado o Rio Grande e um deles teve suas notas bolivianas e seus dólares molhados. De um cinturão largo, com bolsos amplos, de onde a água goteja, o guerrilheiro tirou as notas, uma por uma, estendendo-as pacientemente para secar ao sol. O pequeno contingente realizou uma missão de reconhecimento, repleta de penúrias, e mais de uma vez seus homens se alimentaram com algum peixe morto, encontrado à beira de um rio. A marcha foi lenta e muitas vezes cobriram apenas quatro quilômetros por dia, a mais baixa cota que podiam estabelecer em vista da escabrosidade do terreno.

O exército foi advertido de que pessoas com uniforme militar, na maioria barbudos, vagam pela região ao norte de Camiri. Envia exploradores, mas a tarefa é tão difícil para os militares como para

os guerrilheiros. A aerofotografia fracassa lamentavelmente, pois a visibilidade é de apenas vinte por cento do terreno.

A 16 de março, dois mineiros do grupo de Moisés Guevara desertaram, cansados de privações e desiludidos pela falta de batalhas verdadeiras. Três dias mais tarde, uma patrulha localiza um depósito de valor indubitável para o esclarecimento do que está se passando. Os desertores deram a pista. Ali, em seis maletas grandes e várias outras de pequeno formato, encontram-se roupas civis para não menos de dez pessoas. Algumas trazem etiquetas onde se lê: Casa Albion, Havana.

Para o exército, este encontro foi de singular importância, havia, então, um grande número de cubanos na selva boliviana.

Por que não estaria entre eles o próprio Che Guevara? Todo o dispositivo de segurança do hemisfério se abalou com a notícia, e o coronel Kolle Cueto — irmão do chefe do PC e chefe do estado-maior da aviação — partiu para Buenos Aires e Rio de Janeiro, pedindo uma ajuda proporcional à magnitude dos personagens que operavam em seu país.

O exército se põe em pé de guerra e começa a patrulhar erraticamente a solitária região. Assim, seus homens foram surpreendidos, e se surpreenderam, quando se viram quase que cara a cara com uma patrulha avançada dos guerrilheiros chefiada pelo comandante cubano Antônio Díaz. Este não tinha ordem para travar combate, e o evitou, mas escolheu a perigosa tática de retrair-se para o quartel-general de Nancahuazú. Deste modo, o exército ali chegaria, bastando seguir os rastros. Uma questão de tempo.

Che recebeu com desgosto a explicação de Sánchez. Discutira e, por fim, destituiu-o de seu posto, rebaixando-o a soldado raso.

E decidiu travar batalha imediatamente, já que não podia dissimular a presença de insurgentes.

A 23 de março a guerrilha obteve sua maior vitória. O exército teve sete homens mortos, quatro feridos e nove prisioneiros, que, pouco depois, foram devolvidos. Os feridos militares voltaram com os olhos vendados, com os primeiros curativos. Nas mãos dos

guerrilheiros ficaram seis fuzis Mauser, três metralhadoras e boa quantidade de munição.

Devido a este choque, produziu-se uma nova situação na complexa trama dos apoios políticos à guerrilha. Entre os prisioneiros, que permaneceram em poder dos guerrilheiros um dia inteiro, havia dois oficiais. Foram libertados, mas sem seus uniformes, nem suas armas. Consternados com a humilhação, engrandeceram a potência da guerrilha que os havia surpreendido, resguardando-se dessa forma. Baseado nas suas declarações, o exército acreditou, durante certo tempo, que a força guerrilheira era em número superior a 500 homens.

O combate, em todo caso, provara que os rebeldes constituíam um contingente bastante eficaz e bem armado. As declarações dos oficiais foram acreditadas, primeiro pelo exército, que deveria dissimular sua derrota, e em seguida pelo comitê central do PC.

O comitê convocou uma reunião de urgência e, no último dia de março, emitiu uma declaração de solidariedade com o movimento guerrilheiro. Curiosamente, levava as assinaturas de Monje e Kolle Cueto, que não haviam conseguido chegar a um acordo com Che, nem com Fidel, sobre as condições em que deveriam dar seu apoio.

Esta mostra de inusitada capacidade combativa deu-lhes pressa também em proteger politicamente sua retirada. Mas nenhuma colaboração efetiva partiu das cidades com destino à fazenda Nanchahuazú.

No dia seguinte ao encontro de Nanchahuazú, a aviação metralhou o setor guerrilheiro com bastante aproximação. O exército inicia uma vasta operação de cerco e as radioemissoras de La Paz asseguram que os guerrilheiros passam de 700. Concentram-se na região uns dois mil soldados e começam a se mover os helicópteros e os "boinas verdes" norte-americanos. Agentes do CIA chegam.

No acampamento, separado do quartel-general de Che, existe agora um clima adverso. O que mais contribui para isso é a progressiva extinção dos alimentos e a virtual cessação de informação do exterior, com exceção das transmissões de rádio, em sua maioria bolivianas e, conseqüentemente, pouco dignas de confiança.

Che começa a comprovar a importância de uma "fronteira de apoio"

que, no caso da guerra popular chinesa, foi a fronteira soviética, no Vietnã a da China, em Cuba, a dos Estados Unidos e de Costa Rica. Na Bolívia, ao contrário, as fronteiras apoiam unanimemente o governo contra as guerrilhas, e os exércitos da Argentina, Brasil e Peru formam uma linha compacta sobre os limites fronteiriços.

Impossível pensar que através destas rigorosas linhas militares poderia infiltrar-se alguma contribuição decisiva; por exemplo, um dos aviões carregados de armas que Castro conseguiu receber em Sierra Maestra.

Che adverte que a situação não poderá virar a favor de seus homens, a não ser que se produza uma modificação fundamental na temperatura política das cidades. Mas isto é tarefa que requer a participação de uma organização política, e Guevara não a tem.

Durante alguns dias, após o PC anunciar sua adesão à guerrilha, Guevara espera a chegada de novos emissários comunistas. Mas, em seguida, se dá conta de que o apoio não passará de uma simples declaração, pois no fundo a oposição do PC à sua guerrilha continua inalterada. Poderia ter buscado a colaboração do partido majoritário, o MNR, mas desconfia de seus chefes e estes, por sua vez, não desejam ser confundidos com uma insurreição comunista. Conservam numerosas e importantes ligações com os militares e não querem romper seus próprios vínculos com certos fatores poderosos dos Estados Unidos. Tudo isto iria por água abaixo se o MNR admitisse como líder militar nada mais nada menos que Che Guevara.

O bloqueio militar, então, reforça o bloqueio político. Guevara se vê prejudicado pela sua inflexibilidade, que não lhe permite buscar, como Fidel Castro em 1958, aliança com os partidos oposicionistas, a fim de quebrar o cerco político e impedir que seja por ele sufocado. Fidel havia subscrito com os partidos burgueses de Cuba o Pacto de Caracas, no qual desfigurava por completo as intenções radicais de seu movimento, tornando-as passáveis e até dignas de elogio para os políticos profissionais. Esta manobra permitiu-lhe depois negociar com os mesmos chefes militares que defendiam

Batista, abrandados pelos políticos, aos quais a assinatura do pacto, por sua vez, tranqüilizou. Em mais de uma ocasião, Guevara me dissera que o talento político de Fidel era extraordinário e, agora, ele mesmo encontrava uma nova prova. Fidel não teria ficado preso a posição tão difícil e teria encarado qualquer negociação, por mais contraditória que parecesse no momento, para resgatar seus homens do isolamento político e da impotência militar. Numa situação como esta, Fidel teria aceitado entregar o comando ao comunista Monje se, em troca, toda a máquina do partido se comprometesse no assunto. Mas Guevara não agiu assim.

O presidente boliviano, general Barrientos, afasta, por um momento, a ideia de que Che possa encontrar-se no seu país, apesar da insistência de alguns chefes militares. As rádios difundem suas declarações. "Este cavaleiro está morto, assim como seu amigo Camilo Cienfuegos", afirma. Mas o comandante-chefe do exército persiste na suspeita. "Os guerrilheiros não querem abandonar sua região atual, pois ali há gente muito importante, talvez líderes estrangeiros, aos quais devem proteger", diz ele. E, por via das dúvidas, reforça as tropas que, agora, chegam a três mil homens.

Nos primeiros dias de abril de 1967 Che recebe outra má notícia. O ex-presidente Paz Estensoro, derrubado por militares, e agora residindo em Lima, declara que as guerrilhas são comunistas e, por conseguinte, o povo não as apoiará, porque é, antes de tudo, eminentemente nacionalista. Deste modo, a recusa de Guevara em dialogar com o mais importante partido popular do país leva os seus líderes a enfrentar-se publicamente com sua guerrilha. O isolamento político aumenta ainda mais, pois os principais quadros politizados do país pertencem ao PC e ao MNR, e agora ambos deixam a guerrilha entregue à sua própria sorte.

A 10 de abril a coluna guerrilheira volta a se chocar com o exército, bem próximo a Nanchahuazú, num lugar chamado Iripití.

No combate morrem doze soldados, sete são feridos e doze ficam prisioneiros, entre eles um oficial. Os guerrilheiros também têm algumas baixas, mas recebem uma valiosa recompensa: capturam 35 armas, algumas de excelente qualidade.

Após este combate, Che toma a determinação de fazer sair do acampamento dois amigos que se incorporaram sob condições especiais. Um deles é o professor Regis Debray, amigo íntimo de Fidel e que chegara à Bolívia, vindo de Havana, através de um vôo indireto. Sua presença aqui tem um significado principalmente propagandístico, já que se espera que ele difundirá, através da imprensa europeia, a existência de uma guerrilha boliviana e, no dia escolhido, também o fato espetacular de que seu líder é Che Guevara. Debray está em Nancahuazú desde 6 de março, tendo chegado em companhia de outro homem, o argentino Ciro Bustos.

Ciro fora convocado para uma importante reunião política, à qual compareceria Che, mas não foi informado de que, na realidade, o caso era o estalar da própria guerrilha. É solidário com as ideias de Guevara em geral, mas está em particular desacordo quanto à preparação de tudo e com o momento escolhido. Leva isso ao conhecimento de Che e, como o respeita e admira, a discussão torna-se difícil; mantém com firmeza sua crítica ao projeto. Guevara termina reconhecendo que suas duas objeções básicas — falta de informação sobre a situação circundante e carência de abastecimento regular — são válidas.

O estreito *cañón* do rio Nancahuazú está cercado pelas forças do exército. Guevara não encontra a maneira pela qual Debray e Bustos possam romper o cerco. Finalmente, deixa-os sair numa direção que lhe parece segura. Mas não o foi. A 20 de abril uma patrulha militar detém os dois que, incidentalmente, se haviam unido a um fotógrafo inglês, George Andrew Roth, que, com passe de trânsito livre dado por um chefe militar, tenta realizar uma reportagem com os guerrilheiros. Mas não têm sorte e caem nas mãos do exército quando caminham através de um pequeno povoado, Muyupampa.

Foi uma imprudência e Che a lamenta. Seus dois correios mais diretos com o exterior — talvez os únicos por muito tempo ainda, do jeito em que as coisas vão — estão agora nas mãos do exército.

Pouco antes conseguira enviar a Havana uma "Mensagem aos Povos do Mundo", tornada pública no dia 16 de abril por intermédio da Organização de Solidariedade dos Povos da África, Ásia e América

Latina. Junto a esta declaração são entregues seis fotos de Che, duas em roupas civis e quatro com uniforme de guerrilheiro, tomadas, sem dúvida, na selva da América do Sul, embora não se diga onde. Trata-se da famosa recomendação aos revolucionários do mundo inteiro para empunhar armas e "criar um, dois, três, muitos Vietnãs", uma análise trágica da conjuntura internacional, onde põe em dúvida todas as bases sobre as quais se assenta a precária paz mundial.

Há também uma alusão transparente à solidão em que se encontra e que exemplifica valendo-se do Vietnã: "A solidariedade do mundo progressista com o povo do Vietnã assemelha-se à amarga ironia que significava para os gladiadores do circo romano o estímulo da plebe. Não se trata de desejar êxito ao agredido, mas sim de correr sua mesma sorte; acompanhá-lo à morte ou à vitória."

É uma violenta alusão anti-soviética, embora a URSS não seja mencionada e, de certo modo, também um ataque aos chineses. Diante da "solidão vietnamita", Che confessa sua "angústia".

Sem dúvida que pensa também na própria solidão.

Os encontros agora são mais freqüentes, pois a rastrillada, uma operação de limpeza, metro por metro, começa a reduzir a área onde se movimenta a guerrilha.

Em El Mesón, um lugar situado ao sul do Monte Dourado, nas rampas exteriores da cordilheira de Nancahuazú, a guerrilha volta a surpreender uma patrulha militar e inflige-lhe duas baixas.

Matam também um cão da polícia treinado pelos norte-americanos para a luta na selva.

Duas semanas mais tarde, os guerrilheiros dão um golpe de mão em Taperilla, onde matam dois homens e, quase em seguida, atacam outra vez e aniquilam três militares, um deles oficial, ferindo vários outros.

É nesses dias que Guevara e o líder boliviano, Roberto Peredo, destinam algum tempo para redigir um documento que é a primeira proclamação da guerrilha. Este documento cria, assim, o Exército de Libertação Nacional da Bolívia, cujas fileiras, dizem, estão abertas para homens de todas as procedências partidárias.

O texto do documento, escrito presumivelmente em meados de maio, apesar de datado de abril, é o seguinte:

"O Exército de Libertação Nacional ao povo boliviano:

"Longa é a história de penúrias e sofrimentos que suportou e ainda suporta o nosso povo. Há cem anos que correm ininterruptamente torrentes de sangue. Milhares de mães, esposas, filhos e irmãs verteram rios de lágrimas. Milhares são os patriotas heróicos cujas vidas têm sido ceifadas. "Nós, filhos desta terra, temos vivido como estranhos; qualquer imperialista ianque tem mais direitos no território nacional, que ele chama suas `concessões'. Ele pode destruir, arrasar ou incendiar casas, plantações e bens de bolivianos. Nossas terras não nos pertencem, nossas riquezas naturais têm servido e servem para enriquecer estranhos e nos deixar apenas vazios, socavões e profundas cavernas nos pulmões dos bolivianos; não há escola para nossos filhos, não existem hospitais; nossas condições de vida são miseráveis; os soldos e salários de fome; milhares de homens, mulheres e crianças morrem de inanição todos os anos; a miséria em que vive e trabalha o homem do campo é pavorosa. Em outras palavras, vivemos em condições de escravos com os nossos direitos e conquistas negados e pisoteados à força. "Diante dos olhos espantados do mundo inteiro, em maio de 1965 os salários são diminuídos, trabalhadores despedidos, confinados, desterrados, massacrados e os acampamentos, com mulheres e crianças, bombardeados e saqueados. "Embora seja este o quadro em que vivemos, nosso povo foi e é um povo que luta, que jamais se deixa dobrar. "Quantos heróis ao lado dos mineiros, camponeses, operários, professores, profissionais e essa nossa gloriosa juventude, os estudantes, escreveram com seu sangue as mais gloriosas páginas de nossa história! Aí estão, diante de nós e do mundo, as figuras lendárias de Padilla, Lamza, Méndez, Sudanes, Narvelo, Murillo, Tupacamará, Warners, Arze, e, também, as inigualáveis heroínas de Coronilla, Juana Azurduy de Padilla, Bartolina Sisa, cujo glorioso exemplo conserva e está disposto a seguir o nosso povo heróico. "Se é verdade que as velhas gerações travaram uma cruenta luta de quinze anos para construir uma pátria livre e soberana, expulsando

de nosso solo o dominador estrangeiro, não tardou muito que novas potências capitalistas fincassem suas garras na pátria construída por Bolívar e Sucre. Milhares e milhares são os camponeses brutalmente assassinados desde a fundação da república até nossos dias; milhares de mineiros e operários cujos pedidos foram respondidos com a metralha. Milhares também são os "valentes" coronéis que ganharam suas promoções e patentes nesta batalha desigual, metralhando e bombardeando o povo indefeso que, uma e outra vez, se levanta armado tão só dessa muralha que não se curva, que não se humilha. "Continuam frescas em nossa memória as lembranças dos massacres, crimes e vexames aos quais foi submetido o povo boliviano. Senhores esbirros, generais e imperialistas ianques, tendes as garras e as fauces sujas de sangue boliviano e hoje soou a hora de vosso fim, dos charcos de sangue que fizestes correr em caudal, das cinzas desses milhares de patriotas que haveis assassinado, perseguido, confinado e desterrado. Hoje se levanta o Exército de Libertação Nacional. Homens do campo e das cidades, das minas e das fábricas, dos colégios e das universidades, valorosos, empunham um fuzil. "Anuncia também, assassinos, que é chegado o vosso fim e acorda o povo boliviano, que reclama surda e indomavelmente, nas montanhas e nos vales, nas selvas e no altiplano, a voz da justiça, do bem-estar e da liberdade. "Senhores generais, hoje, quando recebestes os primeiros golpes, clamais por vossas mães e vossos filhos; nós também sentimos por eles. Mas, acreditais, por acaso, que aqueles milhares de camponeses, trabalhadores, professores e estudantes não tinham filhos, mães e esposas? Aqueles a quem assassinastes sem misericórdia nas ruas das cidades, em Catavi, Cerdas, em Villa Vitoria, em Al Alto, em La Paz, em Milluni, na Século XX? "Diante do vigoroso início de nossa luta, treme cheia de pavor a camarilha governante e seu amo, o imperialismo ianque; agitam-se como feras encurraladas, redobra a perseguição, veem-se impelidos a cometer crimes ainda maiores, a violar sua constituição pseudodemocrática, que eles próprios juraram respeitar. Sua história anti-guerrilheira leva-os a marginalizar partidos políticos de esquerda, como se um decreto pudesse matar uma ideia. Perseguem,

encarceram e assassinam ("suicidam") cidadãos livres, acusando-os de guerrilheiros; inventam calúnias e tecem sua propaganda com base em mentiras tão ridículas que o povo as despreza. Esta e todas as tentativas que façam para afogar o movimento guerrilheiro será em vão, assim como tudo quanto façam para se manterem no poder. Seu fim como camarilha governante chegou. "Sentimos que nesta luta, que é necessária para liquidar o latrocínio, o abuso, a injustiça, o crime e as prebendas de que gozam alguns, para construir uma nova sociedade sem classes onde impere a justiça social com deveres e direitos iguais para todos, onde as riquezas naturais sejam exploradas pelo povo e em benefício do povo, muitas vidas hoje úteis ao país serão perdidas, tanto entre os militares (oficiais) como entre soldados, porque, com toda segurança, nem todos os que são enviados ao campo de batalha pensam como a camarilha pró-ianque que está no poder. "Conclamamos a todos os patriotas, militares e soldados, que deixem suas armas; à gloriosa juventude da Pátria, a não se incorporar ao Exército; às mães, que evitem que seus filhos sejam imolados, defendendo uma camarilha vendida ao dólar, que entrega o melhor de nossas riquezas ao voraz imperialismo ianque. "O Exército de Libertação Nacional conclama o povo boliviano a cerrar fileiras, a soldar a mais férrea unidade sem distinção de cores políticas; aos patriotas que estão em condições de luta que se incorporem às fileiras do Exército de Libertação Nacional. Também é possível ajudar de fora, pois existem mil maneiras de fazê-lo e o engenho criador do povo encontrará as mais variadas formas, desde grupos de amigos até as formas mais audazes. O problema é organizar-se e fazer que a camarilha governante e seu amo, o imperialismo ianque, sintam tremer sob seus pés o solo boliviano. Advertimos ao povo que o imperialismo ianque, a fim de manter nosso país sob seu domínio, recorrerá a novos generais e civis e, inclusive, a pseudo- revolucionários, aos quais, por sua vez, irá mudando. Não se deixem surpreender nem enganar, conforme tem ocorrido ao longo de nossa história. Desta vez a luta começou e não terminará, a não ser no dia em que o povo se governe a si mesmo e o domínio estrangeiro tenha sido erradicado. "Advertimos que o Exército de Libertação Nacional velará pelo fiel cumprimento dos

ideais populares, punirá, no momento oportuno, o opressor atual, o torturador, delator e traidor, aos que cometam injustiças impunes contra os pobres. As organizações de defesa civil estão sendo formadas. Começaram a atuar os tribunais populares revolucionários a fim de julgar e punir. "Finalmente, o Exército de Libertação Nacional expressa a sua fé, a sua confiança e a sua segurança no triunfo contra os ianques, invasores disfarçados de assessores, ianques ou não. Não nos permitiremos descanso ou repouso até ver livre o último reduto do domínio imperialista, até que se vislumbre a felicidade, o progresso e a sorte do glorioso povo boliviano. "Antes morrer que viver como escravos! "Vivam as guerrilhas! "Morte ao imperialismo yanque e sua camarilha militar! "Liberdade para todos os patriotas detidos e confinados!

Shancahuazú, abril de 1967

Exército de Libertação Nacional"

O manifesto praticamente não circula na Bolívia, exceto entre pequenos círculos politizados. Surge no exterior e é reproduzido em diferentes países, mas não altera um sentimento que se generaliza entre observadores mais lúcidos: os guerrilheiros estão metidos numa ratoeira e têm atrás deles forças militares cada vez mais aptas para a luta na selva.

Uma coluna guerrilheira se desloca em direção ao leste, onde passa a linha do ferrocarril que une Yacuiba, sobre a fronteira da Argentina, com Santa Cruz, ao Norte. Sucedem-se novos combates, nas imediações de El Espino e de Muchiría, e a coluna continua dirigindo-se para o norte. Cruza o Rio Grande, na cercania de Abapó, uma aldeia imóvel, e já na margem esquerda do rio avança até alcançar a confluência com o rio Rositas, onde se desenvolve outra escaramuça. Seguindo sempre o curso do rio Rositas, chega a coluna ao rio Morocos e, no lugar chamado Piraí, dá-se um novo e violento choque com o exército, onde três guerrilheiros perdem a vida. A coluna está formada pelos melhores elementos de que Che dispõe, inclusive seus veteranos de Cuba. Sua marcha para o norte busca alcançar a estrada que une as cidades de Cochabamba e Santa Cruz e, pela aproximação de regiões mais povoadas, tenta superar o isolamento total da garganta de Nancahuazú. O chefe da

coluna é o comandante cubano Acuña Núñez, responsável e sensato, que não exporá seus homens sem necessidade, mas que é capaz de conceber os mais audazes empreendimentos.

Acuña Núñez planeja e executa uma manobra sensacional.

No dia 7 de julho de 1967, os guerrilheiros bloqueiam a estrada de Santa Cruz a Cochabamba, numa zona chamada Las Cuevas, cortam as linhas telefônicas e se apoderam de um ônibus de passageiros. Com esse veículo, onde viajam estudantes entusiastas que imediatamente começam a participar, como no cinema, de uma aventura excepcional, os guerrilheiros penetram em Samaipata, povoação à margem da estrada. A ocupação de Samaipata dura pouco mais de uma hora, mas produz politicamente um elevado alento.

Enquanto alguns prendem as autoridades locais, outros adquirem roupas, víveres e medicamentos. Há tempo ainda para uma arenga política, diante dos olhos assustados dos camponeses.

Para me ocupar da defesa de Ciro Bustos, cheguei a La Paz em 12 de julho, cinco dias antes deste episódio. Era evidente que a opinião pública se encontrava profundamente emocionada. As guerrilhas estavam desligadas do mundo inteiro, mas se mostravam capazes de realizar um esforço de imaginação e de valor como para zombar do exército sob o seu próprio nariz, apoderar-se de uma povoação e servir-se à vontade de tudo que necessitavam. O povo aceitava essa história como se, na realidade, a julgasse, ao mesmo tempo, apaixonante e distante. Liam-na nos jornais, conheciam os mais insignificantes detalhes e a enfeitavam com o produto de sua própria fantasia. Foi um dos piores momentos para o governo de Barrientos, que tentava conservar-se calmo.

Na verdade, o MNR não participava da guerrilha mas estava, como todos os outros partidos, disposto a utilizar-se de sua existência com o objetivo de acabar com o governo militar. Tanto Barrientos como seus companheiros do Exército haviam sentido a existência deste estratagema e tratavam de paralisá-lo. Havia trabalhado com êxito desigual no campo político, a começar pela declaração de estado de sítio nos primeiros dias de junho. A esta medida, seguiu-se uma série de prisões de dirigentes partidários, na

maioria do MNR, e uma tentativa de Barrientos para complicar os líderes deste partido com as guerrilhas comunistas. Mas o procedimento dos policiais irritou a população das cidades e levou muitos agitadores para as concentrações mineiras.

Os meses de junho e julho foram, possivelmente, os da mais alta instabilidade política em toda a Bolívia. A 24 de junho o Exército atacou os mineiros de Catavi, que operavam na área mineira, matando 40 deles, ferindo a mais de 100. Este massacre, conhecido como o "Massacre de San Juan", não reverte a favor das guerrilhas de Che. A dramática falta de comunicações de sua guerrilha verifica-se agora, quando há duas ações paralelas que não conseguem se entender e cada uma segue, solitária, para a sua extinção.

A surpresa de Samaipata ridicularizou o governo e pôs em discussão a eficácia do Exército, o que era outra forma de duvidar do governo. Três dias depois, dois dos três partidos que constituíam a frente oficialista retiraram seu apoio. O regime cambaleou.

Acicatado por uma atmosfera cada dia mais desfavorável, o Exército esforça-se em se vingar. No dia 20 de julho, trava-se uma batalha à beira do Rio Morocos, onde Che acampara com seus homens. É o primeiro encontro onde a iniciativa parte integralmente do Exército e onde o acampamento de Che é surpreendido. Os militares ali se apropriam de alguns elementos de inestimável valor para os guerrilheiros, que já não estão, definitivamente, em condições de substituir o que perdem: dez mochilas, rádios, transmissores-receptores, armas e munições.

A ofensiva militar toma agora um caráter mais firme e sistemático. Começa-se a sentir a influência profissional dos "boinas verdes" norte-americanos, entre eles onze superespecialistas que foram transportados para a Bolívia, vindos do Vietnã, e que instruem aceleradamente 650 rangers bolivianos. Os rangers nativos são treinados em dezenove intensas semanas e os primeiros sete dias são consagrados a exercícios de tiro com fuzil e morteiro, camuflagem, localização de objetivos e escuta de movimentos noturnos. Passam depois para a aprendizagem das táticas de emboscada e contra-emboscada e continuam os ensinamentos até a hora em que são enviados para o combate. Os soldados bolivianos

foram bons alunos. Che reconhece sua capacidade e resistência e o comandante Shelton, chefe dos "boinas verdes", preferiu louvar o aspecto econômico da guerra na Bolívia.

— Matar um vietcongue custa 400 mil dólares, mas na Bolívia sai bem mais barato.

Até que ponto era correta a estimativa de Shelton pude comprovar pouco depois, em setembro, quando assisti a uma patética cerimônia em que se distribuía um prêmio aos rangers que acabavam de travar, com êxito, uma batalha contra os guerrilheiros, matando muitos deles. Foi em Santa Cruz, onde os 35 soldados estavam formados no pátio central de um velho casarão que servia de quartel. Eu havia ido pedir um salvo-conduto para continuar viagem até Camiri, mas o comandante da região militar foi de opinião que eu deveria esperar algumas horas. De pronto, os soldadinhos se puseram firmes e chegaram as figuras gradas do lugar, a comissão diretora do Rotary Club local. Traziam pequenos pacotes que empilharam sobre uma mesa de madeira tosca. Houve um discurso, no qual se defendeu a civilização ocidental e, poucos momentos depois, uma dama começou a distribuir os pacotes. Os soldados os abriram avidamente e pude, então, ver o que continham: uma muda de roupa de baixo e uma lata de sardinhas. Era o salário do medo, o prêmio pela cruel luta contra as guerrilhas. O comandante Shelton não mentia quando comparava o custo da caça a um guerrilheiro na selva virgem da Bolívia e no Vietnã.

No dia 31 de agosto, o Exército arma uma emboscada à coluna do comandante Acuña Núñez, composta de 17 guerrilheiros .

Foi preparada com todo cuidado, depois de o filho de um camponês ter contado a um soldado que, enquanto seu pai pescava nas águas do Rio Grande, dois guerrilheiros entraram em sua casa, buscando alimentos.

No lugar chamado Vado dei Yeso cruzam-se as águas cristalinas do rio Masicuri com a corrente turbulenta e arenosa do Rio Grande. Há praia em ambos os lados e, em seguida, um espesso matagal.

Os dois guerrilheiros prometeram voltar no dia seguinte.

Quando os militares descobrem a novidade, ordenam à esposa do camponês que volte para casa e receba com calma a visita dos

guerrilheiros. O Exército, entretanto, se esconde na mata, e espera pacientemente. Voltou também o camponês dono da choça e, rapidamente, instruem-no sobre o que deverá fazer; o principal, vestir camisa branca, de maneira que os soldados não o confundam e não o matem também.

Aparece, por fim, o comandante Acuña Núñez e cruza o rio, de cujas águas bebe com as mãos. Atrás dele começam a passar os demais. Quando avançam em direção ao bosque, começa o tiroteio. Acuña Núñez e um soldado são alvejados de perto e os dois caem mortos ao mesmo tempo. Os guerrilheiros abandonam suas mochilas, para se mover melhor no leito do rio, e logo a corrente arrasta vultos difíceis de identificar: alguns são mochilas, outros são homens. Os soldados disparam contra todos. O rio se avermelha de sangue. A coluna de dezessete homens perde nove deles; os oito restantes estão agora mal armados e sem líder.

Os fugitivos voltam a se chocar com o Exército, dois dias mais tarde em Yajo Pampa, na mesma zona do Rio Grande e mais quatro guerrilheiros perdem a vida. A que antes fora a perigosa coluna do comandante Acuña Núñez, agora caminha para o seu extermínio.

Che, entretanto, está em contínuo movimento com seus homens. Não são mais de vinte a essa altura de campanha. Tem muitos problemas quanto à alimentação, e não encontra colaboração entre os camponeses. Nenhum camponês, tampouco, se incorporou à sua força.

A campanha de Lênin na Polônia volta forçosamente à sua memória. As palavras que Lênin usou para explicar a Clara Zetkin aquele fracasso (*Reminiscences of Lenin*, New York, International Publishers, 1934, pág. 18), parecem escritas especialmente para descrever a situação de Che.

"Nossa vanguarda valente e confiada", explicou Lênin, "carecia de reservas de homens e munições, e nem por um só dia dispôs de pão suficiente. Tinha que requisitar pão e outros alimentos aos camponeses da Polônia. Por isso, os poloneses viam no Exército Vermelho inimigos, não irmãos e libertadores."

Sem reservas e sem pão, agora é hora de fuga constante pelas regiões de Caraparí, Yuque e Ticucha. Dá-se um combate na

quebrada Iquira, onde Che perde materiais, um homem e uma valiosa coleção de documentos. Estes últimos se verão enriquecidos com os que aparecem em mais quatro depósitos, entre eles um do Quartel-general de Che, em Nanchahuazú, que finalmente é descoberto.

A 22 de setembro, a documentação é exibida pelo chanceler boliviano em Washington, que denuncia a presença de Guevara perante a reunião de embaixadores latino-americanos convocados pela OEA. O efeito é curioso: quase ninguém acredita que as fotos pertençam realmente a Che, ou porque estavam convencidos de sua morte anterior, ou porque o nível de credibilidade merecido pelo governo boliviano é muito baixo.

Nesses mesmos dias, Guevara estava retraído com um grupo de 16 homens, fugindo à perseguição de mais de 1.500 rangers.

Para os líderes militares, a documentação recolhida foi mais convincente que para os embaixadores. Para eles não há dúvida: Che estava encurralado no fundo de um barranco coberto de vegetação, mas cujas bordas, totalmente desnudas, não lhe permitiam sair sem ser visto.

Juntou-se, no entanto, o testemunho de um desertor, que nos últimos dias de setembro se entregara ao Exército, perto do Rio Grande, valendo-se de um indulto oferecido a todos os que se rendessem imediatamente. O desertor explicou que Che estava gravemente doente, o que parece ter sido um exagero, pelo menos no momento da declaração.

No dia 26 de setembro, dá-se um combate em Higuera, bem próximo à quebrada de Yuro. Foi longo e à luz do meio-dia, o que os levou a abandonar os seus mortos — três, entre eles o líder boliviano Roberto Peredo. Acabavam de se reabastecer de provisões e medicamentos, quando apareceu a patrulha do Exército e tiveram de travar batalha.

A partir desse encontro, a força de Che fraciona-se para melhor se deslocar e volta a se reunir à noite em lugares combinados de antemão. Guevara tem que conhecer bem o terreno em que se move, para decidir o rumo, e o faz nos dias 6 e 7 de outubro,

quando completa doze meses contínuos de operações militares na selva.

É otimista quanto ao futuro, já que não interrompe as anotações de seu diário e considera que a organização guerrilheira se desenvolveu até então "sem complicações" .

Nesse dia fazem contatos esporádicos com camponeses. Uma velha pastoreando uma cabra assegura que não vê os soldados há bastante tempo, mas os guerrilheiros desconfiam das notícias. De tarde, alguns homens entram numa casa onde há outra mulher, com uma filha prostrada na cama e deixam dinheiro para que ela se cale, embora sem muita esperança de que ela o faça.

Recomeçam a marcha sobre um solo delator, semeado de batatas junto aos veios d'água, que partem do rio Yuro e registram as pegadas úmidas dos 16 guerrilheiros.

No dia 8, uma camponesa avisa o Exército de que ouviu vozes no vale do rio Yuro, perto da desembocadura de Santo Antônio. Os militares enviam várias patrulhas de reconhecimento e, por volta de uma e meia da tarde, uma rajada de metralhadora dos rangers revela que foi estabelecido contato com a guerrilha.

O homem mais avançado é o mineiro boliviano Simón Cuba, um excelente atirador, que faz fogo duas vezes, escondendo-se rapidamente. Por trás dele está Che, que também abre fogo, até que algumas balas o atingem nas pernas. Cuba, num heróico ato de lealdade, carrega-o sobre os ombros, tentando afastá-lo da linha de fogo. Mas outra rajada volta a ferir Guevara, fazendo sua boina voar longe. Cuba então apoia-o no solo e se dispõe a continuar disparando, mas está cercado, a menos de dez metros. Todos os rangers atiram sobre ele ao mesmo tempo.

Che está agora numa posição extremamente difícil, mas tenta a última resistência. Apoia-se numa árvore com uma das mãos, enquanto, com a outra, continua operando sua M2, apesar de se tratar de uma arma longa. Mas não o consegue mais que alguns minutos. Uma bala fere-o de novo na perna direita e outra o alcança justamente na mão que empunha a M2. A arma salta de sua mão, com o punho partido e a bala segue seu caminho, voltando a ferir o antebraço direito.

Os sitiados o rodeiam, ele cai prisioneiro.

Tem várias feridas, mas sua vida não corre perigo. Também não perde a consciência, a tal ponto que um de seus agressores, com um músculo ferido e sangrando pela artéria femoral, ter sua vida salva graças às ordens dadas por Che para que se lhe fizesse um torniquete.

O prisioneiro é levado para Higuera, a uns doze quilômetros do lugar onde se deu o combate.

Sua sorte depende nesse momento de dois homens: um deles é o capitão Gary Prado Salgado, chefe de companhia de rangers do 2.º Regimento, que o capturou, e o outro é o coronel Andrés Selnich, comandante do Terceiro Grupo Tático, superior hierárquico do primeiro.

Prado é um militar educado nos Estados Unidos; seu pai foi general do velho exército, que chegou a Ministro da Guerra. É um aristocrata, a quem os soldados chamam respeitosamente de "cavalheiro inglês". Selnich também é, a seu modo, um aristocrata.

Num exército onde nove em cada dez possuem sangue indígena, o coronel Selnich exibe sua raiz étnica européia, e isso o distingue dos outros.

Guevara conversa com os dois. Interessa-se em saber de que unidades procedem, qual foi sua formação profissional, se estiveram na escola de contraguerrilha do Panamá. Sofre com as diferentes feridas e enfraquece visivelmente, embora não tenha nenhuma hemorragia importante. Não se pode mover e, quando o tenta, desiste logo após. Os militares se preparam para transportá-lo para Higuera. Quatro soldados o levam, estendido sobre uma manta do Exército, e ali o deixam num quarto vazio de móveis, pertencente à escola do povoado.

Durante as horas seguintes, há uma expectativa tensa entre os oficiais e muitos comentários e murmúrios entre a soldadesca.

Sabe-se que o major Niño de Guzmán tentou levar Guevara no helicóptero que dirige até a localidade de Vallegrande, onde poderia chegar em apenas 20 minutos. Diz-se até que o major discutiu com o coronel Selnich, que insiste em primeiro transportar seus soldados feridos.

Inúmeras consultas se sucedem entre os captores e as autoridades militares, principalmente com o coronel Joaquín Zenteno Anaya, que comanda a oitava divisão do Exército, e mantém contatos telefônicos com La Paz. Na manhã de 9 de outubro, as consultas chegam a um fim: Che será executado nessa mesma manhã, no lugar onde se encontra prisioneiro.

Está sentado no chão, as costas apoiadas contra a parede.

Ofega debilmente e distingue com dificuldade, devido à má iluminação, a entrada de duas pessoas.

O capitão Prado aproxima-se por detrás e dispara-lhe uma rajada de metralhadora no pescoço, de cima para baixo. Quatro balas atingem o alvo. O coronel Selnich aproxima-se e dispara uma única vez sua pistola de nove milímetros. A bala atravessa o coração e um pulmão. É o tiro de misericórdia. Está morto.

Quando tentaram retirá-lo do lugar do crime, os dois verdugos não conseguiram ocultar um estremecimento de terror: Che Guevara tinha os olhos muito abertos e serenos e um sorriso que para eles significava desdém e, para o resto do mundo, simplesmente, amor.